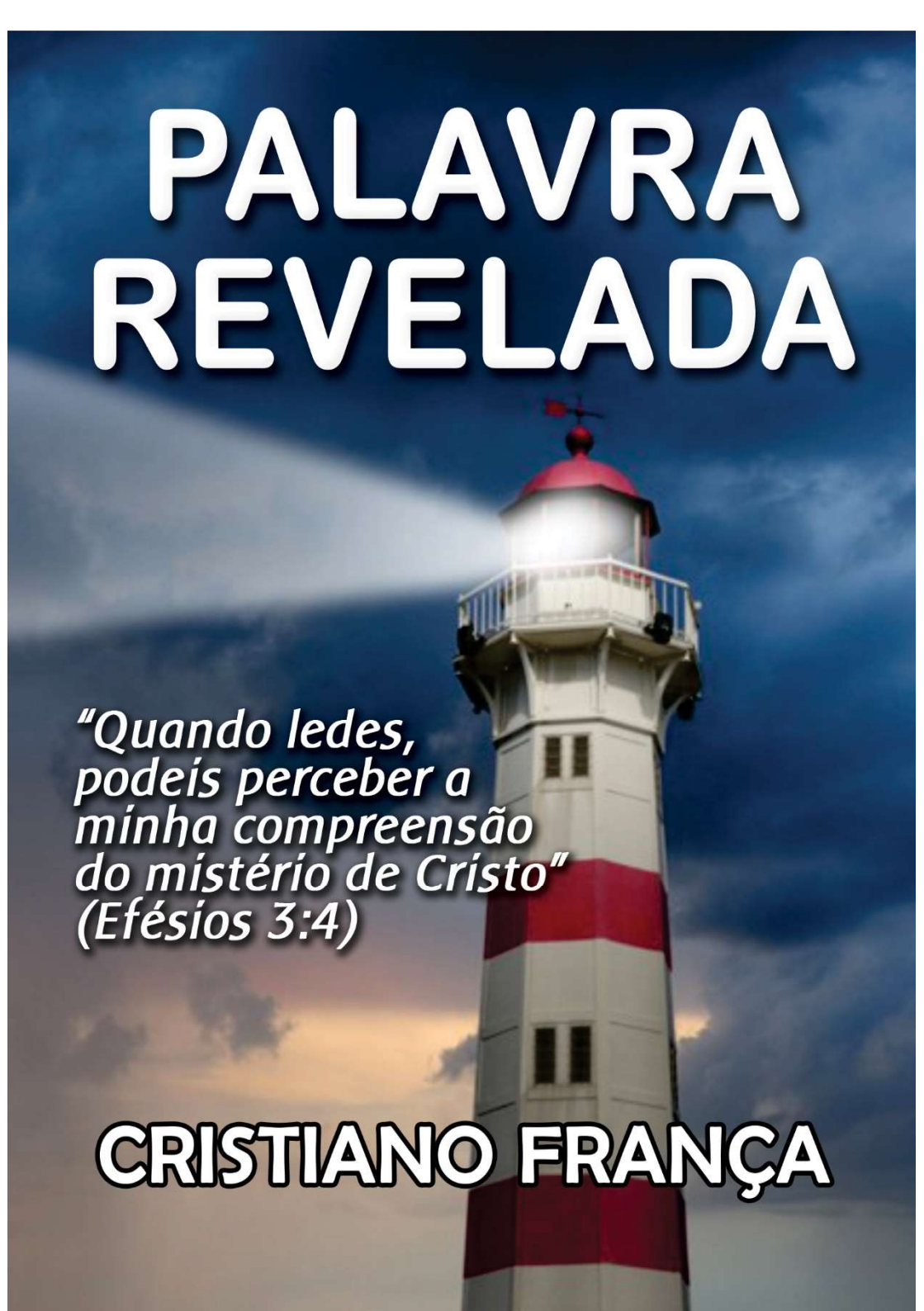


PALAVRA REVELADA



*"Quando ledes,
podeis perceber a
minha compreensão
do mistério de Cristo"
(Efésios 3:4)*

CRISTIANO FRANÇA

CRISTIANO FRANÇA

Palavra Revelada

2ª Edição
Rio de Janeiro, Brasil.
Agosto de 2019

Copyright © Ministério Internacional Graça sobre Graça,
2019. Publicado através da GSG Editorial, Rio de Janeiro.

TÍTULO:

Palavra Revelada

Todos os direitos desta edição estão reservados ao
MINISTÉRIO INTERNACIONAL GRAÇA SOBRE GRAÇA

CONCEPÇÃO DA CAPA:

Eternus Produções

EDITORACÃO ELETRÔNICA E EDIÇÃO:

GSG Editorial

REVISÃO:

Juliana Dutra

França, Cristiano

Palavra Revelada (2ª edição) / Cristiano França —
Rio de Janeiro, Brasil: GSG Editorial, 2019.

210 p.

1. Literatura Cristã. I. Título

Esta versão digital é para
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.

São terminantemente PROIBIDAS A VENDA
e a ALTERAÇÃO DOS TEXTOS deste livro por terceiros.



Dedico esta obra ao meu amado Senhor e Eterno Pai,
Jesus Cristo Ressuscitado

Agradecimentos

A Deus por ter me escolhido desde antes da fundação do mundo, me separado desde o ventre materno e me capacitado a escrever os textos que compõem esta obra literária. Te amo, Senhor.

Aos meus pais — João e Eny — pelo amor e dedicação dispensados a mim, pela educação que me deram e por terem me ensinado o bom caminho que sigo até hoje em minha vida. Amo muito vocês.

À minha esposa — Juliana — por me amar, me incentivar em todos os momentos (principalmente nos mais difíceis), por sempre me dar dicas preciosas (ela sempre acerta ‘na mosca’) e por ser esta grande companheira, amante e cúmplice. Te amo, Branca!

E a todos os demais irmãos que estão juntos comigo nesta difícil jornada que é a divulgação da Palavra da Graça. Sou grato por cada e-mail enviado a mim, cada divulgação feita, cada semente plantada, cada palavra de ânimo a mim oferecida, cada abraço, enfim, sou grato a TODOS VOCÊS POR TUDO. Eu os amo. Vocês são a minha verdadeira família. Graça e paz vos sejam multiplicadas!

Cristiano França.

Sumário

Prefácio	8
Graça: um viver em excelência	9
Amor: a essência da Graça	13
Somos a Igreja de Cristo	16
Você está (realmente) debaixo da Graça?	19
A maldição do tradicionalismo	23
Não ignore os benefícios da cruz	27
Acredite, você está em paz com Deus!	30
Somos imitadores de Paulo	33
Gentios: o mistério revelado	37
Separe Paulo e entenda a Graça	40
A genuína conversão	43
O amor de Cristo e a segurança da Salvação	47
Religião: o esterco do mundo	51
Evangelho da Graça: um filtro perfeito	54
Um pouco de fermento... ..	57
Usufrua de sua liberdade	60
Controle-se!	64
O Capacete da Salvação	68
Predestinação: coletiva ou individual?	71
A inutilidade dos sacrifícios	75
Não nos cansemos de fazer o bem	79
A Mensagem da Ressurreição	82
O genuíno Jejum	86
A verdadeira Renovação	90
Mantenha-se salvo	94
As riquezas incompreensíveis de Cristo	97
O povo de Deus já é abençoado	100
Os inimigos da cruz de Cristo	103
O mistério de Deus com os gentios	107
O homem espiritual	111
O Gólgota e a divisão dos tempos	115

O Primogênito da Nova Criação	118
Assim na Terra como no céu	121
O descanso que provém do Evangelho	124
Não estamos em pecado	128
O espírito do mundo	132
Já nascemos selados com o Espírito Santo	136
Libertação ou Disciplina?	140
Anjos em vasos de barro	144
Oração x Religiosidade	147
O pensamento positivo e a Graça de Deus	152
O bem e o mal	156
Ao homem isso é impossível	159
O Evangelho da Graça e o autoconhecimento	164
Afinal, quem é o “deus deste século”?	167
Como ouvirão, se não há quem pregue?	170
O Reino de Deus precisa ser “ativado”	173
Culto racional ou culto emocional?	176
Oração: uma arma muito poderosa	179
Já comemos a Sua carne e bebemos o Seu sangue	182
Os gentios jamais tiveram Lei	185
A causa da Eterna Salvação	188
Somente a Deus toda honra e toda glória	191
Galardão: a Justiça de Deus em nossas vidas	194
A Graça veio por Jesus ou por Paulo?	198
Nós não somos como Moisés	201
Conceitos da Graça no Salmo 23	204
 CONTATOS E REDES SOCIAIS	 208
CRISTIANO FRANÇA	209

Prefácio

Este livro é, sem sombra de dúvidas, a realização de um grande sonho. Estamos iniciando a partir deste trabalho uma longa caminhada — assim espero em Deus — no que se refere ao lançamento de livros em Graça. Baseado na Fé que tenho em Cristo quero confessar que esta obra literária é a primeira de uma imensa série de livros.

Há muitos anos que escrevo sobre a Graça para publicar na Internet. Confesso que já perdi a conta do número exato de textos que temos, mas sei que são muitos. E o que gerou este livro é o desejo que sempre tive de organizar estes textos — ao menos os que considero os mais impactantes — em uma publicação deste tipo. Assim nasceu o livro *Palavra Revelada*.

Oro a Deus para que este livro traga a iluminação dos olhos espirituais para todos que o lerem (mas já ficarei feliz se ao menos a maioria se interessar pela Graça por meio deste trabalho). E mesmo que para você os textos contidos aqui não sejam *novidade*, recebo que eles trarão o refrigério do Evangelho da Paz ao seu entendimento, pois a Palavra de nosso Senhor é viva, eficaz e sempre se renova.

Caminhe comigo a partir de agora pelas veredas do conhecimento do Evangelho da Graça de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, o Ressuscitado.

Boa leitura.

O autor.

Graça: um viver em excelência

Quando o Senhor me permitiu vislumbrar o conhecimento de Sua Graça, meus olhos espirituais foram iluminados (Efésios 1:18) de tal maneira que eu passei a enxergar a excelência do Evangelho como nunca antes havia visto e entendido. Eu, como muitos hoje em dia, achava que aquelas obrigações impostas por pastores e líderes em geral faziam parte do cotidiano do cristão; achava que servir a Deus era viver “pagando o preço”, jejuando, subindo em montes, sacrificando minha carne, acreditando estar sempre “em pecado”, acreditando que o “diabo” poderia a qualquer momento “me pegar” etc. E por que eu pensava assim? Porque não tinha o entendimento, ou seja, não tinha a verdadeira libertação que só a Verdade (o Evangelho da Graça) pode proporcionar (João 8:32). Com isso, eu vivia anulando o valor da morte de Cristo e, conseqüentemente, anulava a Graça de Deus em minha vida (Gálatas 2:21).

Enquanto não se alcança a Revelação da Graça de Deus (como a maioria dos ministérios e congregações hoje em dia ainda não alcançou) a pessoa tem, sim, um zelo por Deus, mas é um zelo **sem entendimento**. Veja: *“Porque lhes dou testemunho de que eles (os que vivem na Lei) têm zelo de Deus, mas não com entendimento”* (Romanos 10:2). Porém, quando Deus revela a

Sua Graça aos Seus eleitos, Ele tira o véu dos olhos (2ª Coríntios 3:13-15) e, assim, Seus filhos passam a enxergar a vida excelente que só a Graça do Senhor pode oferecer. Alguém pode perguntar: “Por que viver em Graça é viver em excelência?”, e eu respondo com muito prazer: porque a Graça nos liberta das doutrinas humanas, dos costumes de homens, dos sacrifícios corporais — já que deixamos de querer servir a Deus com a nossa carne, isto é, com sacrifícios (montes, jejuns, vigílias etc.) e tradicionalismos (ceias, sábados, dízimos, usos e costumes etc.) e passamos a servir a Deus apenas em espírito (com a mente — Romanos 7:25), com liberdade, por amor e por fé:

“Porque a circuncisão somos nós, que servimos a Deus em espírito (...) e não confiamos na carne.” (Filipenses 3:3).

Viver em Graça nos faz viver em excelência porque servimos a Deus com entendimento e conhecendo os verdadeiros benefícios de Cristo em nossa vida, tais como: em Cristo fomos livres do império das trevas para sempre (Colossenses 1:13), livres do pecado (Romanos 6:2; Hebreus 9:26), livres de condenação (Romanos 8:1), livres dos mandamentos de homens e das doutrinas humanas (Colossenses 2:20-23), livres do judaísmo — doutrinas judaicas que campeiam as congregações hoje em dia (Gálatas 2.14), e mais: em Graça conhecemos que já fomos abençoados com toda sorte de bênçãos (Efésios 1:3), que vivemos por fé e não pelo que vemos (2ª Coríntios 5:7), que já estamos em paz

com Deus (Romanos 5:1), que fomos predestinados em amor para sermos filhos de Deus e que, por isso, somos salvos (Efésios 1:4-11; 1ª Tessalonicenses 5:9), somos aperfeiçoados em Cristo para sempre (Colossenses 2:10; Hebreus 10:14), que somos mais do que vencedores (Romanos 8:37), enfim. Estes são alguns dos inúmeros motivos que tornam a vida em Graça um viver em excelência.

Nosso grande sonho é fazer com que a Igreja Amada de Deus fique livre dos homens fraudulentos (e quando falamos em Igreja nos referimos ao Corpo de Cristo no mundo e não a denominações) e dessas tradições malditas que só atrapalham a vida dos eleitos; isto, sem falar dos estatutos humanos que são impostos na Obra de Deus e que só sufocam a Verdade do Evangelho da Graça.

Meus irmãos amados, sejam instrumentos de Deus na luta pela pregação do verdadeiro Evangelho que liberta de fato (sem precisar das tais “correntes” e “campanhas de libertação” — que não passam de práticas feitas para inchar as congregações apenas com fins lucrativos). Eu convido a todos os amados a nos ombrearem em prol do avanço do Evangelho da Graça, pois fomos aprovados por Deus para pregarmos esta Mensagem perfeita que transforma e alforria as ovelhas de verdade:

“Mas, como fomos aprovados por Deus para que o Evangelho nos fosse confiado, assim falamos, não como para agradar aos homens, mas a Deus...” (1ª Tessalonicenses 2:4)

O que mais agrada a Deus é ver a Sua Graça sendo pregada nos quatro cantos desta Terra. Por isso que o Senhor, nestes últimos anos, tem levantado ministros em todo o mundo que pregam a Verdade sem medo e com toda liberdade. Afinal, Deus Se fez carne com um grande propósito:

*“...Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância.”
(João 10:10)*

Amor: a essência da Graça

*“Pois **o amor de Cristo nos constrange**, porque julgamos assim: se um morreu por todos, logo todos morreram.”*
(2ª Coríntios 5:14)

Todas as coisas na vida têm suas essências. Isto é, tudo que existe possui alguma coisa que é fundamental para que a sua existência seja possível. Neste caso, se alguém hoje me perguntasse o que é fundamental para que a Graça de Deus seja uma realidade, eu não titubearia em responder: **o amor**.

A Palavra nos garante que nós somos — e sempre seremos — salvos. E esta Salvação nos foi concedida gratuitamente:

*“Porque **pela graça sois salvos**, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie.”* (Efésios 2:8-9)

Pergunto: o que, se não o amor de Deus, faria com que nós fôssemos salvos para sempre sem que nada nos fosse exigido em troca? Só por meio de um **profundo e inexplicável amor** o Senhor Se manifestaria no mundo em carne (1ª Timóteo 3:16), sofreria as dores, enfrentaria todas as tentações humanas e pagaria um alto preço para nos conceder tudo pela Graça:

*“Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, **POR AMOR** de vós se fez pobre, para que pela Sua pobreza fôsseis enriquecidos.” (2ª Coríntios 8:9)*

Todo o nosso enriquecimento espiritual é fruto do amor inefável de Deus por nós. Se nós dependêssemos de nossos méritos, jamais conseguiríamos alcançar um por cento das conquistas que Cristo nos outorgou gratuitamente.

Existe outro aspecto interessante que devemos salientar também: **o amor** não é a essência da Graça somente da parte de Deus para nós. O mover da Graça do Pai em nossas vidas em relação à Sua obra também, evidentemente, tem como essência **o amor**. Isto é: uma vez que sabemos da nossa posição diante de Deus (predestinados, justificados, salvos, abençoados, glorificados, sem pecado etc.), o único motivo para entregarmos nossas vidas à obra de Deus é amá-lo acima de tudo. Afinal, não precisamos fazer nenhuma obra para sermos amados por Deus e sermos salvos, pois **já somos (amados e salvos) eternamente**; aliás, Ele nos ama desde antes da fundação do mundo, quando ainda nem tínhamos nascido aqui (Romanos 9:11-13).

Quando nós, por exemplo, contribuímos financeiramente com o Ministério, uma vez que não há Lei ou qualquer ordenança que nos **obrigue** a tomarmos qualquer atitude neste sentido, esta contribuição só pode ter uma origem: **o nosso amor à obra**. Quando buscamos viver em santidade, mesmo sabendo que diante de Deus já fomos santificados de uma vez por to-

das, esta nossa atitude é fruto de nosso amor a Deus e à Sua obra. Quando desprendemos nosso tempo e talento em prol do avanço da Mensagem da Graça, uma vez que nós não somos justificados diante de Deus por meio de nossas atitudes, esta postura só pode ser fruto de nosso amor ao Reino de Deus. Não por acaso, Paulo afirma:

*“Mas o que para mim era lucro passei a considerá-lo como perda **por amor a Cristo.**” (Filipenses 3:7)*

O amor que moveu o agir de Deus em relação a nós é o mesmo sentimento que nos move em relação a Ele e ao nosso próximo também. A religião nos ensina a fazermos a obra pensando em ganhar o retorno da parte de Deus (bênçãos, salvação eterna etc.). O genuíno Evangelho da Graça, ao contrário, nos ensina a realizarmos o que nos está proposto sem qualquer sentimento de barganha, mas apenas por amor. Àquele que nos amou primeiro.

*“Antes, **seguindo a verdade em amor**, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo.” (Efésios 4:15)*

Somos a Igreja de Cristo

Muitos são os costumes que foram imputados na mente do povo de Deus ao longo desses muitos anos de império legalístico “cristão”. E um dos costumes mais presentes em nosso dia a dia é a famosa frase: “Eu vou à Igreja” — usada para se referir ao local de reuniões. Como a tradição religiosa permaneceu com a ideia de “templo” nesta Nova Aliança (ideia esta oriunda do Antigo Pato), esta frase ficou inserida em nossos lábios durante anos por causa deste erro doutrinário. Muitas são as denominações que ainda “endeusam” seus salões e prédios chamando-os de “templos” e atribuindo, inclusive, santidade a eles. Muitos vão além e afirmam que Deus só Se manifesta em seus “templos” como acontecia no Templo dos judeus. Não poucas vezes vi placas estampando com certa empáfia: “Templo Batista”, “Templo Messiânico”, “Templo Cristão”, entre outros. Um verdadeiro absurdo!

A verdade é que não existem mais templos de alvenaria ou prédios e salões santos. Santo é o povo de Deus. Quando o povo do Senhor se reúne em certo lugar, ali se torna um ambiente santo em função do povo, não em função do lugar. A concepção de templo para os líderes religiosos atuais é bastante equivocada e, portanto, antibíblica (como quase tudo em suas ideias).

A Igreja não é o lugar, o prédio ou o terreno. A Igreja e o templo SOMOS NÓS, visto que nesta Nova e

definitiva Aliança, a palavra “templo”, em seu sentido real e neotestamentário está diretamente relacionada aos nossos corpos e não a um lugar, um salão, uma sinagoga ou coisa que valha:

“Porque nós somos cooperadores de Deus; vós sois lavoura de Deus e edifício de Deus.” (1ª Coríntios 3:9)

“Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo...?” (1 Cor. 6:19)

“...o Altíssimo não habita em templos feitos por mãos de homens, como diz o profeta: O céu é meu trono, e a terra o escabelo dos meus pés. Que casa me edificareis, diz o Senhor, ou qual o lugar do meu repouso? Não fez, porventura, a minha mão todas estas coisas?” (Atos 7:48-50)

E quando estes costumes errôneos ainda existem na mente de quem já está em Graça? Bem, quando isto acontece, significa que o intelecto espiritual deste santo precisa ainda ser limpo do que eu chamo de “ranço” ou “mofo” oriundo do legalismo. Pode parecer uma preocupação inútil, mas o fato é que quem está em Graça e conhece a Palavra de Deus tem que ter a sua confissão, seu modo de pensar e agir sempre rigorosamente em linha com a Palavra do Novo Pacto. Em suma, aquela pessoa que está em Graça e conhece a sua posição em Cristo não deve dizer que “vai à Igreja” referindo-se ao local. A confissão da pessoa em

Graça deve ser que ela mesma (unida aos demais irmãos) É A IGREJA.

Deus nos fez o Seu Templo. A Igreja somos nós e não o local onde nos reunimos. Hoje o Senhor habita e Se manifesta em nós, não em um lugar de alvenaria feito por mãos humanas. Portanto, cuide daquilo que você fala. Mantenha seus lábios sempre em linha perfeita com a Revelação do Novo Pacto, pois isto é bom e agradável ao nosso Deus.

Você está (realmente) debaixo da Graça?

*“Pois o pecado não terá domínio sobre vós, porquanto não estais debaixo da lei, mas **debaixo da Graça**.” (Romanos 6:14)*

A palavra “graça” está *na moda* já há algum tempo no meio cristão tradicional. Muitos têm usado esta palavra de significado tão precioso de forma totalmente indevida e sem nenhuma noção da sua real definição. É muito fácil andarmos pelas ruas e vermos congregações denominadas “*da Graça*”, mas será que realmente os adeptos dessas denominações estão debaixo da Doutrina da Graça de Deus? Do ponto de vista cronológico, TODAS os escolhidos de Cristo estão em Graça; ou seja, todos nós, independentemente de denominações religiosas, estamos vivendo no “tempo da Graça” visto que o Pacto de melhores e superiores promessas foi, há dois mil anos, firmado na cruz (João 19:30), confirmado na ressurreição de Cristo (1ª Coríntios 15:17) e inaugurado definitivamente na queda do Templo da Lei. Contudo, estar debaixo da Graça não é simplesmente viver depois da cruz. Estar sob a Graça é uma **posição** que os filhos de Deus se encontram a partir do momento em que seus olhos são iluminados. Muitos hoje em dia acham que estão debaixo da Graça apenas por estarem vivendo no período pós-cruz, mas não basta estar depois da cruz para se estar em Graça.

Através de uma breve conferida na carta Aos Gálatas podemos constatar isto:

“Ó insensatos gálatas! Quem vos fascinou a vós (...)? Separados estais de Cristo, vós os que vos justificais pela lei; da Graça decaístes.” (Gálatas 3:1a e 5:4)

Os gálatas, obviamente, já viviam depois da cruz, em pleno período transitório de Lei para Graça e já estavam sob os efeitos da Obra de Cristo na cruz. No entanto, ao concordarem em se submeter às obras da Lei e ao legalismo de homens privados da verdade, eles estavam dizendo não à Graça e aos seus benefícios. Não por acaso, Paulo disse que eles estavam *DECAÍDOS DA GRAÇA*.

Muitas são as denominações cristãs que têm o nome de “graça” em suas fachadas ou que dizem estar debaixo da Graça, mas, na verdade, estão decaídas desta posição por não assumirem *cem por cento* a Obra de Cristo, que é o Favor amoroso de Deus para nós. Não é difícil vermos denominações (é a maioria!) que ensinam os filhos de Deus, herdeiros das promessas, a lutarem em busca das bênçãos espirituais que já lhes pertencem em Cristo (Efésios 1:3), a buscarem em obras sacrificiais da carne (jejuns, subidas aos montes, vigílias etc.) a santificação que já nos foi outorgada (1ª Coríntios 1:30; Hebreus 10:10-14) ou a tentarem ter “mais comunhão” com Deus através de cerimônias oriundas da religião judaica, quando a nossa comunhão com o Pai e com nossos irmãos se dá pela presença do

Espírito Santo em nós. Enfim, são muitos equívocos que levam grande parte do povo do Senhor a negligenciar a Graça e estar decaído dela.

Quando um líder diz para as ovelhas de Deus que elas precisam fazer uma “campanha” para que sejam abençoadas, ou precisam fazer sacrifícios financeiros para serem bem-sucedidas, ou, ainda, que elas necessitam “pagar o preço” para obterem a Salvação, esse líder está, desgraçadamente, levando essas pessoas à ruína do medo e da escravidão. Isto é interessante para esse tipo de liderança, aliás, pois a negação à genuína Graça dá a essas denominações um grande lucro financeiro. É uma pena que, assim como os gálatas, muitas ovelhas nos dias atuais ainda se submetem a tudo isto.

Existe outro aspecto importante deste assunto: estar debaixo da Graça é mais do que frequentar uma congregação que prega a Graça de Deus. Como disse no início, estar submetido à Graça é uma POSIÇÃO (que deve ser assumida por aqueles que acreditam na veracidade da Palavra). Quem quer se submeter à Graça de Deus deve assumir uma vida de submissão aos princípios genuínos do cristianismo legítimo deste Novo Pacto, como: confiar plenamente em Deus e não na carne (Filipenses 3:3), perdoar aqueles que erram conosco e buscam o conserto (Efésios 4:32; Colossenses 3:13), viver em paz (Hebreus 12:14-15), primar pelo bom testemunho (Colossenses 4:5) e, acima de tudo, amar de verdade ao próximo com a si mesmo (Romanos 12:10).

Após ler este texto, responda: você está realmente debaixo da Graça? Bem, se você não se submete à Lei e ao legalismo e se as características de um verdadeiro cristão submetido à Palavra estão em sua vida, certamente sua resposta será: “Sim, eu estou debaixo da Graça!”

A maldição do tradicionalismo

“Invalidando assim a palavra de Deus pela vossa tradição, que vós ordenastes...” (Mateus 7:13)

Nem todas as tradições são ruins. Existem, sim, muitos costumes que são saudáveis e agregam bons e importantes valores. Um bom exemplo disto é quando uma escola tem como tradição ter um ensino rigoroso, que prepara bem os alunos para o futuro. Outro exemplo são as tradições familiares: reunir a família em datas específicas, a tradição de os filhos se reunirem para presentear a mãe no Dia das Mães ou a tradição de todos se reunirem aos domingos para saborearem aquela macarronada deliciosa da vovó, enfim. Este tipo de tradição deve ser cultivado e mantido, pois é bom e agradável à vida de todas as pessoas. Porém, quando o assunto é **tradição religiosa**, a história muda de figura, visto que quando se trata de religião a tradição sempre se torna TRADICIONALISMO. E há uma grande diferença nisto, pois ter uma tradição (como as de família) é algo bom, já o tradicionalismo é o apego aguçado a esses hábitos religiosos que nada acrescentam à vida das pessoas. E a religião tem este poder maldito de tornar imprescindíveis coisas que, na verdade, são inúteis. Quantos são, atualmente, os que não conseguem viver sem as tradicionais cerimônias de suas igrejas? E por quê? Porque apesar de estas cerimônias religiosas não terem nenhum valor para as nossas

vidas com Deus, a religião faz as pessoas pensarem que tais tradições são essenciais às suas vidas. Este é o poder enganador do conservadorismo religioso. Por isso que podemos constatar no versículo de abertura deste texto o próprio Jesus de Nazaré lutando contra a tradição religiosa (tradicionalismo) de seus conterrâneos (os judeus), deixando claro que a tradição invalida o poder transformador e libertador da Palavra.

Não é por acaso que um dos maiores impedimentos para o avanço do puro Evangelho (o Evangelho da Graça) é o tradicionalismo religioso. Essas tradições inventadas por homens para nortear religiosamente a vida das pessoas só impedem que as ovelhas de Deus alcancem a genuína libertação que vem pelo conhecimento da Graça de Deus (a Verdade). Paulo, o apóstolo da Graça, também lutava bravamente contra essas práticas que só fazem aprisionar as pessoas e afastá-las do real relacionamento com Deus:

*“Tende cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a **tradição dos homens**, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo **Cristo**.” (Colossenses 2:8)*

É possível percebermos no versículo acima que Paulo põe as tradições de homens e Cristo em lados opostos. Ou seja, para servirmos a Cristo em espírito e em verdade é necessário dizermos NÃO às tradições religiosas dos homens. Eu, particularmente, conheço muitas pessoas que tiveram a oportunidade de conhecer o

Evangelho da Graça de Deus (e até entenderam como sendo a Verdade), mas não quiseram se submeter à Graça, porque este Evangelho do Novo Pacto não traz em seu bojo as práticas herdadas do judaísmo e do catolicismo que vemos na maioria das denominações ditas *cristãs* (evangélicas, protestantes, messiânicas etc.). E por falar em catolicismo, um dos maiores disparates em termos de valorização das tradições religiosas vem justamente da maior denominação pretensamente cristã que existe: a Igreja Católica Apostólica Romana. E para quem desconhece o fato, vou relatá-lo a seguir:

“O novo Catecismo da Igreja Católica, em sua primeira parte, no Capítulo II, Artigo 2, II, quando fala da ‘Relação entre a Tradição e a Sagrada Escritura’, na página 34, #80, diz: ‘Elas (a Bíblia e a Tradição Católica) estão entre si estreitamente unidas e comunicantes. Pois promanando ambas da mesma fonte divina, formam de certo modo um só todo e tendem para o mesmo fim.’”

Traduzindo, a Igreja Católica Romana quer nos empurrar goela abaixo que a sua “tradição” é, na verdade, de origem divina, tendo, portanto, o mesmo valor que a Bíblia. Porém, isto é mentira. Nenhuma tradição humana tem o mesmo valor que a Revelação do Evangelho contida no Livro Sagrado. É bom salientar ainda que esta falácia da Igreja Romana não é privilégio dos católicos, já que muitos “evangélicos”, por exemplo, também passam por cima do que está escrito para viverem fiéis às tradições criadas por seus antepassados. É real-

mente uma pena que aquilo que o homem inventa geralmente tem mais valor que aquilo que Jesus Cristo Ressuscitado revelou a Paulo no Terceiro Céu (2ª Coríntios 12:2-4; Gálatas 1:11-12), a saber, o Evangelho Eterno da Nova Aliança.

Uma de nossas principais lutas em nosso Ministério é fazer as pessoas valorizarem a Palavra da Graça em detrimento de toda tradição religiosa que se opõe ao conhecimento de Deus (2ª Coríntios 10:5). Somente assim a verdadeira libertação se manifestará na vida dos escolhidos do Pai, a fim de que, finalmente, Seus filhos venham a reinar em vida pela Graça.

Não ignore os benefícios da cruz

*“Porque Cristo enviou-me, não para batizar, mas para pregar o evangelho; não em sabedoria de palavras, **para que não se anule a cruz de Cristo.**” (1ª Coríntios 1:17)*

A ignorância, em todos os segmentos da vida, sempre é um problema muito sério que prejudica o desenvolvimento do ser humano e impede o alcance da plenitude seja em qualquer área onde exista a falta de instrução. Neste caso, no âmbito espiritual não é diferente. Através de Seu profeta, o próprio Deus demonstrou o que a ignorância estava fazendo na vida de Seu povo:

*“O meu povo **está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento.** Porquanto rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei...” (Oséias 4:6)*

No versículo de abertura deste texto nós vemos a preocupação do apóstolo Paulo em preservar a integridade da mensagem da Graça de Deus, que é **TOTALMENTE BASEADA NOS BENEFÍCIOS DA CRUZ**. Paulo fazia questão de não pregar com palavras de sabedoria humana para que o conhecimento das benesses da cruz não ficasse em segundo plano, como, aliás, acontece na maioria das congregações do sistema religioso. É notório que a preocupação de Paulo era

manter viva a Palavra da cruz; isto é, a mensagem que exalta os benefícios conquistados por Cristo no Gólgota.

Se uma denominação cristã ignora as benfeitorias da Obra de Jesus Cristo, a cruz é anulada na vida das pessoas que estão submetidas a esta visão.

Quando alguém, por ignorância (seja por rejeitar o conhecimento ou por não ter tido a oportunidade de obtê-lo), vive debaixo das Obras da Lei, dos mandamentos de homens, das proibições, das imposições, dos cerimonialismos etc., esta pessoa está rejeitando os benefícios da cruz e, conseqüentemente, anulando a Graça na sua vida:

*“Não anulo a Graça de Deus; porque, se a justiça provém da lei, segue-se que Cristo **morreu em vão**.” (Gálatas 2:21)*

Ignorar os benefícios da cruz é viver como se Cristo não tivesse morrido ou tivesse morrido em vão; é viver como se a Nova Aliança não tivesse sido inaugurada (Hebreus 10:19-20). É sobre isto que Paulo está alertando os gálatas no versículo acima! E a grandiosa maioria do povo de Deus, por ignorância, vive assim, como se Jesus não tivesse realizado aquilo que veio fazer neste mundo. É imprescindível que o povo do Senhor saiba que na cruz tudo mudou (Hebreus 8:6-7 e 13).

Enfim, conhecer os benefícios de Cristo e reconhecê-los em nossas vidas nos liberta de toda maldição que o sistema religioso ainda imputa na vida dos eleitos do Pai. Portanto, se Deus está te revelando este conhe-

cimento, não o negue e receba o que Cristo fez para sempre por todos nós ao morrer na cruz do Calvário.

Acredite, você está em paz com Deus!

*“Justificados, pois, pela fé, **temos paz com Deus**, por nosso Senhor Jesus Cristo” (Romanos 5:1)*

Sempre acreditei que estava continuamente “em débito” com Deus. Durante anos tentei fazer coisas para agradar ao Senhor na tentativa de não vê-lo “aborrecido” comigo. Uma das formas de tentar agradar o Pai era o uso de certos tipos de roupa. Eu acreditava que se andasse apenas de calças compridas Deus ficaria satisfeito comigo. Eu também via minha mãe e as mulheres da congregação à época, com seus vestidos longos e os cabelos sempre compridos e achava que elas também estavam “agradando a Deus”. Porém, a Palavra nos revela que...

*“...o Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, **porém o Senhor, vê o coração.**” (1º Samuel 16:7)*

Além do tipo de roupa, eu sempre tentei agradar a Deus por meio de minhas obras. Afinal, fui levado a crer que minhas justças (obras, sacrifícios) agradavam o Pai e o faziam olhar com bons olhos para mim. Por causa disso, durante anos ofereci meus jejuns, minhas vigílias, subidas aos montes, “joelhos no pó” etc., e achava que este duro trato do corpo o agradava. Porém, mais uma vez a Palavra me libertou:

*“Se, pois, estais mortos com Cristo quanto aos rudimentos do mundo, por que vos carregam ainda de ordenanças...? As quais têm, na verdade, alguma aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, humildade, e em **severidade para com o corpo**, mas **não são de valor algum** senão para a satisfação da carne.” (Colossenses 2:20 e 23)*

*“...Todas as nossas justiças (obras, sacrifícios) **são como trapo da imundícia.**” (Isaías 64:6)*

Na verdade, a Palavra nos revela que o que agrada ao Senhor não são obras ou sacrifícios, mas, unicamente, a Fé:

*“Ora, **sem fé** é impossível agradar a Deus...” (Hebreus 11:6)*

*“É evidente que pela lei (obras) ninguém é justificado diante de Deus, pois o justo **viverá da fé.**” (Gálatas 3:11)*

O fato é que o mérito de estarmos em paz com Deus vem totalmente de Cristo. Ora, se hoje o Pai de nossos espíritos olha para nós e nos vê perfeitos e aptos a termos comunhão com Ele, é por que **em Cristo** somos perfeitos:

*“E estais perfeitos (plenos; completos) **NELE**, que é a cabeça de todo principado e potestade.” (Colossenses 2:10)*

O Evangelho da Graça nos ensina a darmos a Cristo

tudo o crédito do que somos e temos, e não a nossos esforços:

“Mas sou o que sou pela graça de Deus...” (1ª Coríntios 15:10)

Assim, a Palavra nos revela que independente do que fazemos ou deixamos de fazer (como vimos no versículo de abertura do texto) é **apenas pela fé e unicamente através de Cristo que nós temos paz com Deus**. Portanto, nosso desejo em agradá-lo não deve estar pautado no afã de buscarmos estar paz com Ele ou para que o Altíssimo não esteja aborrecido conosco. Nós desejamos sempre agradar ao Senhor simplesmente porque o amamos. E só.

O Senhor nos ama para sempre; Seu amor já-mais se retirará de nós (Romanos 8:35). Estamos em plena paz com Ele e não precisamos ter medo dele, como se o Pai estivesse sempre pronto a nos condenar ou nos tirar as bênçãos e a Salvação. Aquilo que Deus nos deu em Cristo jamais será tirado (Salmos 89:34). Portanto, descansemos nesta verdade e desfrutemos da eterna paz que temos com o Amado Pai de nossos espíritos.

Somos imitadores de Paulo

*“Rogo-vos, portanto, que sejais **meus imitadores.**”
(1ª Coríntios 4:16)*

Uma das principais chaves para que se abra a porta do entendimento do Evangelho da Graça é compreender a importância de Paulo para o cenário desta Nova Aliança. Paulo foi, nada mais, nada menos, que o **ÚNICO APÓSTOLO** escolhido pelo Eterno Criador para receber a revelação do Evangelho predeterminado para o Novo Pacto (1ª Coríntios 2:7) e lançar o fundamento (1ª Coríntios 3:10). Paulo, falando do seu Evangelho, deixa bem claro aos Gálatas:

*“Mas faço-vos saber, irmãos, que **o Evangelho** que por mim foi anunciado **não é segundo os homens**; porque não o recebi de homem algum, nem me foi ensinado; mas o recebi **por revelação de Jesus Cristo.**” (Gálatas 1:11-12)*

A plena revelação da Graça não está nas cartas de Pedro, de Tiago ou de João. A única e **VERDADEIRA REVELAÇÃO** foi dada a Paulo. E ele faz questão de dizer que aquilo que ensinava não tinha vindo de Pedro, nem de qualquer outro apóstolo que tinha andado com Jesus segundo a carne (o Nazareno). O que Paulo pregava tinha vindo direto do coração de Deus para o Seu povo e tornava ultrapassado TUDO que já tinha sido ensinado e pregado antes de Paulo.

Muitas vezes fui acusado na Internet de ensinar que o apóstolo Paulo era o “único certinho” e que os demais apóstolos eram errados. Porém, eu não ensino como os meus acusadores afirmam. Eu sempre deixei claro que Pedro e os demais tiveram a sua importância na Obra de Deus. E não poderia ser diferente, já que o próprio Paulo disse que Deus operou em Pedro o evangelho da circuncisão (Gálatas 2:8). Porém, este chamado de Pedro e dos demais apóstolos para a circuncisão (isto é, para os judeus), foi dado **ANTES DA CRUZ** e **APENAS PARA OS JUDEUS**.

*“A estes doze enviou Jesus, e ordenou-lhes, dizendo: **não ireis aos gentios** (os não-judeus), *nem entrareis em cidade de samaritanos; ao contrário, procurem as ovelhas perdidas da casa de Israel*’; e indo, pregai, dizendo: *É chegado o reino dos céus.*” (Mateus 10:5-7)*

Como vimos acima, a função de Pedro e dos demais apóstolos consistia, simplesmente, em convencer os judeus de que o reino de Deus tinha vindo. Isto significava convencê-los de que Jesus era o Messias. E só. Inclusive, Paulo respeitou o chamado deles, a ponto de ter feito um acordo, para que ele, Paulo, fosse aos não-judeus (gentios) e eles, Pedro, Tiago e João, mesmo após a cruz, fossem aos judeus para continuar convencendo-os de que Jesus era o Ungido de Deus e que o Reino já tinha vindo. Confira:

“E quando conheceram a graça que me fora dada, Tiago, Pedro e João, que eram considerados as colunas, deram a mim (Paulo) e a Barnabé as destros de comunhão, para que nós fôssemos aos gentios, e eles à circuncisão (aos judeus).” (Gálatas 2:9)

Porém, o grande erro dos apóstolos da circuncisão, especialmente de Pedro, foi impor às igrejas (que também eram constituídas de gentios) os seus pensamentos retrógrados e legalistas, colocando os não-judeus debaixo de maldição (Gálatas 3:10), fazendo-os cumprir as obras da Lei e ensinando doutrinas com resquícios do Antigo Pacto. Não por acaso, Paulo afirmou que os apóstolos da circuncisão **não andavam na verdade**:

*“Mas, quando vi que **não andavam retamente conforme a verdade do Evangelho**, disse a Pedro perante todos: Se tu, sendo judeu, vives como os gentios, e não como os judeus, como é que obrigas os gentios a viverem como judeus?” (Gálatas 2:14)*

Deus levou Paulo ao Terceiro Céu (2ª Coríntios 12:1-4) para lhe entregar o Evangelho genuíno, que não tinha compromisso com as obras da Lei e nem com a visão do Antigo Testamento. Logo, o Evangelho perfeito para que os gentios — que nunca tiveram Lei da parte de Deus (Romanos 2:14) — tomassem posse da herança. **O Evangelho dado a Paulo é a revelação completa.** Nele nós entendemos o nosso passado (a predestinação e a obra de Cristo na cruz), o

nosso presente (somos abençoados e salvos) e o nosso futuro (a segurança de que receberemos corpos glorificados para vivermos eternamente no Paraíso). Tudo está revelado através de Paulo. Portanto, não precisamos de nenhuma outra “revelação” (confira Gálatas 1:8-9). Assim, com o fim definitivo da era da Lei (que se deu na queda do Templo dos judeus no ano 70 dC), sendo judeus ou gentios na carne, todos devem ser imitadores de Paulo.

A propósito, ser imitador do apóstolo da Graça não significa adorá-lo ou endeusá-lo. Afinal, o único que deve ser louvado e engrandecido é nosso Senhor Jesus Cristo Ressuscitado. **Imitar a Paulo significa andar de acordo com as suas doutrinas preciosas**, que evidenciam a visão de Deus para a Nova Aliança e nos colocam em linha com a verdade do Evangelho de Cristo.

Gentios: o mistério revelado

*“Pelo que, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do **mistério de Cristo**, o qual **em outras gerações não foi manifestado aos filhos dos homens**, como se revelou agora no espírito aos seus santos apóstolos e profetas, a saber, que **os gentios são co-herdeiros** e membros do mesmo corpo e co-participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do Evangelho.” (Efésios 3:4-6)*

Não obstante o Espírito do Senhor ter deixado algumas “dicas” por intermédio de Seus profetas — como, por exemplo, esta: “E **os gentios caminharão à tua luz**, e os reis para o resplendor da tua aurora.” (Isaías 60:3), o fato é que nenhum dos hebreus sequer cogitava que as pessoas que não tinham nascido de sua linhagem pudessem receber o selo das Promessas de Deus.

Se notarmos bem na passagem bíblica usada no início do texto, Paulo diz que o mistério dos gentios se revelou “agora”. Este *agora* se refere, claro, à Nova Aliança, onde os gentios, que anteriormente nunca haviam experimentado um relacionamento com Deus — sequer tinham Lei (Romanos 2:14) —, passaram a ser co-herdeiros de Jesus Cristo, tendo sido, para isto, “*enxertados*” na Boa Oliveira (Romanos 11:13-17).

O plano de Deus era revelar a predestinação dos gentios para todos, inclusive — e principalmente — para os Seus “*santos apóstolos e profetas*” (Efésios 3:5) que

pertenciam à linhagem israelita, a fim de que a empáfia judaica em relação à pretensa exclusividade israelita da eleição caísse totalmente por terra.

Sabemos que o apóstolo Paulo foi o eleito de Deus para ministrar entre os não-judeus (Atos 9:15; Atos 13:47; Romanos 11:13). No entanto, curiosamente, o primeiro contato dos gentios com o Espírito Santo se deu por meio de Pedro:

*“Enquanto **Pedro** ainda dizia estas coisas, desceu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra. Os crentes que eram de circuncisão, todos quantos tinham vindo com Pedro, maravilharam-se de que **também sobre os gentios** se derramasse o dom do Espírito Santo.” (Atos 10:44-45)*

Por que o Senhor, mesmo separando Paulo para os gentios desde o ventre materno (Gálatas 1:15-16), permitiu que o primeiro contato dos não-judeus com o Espírito Santo se desse por meio de um apóstolo da circuncisão? Obviamente, não foi por acaso que a primeira experiência dos gentios com o Espírito ocorreu por meio de um líder judaizante. Deus usou Pedro, um dos líderes mais influente dentre os judeus que criam em Jesus, a fim de que ele e seus liderados testemunhassem a revelação do mistério dos gentios e entendessem, de uma vez por todas, que o plano de Deus em relação aos “pecadores” (como os gentios eram conhecidos no meio dos hebreus) não era da maneira que os hebreus pensavam. Em outras palavras, os líderes da circuncisão (e, por conseguinte, todos os

hebreus que criam) precisavam entender que os gentios eram predestinados e que Deus também tinha Se reconciliado com eles na cruz do Calvário.

Após o episódio de Pedro com os gentios Deus colocou as coisas no lugar e enviou definitivamente Paulo para os de origem não-judia, a fim de que este ministrasse a mensagem da Graça e o Apostolado às nações:

*“Pelo qual recebemos a graça e o apostolado, para a obediência da fé **entre todos os gentios.**” (Romanos 1:5)*

Apesar de Pedro reivindicar a posição de *apóstolo dos gentios* e “falar bonito” perante os fariseus que criam em Jesus (Atos 15:7-11), a sua hipocrisia — denunciada pelo genuíno apóstolo dos não-judeus (Gálatas 2:11-14) — nos mostra que o plano do Eterno sempre foi dar aos gentios um Apostolado isento da visão judaizante dos apóstolos, a fim de que o mundo fosse salvo pela **genuína Graça** de nosso Senhor Jesus Cristo Ressuscitado.

Separe Paulo e entenda a Graça

*“Mas faço-vos saber, irmãos, que **o evangelho** que por mim foi anunciado (...) não o recebi de homem algum (...) mas o recebi **por revelação** de Jesus Cristo.” (Gálatas 1:11-12)*

Não é novidade para quem vive submetido ao Evangelho da Graça de Deus que só é possível entendermos esta Palavra Predestinada de Sabedoria se tivermos a **revelação** deste entendimento. Ou seja, sem a iluminação necessária dos olhos espirituais, nenhuma pessoa pode entender de forma plena o que Cristo Ressuscitado entregou a Paulo:

*“Tendo **iluminados os olhos** do vosso entendimento, **para que saibais** qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos.” (Efésios 1:18)*

Contudo, acredito que existe algo, antes mesmo da revelação plena, que seja importante para que os eleitos entendam **o ponto de vista da Graça**: é entender “tecnicamente” a lógica bíblica em relação ao Evangelho.

Uma coisa é a pessoa ter a revelação para entender e viver a Graça de Deus em sua vida com boa consciência. Outra coisa é entender como *funciona* o raciocínio que nos leva a assumir a Graça em nossas vi-

das. Penso que este entendimento “técnico” vem antes da revelação plena.

O que quero dizer com isto é que muitos até compreendem o *raciocínio lógico* da Graça, mas não têm revelação para entender que Ela é o genuíno Evangelho de Cristo. Consequentemente, tais pessoas não assumem Graça e não têm o privilégio de vivenciá-la.

Antes de ter a revelação plena a ponto de assumir a Graça de Deus na vida, a pessoa precisa entender como esta Palavra *funciona* na Bíblia. Neste caso, digo que é IMPOSSÍVEL assumi-la se não separarmos a visão de Paulo encontrada em suas **quatorze cartas**. Os escritos dos demais apóstolos até possuem coisas boas, que estão em linha com o Novo Pacto, mas **a revelação plena da Graça de Cristo** foi dada unicamente ao apóstolo dos gentios. O próprio Paulo deixa clara a inteireza de sua revelação:

*“Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos pregasse **outro evangelho** além do que já vos pregamos, seja **anátema**.” (Gálatas 1:8)*

Note bem: Paulo diz que mesmo que UM ANJO viesse e pregasse outro Evangelho além daquilo que ele já tinha ensinado aos gálatas, aquela igreja deveria considerar tal doutrina como **MALDITA**.

Se nós não separássemos o ponto de vista de Paulo (que O Ressuscitado o concedeu no 3º Céu — 2ª Coríntios 12:1-4), jamais entenderíamos e viveríamos plenamente o entendimento de Jesus Cristo para este

Novo Pacto. Em suma, a mente de Cristo só é “ativada” em nossa mente, se pensarmos segundo o que está revelado no Evangelho dado a Paulo (Romanos 16:25).

A genuína conversão

*“Mas, quando se converterem ao Senhor, então o véu se tirará.”
(2ª Coríntios 3:16)*

Durante muito tempo eu acreditei que a conversão era uma simples mudança de comportamento e, lamentavelmente, as pessoas no meio da religião dita “cristã” ainda acreditam nisto também. Segundo a crença clássica, quem “aceita a Jesus” e se submete às doutrinas de determinada denominação é uma pessoa convertida. Há ainda outro segmento que crê na conversão como sendo, além disso, uma mudança de temperamento. Isto é, além de cumprir as doutrinas da denominação, a pessoa será considerada convertida se, por exemplo, após entrar para o rol de membros, deixar de ser irritada e passar a ser uma pessoa “mais calma” ou coisas deste tipo. Contudo, segundo a revelação bíblica da Graça que vemos no versículo de abertura do texto, converter-se passa longe de ser o cumprimento das ordenanças da religião, e é muito mais do que mudar o nosso temperamento. Na verdade, a pessoa genuinamente convertida tem por principais características as seguintes transformações:

- 1) A retirada do véu espiritual da face.**
- 2) A iluminação dos olhos do entendimento.**

A figura do véu, neste caso, é usada para falar de algo que atrapalha a visão. Segundo o contexto, o Velho Testamento é um véu muito espesso que tem atrapalhado a visão da grande maioria das pessoas que se dizem cristãs; e isto desde a época do apóstolo Paulo:

*“E não somos como Moisés, que punha um véu sobre a sua face, para que os filhos de Israel não olhassem firmemente para o fim daquilo que era transitório (a Lei). Mas os seus sentidos foram endurecidos; porque até hoje o mesmo véu está por levantar na lição do velho testamento, o qual foi por Cristo abolido; e até hoje, **quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles.** Mas, QUANDO SE CONVERTEREM AO SENHOR, **então o véu se tirará.**” (2ª Coríntios 3:13-16)*

Está bem evidente neste texto que enquanto a pessoa está envolvida com a Lei (as obras, os sacrifícios, os mandamentos etc.) ela não é verdadeiramente convertida.

Após a autêntica conversão, o véu que atrapalha a visão (a Lei) é retirado dos olhos. E qual a consequência natural de termos a face descoberta? Nossos olhos ficam iluminados!

“Para que (...) o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação; tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos; e qual a sobre-excelente grandeza do seu poder sobre nós,

os que cremos, segundo a operação da força do seu poder” (Efésios 1:17-19).

Após a revelação (retirada do véu), segundo o ensino de Paulo, nossos olhos são iluminados e, por conseguinte, nós entendemos a nossa vocação, a riqueza da glória de nossa herança e a magnífica grandeza do poder de Deus. Daí, pergunto: se você já teve seus olhos iluminados e hoje está submetido à Graça, não foi exatamente isto que aconteceu com a sua visão espiritual?

Uma das coisas que mais me alegram é quando um eleito vem até mim e diz: “Depois que o Espírito Santo me revelou a Graça eu passei a enxergar coisas na Palavra que antes eu lia, mas não via, não entendia...”. Quando alguém me diz algo assim, eu me sinto realizado como ministro de Deus.

Sei que é algo um pouco duro de se afirmar, mas baseado no ensino de Paulo digo que por mais que uma pessoa tenha aparência de transformação, por mais “santidade” que demonstre, por mais mudanças de comportamento que haja na vida de alguém — ainda que isto, em certos casos, seja algo positivo e relevante — o fato é que enquanto uma pessoa não se submete à Doutrina da Graça de Deus e não conhece as riquezas desta Palavra, ela não é verdadeiramente convertida.

Converter-se ao Senhor é receber em sua vida e viver plenamente o Evangelho do Cristo Ressuscitado, o Evangelho genuíno que foi dado a Paulo (Gálatas

1:8-9 e 11-12). Esta revelação nos ensina a nos submetemos à Justiça que vem de Deus e não a querer estabelecer a nossa própria justiça (Romanos 10:3). Vamos, a cada dia, com o rosto descoberto, refletir a Graça de Deus:

*“Mas todos nós, **com o rosto descoberto** (isto é, sem véu), refletindo como num espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória...” (2ª Coríntios 3:18)*

O amor de Cristo e a segurança da Salvação

“Quem nos separará do amor de Cristo?” (Romanos 8:35).

A religiosidade sempre pôs na mente das pessoas que suas conquistas espirituais dependiam de seus próprios esforços. Por esta razão, a cultura do “paga preço” até hoje impera nos meios eclesiásticos como um câncer devastador na vida dos eleitos de Deus que vivem infernizados com o fato de terem que buscar a Salvação Eterna a todo custo. Todo e qualquer deslize (que, infelizmente, é comum em seres humanos por conta da carne) acarreta no povo de Deus um grande desespero, angústia e pavor pela possibilidade de ter sua eternidade comprometida.

Existem muitos absurdos no meio dos ensinamentos religiosos “cristãos” e, certamente, a doutrina da **perda da Salvação Eterna** é uma das mais covardes, mentirosas e amedrontadoras que existem. Dizer que a Salvação se perde é negar o amor de Deus para com os Seus. Aliás, toda tentativa de condicionar o amor do Pai a qualquer tipo de postura humana é absurdamente antibíblico. O amor de Deus está em nossas vidas através de Sua Graça. Ele não nos ama (ou deixa de amar) por causa de nossas atitudes. O amor do Senhor está em nossas vidas exclusivamente por meio do Espírito Santo que já nos foi dado:

*“E a esperança não desaponta, porquanto o Amor de Deus está derramado em nossos corações **pelo Espírito Santo que nos foi outorgado.**” (Romanos 5:5)*

Quando Paulo fez a pergunta retórica: “Quem nos separará do amor de Cristo?”, ele deu diversas alternativas do que poderia nos afastar deste amor. No entanto, ao concluir a lista de citações, Paulo chegou à conclusão óbvia de que NADA pode nos separar deste sentimento tão maravilhoso e intenso que o Senhor nutre por nós:

*“Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? Como está escrito: Por amor de ti somos entregues à morte o dia todo; fomos considerados como ovelhas para o matadouro. Mas em todas estas coisas somos mais que vencedores, por aquele que nos amou. Porque **estou certo** de que, nem a morte, nem a vida, nem anjos, nem principados, nem coisas presentes, nem futuras, nem potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem **qualquer outra criatura poderá nos separar do amor de Deus**, que está em Cristo Jesus nosso Senhor.” (Romanos 8:35-39)*

Talvez você esteja se perguntando o que tudo isto tem a ver com a Salvação. Na verdade, tem TUDO a ver. Afinal, a nossa Salvação está diretamente ligada ao amor de Deus. Quando Se manifestou na pessoa de Jesus de Nazaré e veio à Terra morrer por nós, Deus demonstrou e provou Seu precioso amor e nos salvou

da condição que Adão havia nos submetido (1ª Coríntios 15:22). Logo, a nossa Salvação Eterna é intrínseca ao amor do Pai por nós.

Quando alguém afirma que um filho “*perde a Salvação*” está dizendo que Deus voltou atrás com Seu amor por aquela vida; o que, à luz da Bíblia, é um ABSURDO, pois “*Deus não é homem, para que minta; nem filho do homem, para que se arrependa. Porventura, tendo Ele dito, não o fará? Ou havendo falado, não o cumprirá?*” (Número 23:19)

Muitos querem fazer o povo de Deus crer que a segurança da Salvação é uma licença para viver livremente no erro. Porém, isto só é verdade na mente de líderes (a maioria) que estão privados da verdade (1ª Timóteo 6:5). Não existe licença para viver fora das diretrizes estabelecidas por Deus. Apesar de a segurança da Salvação ser uma realidade irrevogável, o nosso chamado é para santificação:

“Porque esta é a vontade de Deus, a saber, a vossa santificação...” (1ª Tessalonicenses 4:3)

O apóstolo Paulo ainda deixa claro que de Deus não se zomba (Gálatas 6:7). Ou seja, existem sim sanções para o filho de Deus que, mesmo sendo salvo pela Graça, opta em viver nas obras malignas da carne.

Será que vale a pena abusarmos da boa vontade e do amor de Deus para conosco? Na epístola Aos Hebreus nós encontramos a resposta para esta pergunta:

*“pois o Senhor **corrige** ao que ama, e **açoita** a todo o que recebe por filho.” (Hebreus 12:6)*

Com certeza não vale a pena usarmos da condição de salvos para seguirmos nossas vidas fora dos padrões de Deus. Pelo contrário. Devemos, agradecidos por tanto amor, ser cada vez mais fiéis a este Deus tão maravilhoso e amoroso.

Religião: o esterco do mundo

*“E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas, e **as considero como esterco**, para que possa ganhar a Cristo.”*
(Filipenses 3:8)

Hoje em dia está na moda declarar-se ateu. Vemos nos meios de comunicação, especialmente na Internet, muitos famosos e até mesmo anônimos proclamarem a sua *antifé*, dizendo que não acreditam em Deus ou em qualquer coisa relativa ao âmbito espiritual. Eu entendo que haja muitos que são ateus mesmo. Estes são sementes más, também conhecidos como *filhos da desobediência* (Efésios 5:6), que nasceram sem a capacidade de crer:

*“...**vós não credes**, porque **não sois** das minhas ovelhas.”*
(João 10:26)

Porém, acredito que haja eleitos se dizendo ateus devido à maldição da religião.

Com apenas uma pesquisa superficial na História podemos ver a quantidade de males que as religiões causaram (e causam) “*em nome de Deus*”: guerras, derramamento de sangue, atentados etc. Isto sem falar de todo o engano que tem sido plantado há milênios no

coração das pessoas no mundo todo. Consequentemente, com a facilidade de acesso à informação que temos hoje em dia, muitas ficam cientes desses males e, assim, preferem dizer que não creem em Deus para não terem que se submeter a qualquer que seja a religião.

Quando Paulo se refere às coisas que se tornaram *esterco* após a sua conversão, ele está falando justamente da RELIGIÃO que ele praticava antes que Cristo iluminasse seus olhos. Veja o contexto do versículo inicial:

*“Se bem que eu poderia até confiar na carne. Se algum outro julga poder confiar na carne, ainda mais eu: circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei fui fariseu; quanto ao zelo, persegui a igreja; **quanto à justiça que há na lei, fui irrepreensível**. Mas o que para mim era lucro passei a considerá-lo como perda por amor de Cristo.” (Filipenses 3:4-7)*

Baseado neste texto do apóstolo dos gentios, afirmo que a religião é uma das piores coisas que existem no mundo; é um verdadeiro **esterco** que emporcalha a vida de bilhões de pessoas espalhadas pela Terra.

O Evangelho e a religião andam em caminhos opostos. Ao contrário do que muitos pensam, viver baseado em aparência, observar mandamentos de homens, cumprir cerimônias (em suma: viver de forma religiosa), não tem nada a ver com o Evangelho. Aliás,

Jesus de Nazaré foi muitas vezes atacado justamente por não cumprir a religião judaica ao pé da letra.

Paulo lutou muito para que a religiosidade vivida pelos judeus antes da cruz não fosse impregnada nas igrejas:

“Mas, quando vi que não andavam retamente conforme a verdade do evangelho, disse a Pedro perante todos: Se tu, sendo judeu, vives como os gentios, e não como os judeus, como é que obrigas os gentios a viverem como judeus?” (Gálatas 2:14)

É notória a preocupação de Paulo com a Igreja. Ele não queria que o povo de Deus vivesse submetido à religião dos judeus. Afinal, este é o grande propósito do Evangelho: libertar vidas e mantê-las livres. Ao contrário disto, as religiões (evangélica tradicional, pentecostal, neopentecostal, católica, espírita, as de origem africana etc.) apenas aprisionam as pessoas em seus dogmas e ordenanças que nada têm a ver com a revelação de Deus para o Seu povo.

O Senhor não nos chamou para sermos pessoas religiosas. Ao contrário. Ele nos chamou para sermos totalmente livres (Gálatas 5:1), a fim de servi-lo de todo coração e com inteira certeza de Fé (Hebreus 10:22). Nosso coração deve estar firmado na Graça e não em princípios que as mentes distorcidas dos homens criaram (Hebreus 13:22).

Evangelho da Graça: um filtro perfeito

*“Examinai tudo: **retende o que é bom.**”*

(1ª Tessalonicenses 5:21)

Já me perguntaram diversas vezes se toda a Bíblia serve para nós. Através do entendimento do Evangelho da Graça podemos afirmar, sem medo, que **NÃO**. Várias pessoas já se escandalizaram com esta resposta, mas basta um pouco de boa vontade e raciocínio para que não estranhemos esta verdade.

O apóstolo Paulo escrevendo aos Coríntios nos diz que o Velho Pacto (o véu da Lei) já foi abolido:

*“Mas o entendimento lhes ficou endurecido. Pois até o dia de hoje, **à leitura do Velho Pacto, permanece o mesmo véu, não lhes sendo revelado que em Cristo é ele **abolido.****” (2ª Coríntios 3:14)*

Ora, se o Antigo Pacto já foi abolido, é óbvio que ele **não serve** para nós como condutor e fonte de doutrinas. Por outro lado, é evidente que, com os olhos iluminados pelo Evangelho, nós podemos retirar boas coisas dos textos do Velho Testamento (Romanos 15:4). Mas o fato é que nem tudo no Antigo Pacto presta para nossas vidas. Concluímos, portanto, que não é um absurdo afirmarmos que a Palavra de Deus

para nós neste Novo Pacto **não está** na totalidade da Bíblia.

Muitos podem estar se perguntando agora: “Se nem toda a Bíblia convém para mim, como vou saber o que serve e o que não serve?”. Como lemos no versículo inicial deste texto, o apóstolo Paulo ensina a observarmos todas as coisas, mas reter apenas o que serve, ou seja, “*o que é bom*”. Quando Paulo fala em “reter”, ele está se referindo a um **filtro**, ou seja, a algo que deixe passar o que não serve e retenha o que interessa e nos seja positivo. E para sabermos o que está direcionado da parte de Deus para nós na Bíblia, precisamos conhecer um pouco a história de Paulo, o apóstolo dos gentios.

Os gentios sempre estiveram nos planos de Salvação de Deus. E, para que este plano fosse posto em prática, um Evangelho sem qualquer relação com o judaísmo precisava ser apregoado neste Novo Pacto. Este é o Evangelho Eterno da Graça, que desde antes da fundação do mundo estava predestinado (1ª Coríntios 2:7) e foi preanunciado a Abraão (Gálatas 3:8).

Algum tempo após a Sua ascensão, Jesus Cristo Ressuscitado separou um apóstolo para que o Evangelho da Graça fosse defendido e anunciado; este era Saulo de Tarso, mais conhecido como Paulo a partir de sua conversão (sobre a Revelação de Paulo vide: Atos 22:13-15; 1ª Coríntios 3:10, 2ª Coríntios 12:1-7; Gálatas 1:11-12). A este apóstolo foi dada a incumbência de propagar o Evangelho da Graça (Atos 20:24). Logo, fica claro que os escritos de Paulo são este “filtro”

bíblico. Em suma, as **quatorze epístolas de Paulo** — sendo ele o perito arquiteto (1ª Coríntios 3:10) que lançou o fundamento da Nova Aliança — são as aferidoras de medida da Bíblia. Todos os textos bíblicos precisam passar pelo crivo das cartas paulinas, a fim de que elas *filtrem* o que é bom ou o que é apenas Lei, regras de homens, história etc.

Confirmando o que já dissemos até agora, Paulo diz à igreja dos Gálatas que o ensino que ele havia ministrado era SUFICIENTE e que, por isso, eles não precisavam de nenhuma outra “revelação”:

“Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos pregasse outro evangelho (outro ensino, outra revelação) além do que já vos pregamos, seja anátema. Como antes temos dito, assim agora novamente o digo: Se alguém vos pregar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema.” (Gálatas 1:8-9)

Nós, como Igreja, não podemos admitir outro “evangelho” além da Graça. A base para a vida espiritual do povo de Deus neste Novo Pacto está nas epístolas do apóstolo dos gentios, que são o “filtro perfeito” que usamos para **reter o que é bom** da Bíblia para as nossas vidas.

Um pouco de fermento...

*“...Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda?”
(1ª Coríntios 5:6)*

Por menor que seja a quantidade inserida na massa, o fermento sempre influenciará no resultado final do preparo. Na vida é a mesma coisa: todo fermento, por mais velado que seja, vai modificar o aspecto da vida em que esteja introduzido.

Devido à simbologia que há na história bíblica, o fermento sempre é citado como algo negativo. No contexto do versículo acima, por exemplo, o fermento era a jactância dos coríntios. Já em outro contexto, **a Lei** é que é citada por Paulo como um fermento que influenciava negativamente:

“Um pouco de fermento leveda a massa toda.” (Gálatas 5:9)

E o texto desta semana, claro, é sobre este tipo de fermento que também tem levedado quase que a totalidade da Igreja contemporânea.

Se perguntarmos às pessoas que compõem o sistema religioso cristão hoje em dia se elas estão debaixo da Lei, com certeza absoluta a grande maioria dirá que NÃO. De certo modo esta resposta não está errada. Afinal, a Lei teve o seu fim em Cristo (Romanos 10:4) e, depois da cruz, realmente nenhuma pessoa está mais debaixo do “tempo da Lei”. Contudo,

mesmo não estando mais sob a *jurisdição* da Lei de Moisés, uma pessoa pode se submeter a ela através do que Paulo chama de **obras da Lei**.

Toda prática oriunda do cerimonialismo religioso judaico é uma obra da Lei. As congregações cristãs atualmente estão recheadas destas obras. Isto se dá por causa da mistura dos pactos (Antigo e Novo) que a Igreja em seus primeiros anos fazia devido aos muitos irmãos de origem judaica que não haviam rompido totalmente com a Antiga Aliança e as práticas de sua religião anterior à cruz. Vemos, por exemplo, alguns anciãos judeus que estavam na casa de Tiago, com certo orgulho, chamando a atenção de Paulo para o fato de os outros judeus que criam em Jesus ainda se manterem debaixo da Lei, apesar da cruz:

*“...Bem vês, irmãos, quantos milhares há entre os judeus que creem, e **TODOS são zelosos da lei.**” (Atos 21:20)*

Lamentavelmente, esta frase dos amigos de Tiago ainda é atual. Afinal, há milhões de pessoas que creem em Jesus, mas, assim como os judeus da época de Paulo, ainda são zelosas das práticas da era mosaica.

As pessoas hoje em dia dizem que estão debaixo da Graça, porque não cumprem a totalidade da Lei. Porém, no âmago de suas congregações há fermentos, tais como: jejuns, observância aos sábados, Festa dos Tabernáculos, Páscoa e Festa dos Pães Ázimos (“Santa Ceia”), dízimos, abluções (batismos) etc. Ora, um pouco de fermento leveda a massa toda. Se uma congre-

gação diz estar em Graça, mas pratica obras judaizantes (uma que seja), esta igreja está debaixo da Lei.

Se praticarmos um dos requisitos apenas, estaremos obrigados a cumprir TODOS:

*“E de novo testifico a todo homem que se deixa circuncidar, que está obrigado a guardar **toda a lei**.” (Gálatas 5:3)*

Neste texto podemos substituir a circuncisão por qualquer outra prática da Lei: *“todo homem que se deixa jejuar”, “todo homem que se deixa guardar o sábado”, “todo homem que se deixa ser dizimista”* etc.

O chamado da Igreja neste Novo Pacto é para abandonar as práticas judaizantes. Não devemos, sequer, ter uma “poeirinha” deste fermento maldito em nosso meio. Devemos ter, sim, a Lei do Espírito da Vida em nossos corações:

*“Este é o pacto que farei com eles depois daqueles dias, diz o Senhor: **‘Porei as minhas leis em seus corações, e as escreverei em seu entendimento’...**” (Hebreus 10:16)*

Mas as obras da Lei (o cerimonialismo judaico) devem estar totalmente afastadas do cotidiano da Igreja, a fim de que frutifiquemos para Deus (Romanos 7:1-4).

Usufua de sua liberdade

“Para a liberdade Cristo nos libertou; permaneçam, pois, firmes e não se submetam novamente a um jugo de escravidão.” (Gálatas 5:1)

Ser livre é muito bom! Por isso, uma das coisas que mais me alegram ministerialmente é quando um eleito se dirige a mim e diz: “Amado, agora debaixo da Graça eu sei o que é ser livre!”. O meu sentimento quando isto acontece é de *dever cumprido*.

Durante anos fui subjugado pelo sistema religioso. Minha mãe, também enganada pelo legalismo, me impunha uma dura rotina de restrições no meu período de pré-adolescência e adolescência. É bem verdade que ela nunca me proibiu de nada propriamente, mas sempre que eu dizia que queria ir ao cinema, às festas com os amigos da escola ou ouvir “música do mundo”, lá vinha o sermão materno-religioso me dizendo que “Deus não se agradava daquelas atitudes”, que eu deveria ter cuidado com aquelas “coisas do diabo” etc. Assim, eu cresci com aqueles conceitos e me tornei um religioso bem ferrenho. Meu único “pecado” era ouvir “música secular” (nem preciso dizer que eu ouvia escondido e depois ficava tomado pela má consciência).

Depois que a revelação da Graça iluminou a minha vida, pude passar a usufruir da minha liberdade sem má consciência. Hoje, por exemplo, uso a roupa que desejar, frequento teatro, cinema (aliás, este é um

dos meus lazeres preferidos), ouço as músicas que gosto, vou aos shows dos meus artistas preferidos etc., sem ter medo de estar desagradando a Deus.

Paulo não queria que a Igreja dos Gálatas se submetesse às obras da Lei e aos falsos irmãos que gostavam de espiar — e julgar — a liberdade dos outros (Gálatas 2:4). Por isso ele escreveu sua carta àquela congregação a fim de que eles acordassem para a maldição que estavam se metendo ao darem ouvidos aos legalistas que invadiram aquela comunidade cristã criada em Graça (Gálatas 1:6).

Apesar de serem livres — pois o preço da liberdade já foi pago, os filhos de Deus atualmente, assim como os crentes da Galácia, andam submetidos à escravidão do legalismo, presos em mandamentos inúteis, proibições e imposições que nada acrescentam à vida das ovelhas e, por isso, não usufruem de uma vida livre, onde se vive apenas baseado na consciência que a Palavra nos atribui.

Quando nos submetemos ao Alimento Sólido que é o Evangelho da Graça, nós nos isentamos de mandamentos, imposições e proibições, pois passamos a ter as nossas faculdades mentais exercitadas para discernirmos tanto o bem quanto o mal (Hebreus 5:14). Ora, uma vez discernidos, apesar de toda liberdade, saberemos nos portar sem que precisemos de tutores para nos dizer o que fazer ou deixar de fazer.

Para o genuíno filho de Deus, que recebeu a Palavra da Graça e foi transformado por ela, a liberdade traz em seu bojo algo muito importante chamado *res-*

ponsabilidade. Afinal, não obstante sermos totalmente livres para praticarmos o que quisermos (e, acredite, o que quer que façamos não mudará a nossa posição em Cristo), o nosso chamado é para jamais sermos dominados por qualquer obra negativa:

“Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm. Todas as coisas me são lícitas; mas eu não me deixarei DOMINAR por nenhuma delas.” (1ª Coríntios 6:12)

Assim, podemos e devemos usar de nossa liberdade, mas sem dar ocasião à carne:

“Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade. Mas não useis da liberdade para dar ocasião à carne, antes pelo amor servi-vos uns aos outros.” (Gálatas 5:13)

Quando usamos de nossa liberdade com boa consciência, estamos valorizando aquilo que Jesus fez por nós. Afinal, como Paulo disse no versículo de abertura deste texto, foi para sermos livres que o Senhor nos libertou. Em outras palavras, Ele nos tornou livres para que pudéssemos usufruir deste bem tão maravilhoso que é a liberdade.

Portanto, meus amados, usem de sua liberdade. Se, por exemplo, você gosta de ter a cor do seu cabelo azul, pinte-o! Se você é maior de idade e deseja fazer aquela linda tatuagem, faça. Se você deseja ouvir a música daquele artista “do mundo”, ouça. Quer ir ao cinema, à praia, ao teatro ou àquele show musical tão

sonhado? Não perca tempo, vá! Enfim, valorize esta bênção tão preciosa chamada liberdade.

Controle-se!

*“Mas o fruto do Espírito é: o amor, o gozo, a paz, a longanimidade, a benignidade, a bondade, a fidelidade, a mansidão, **o domínio próprio**; contra estas coisas não há lei.” (Gálatas 5:22-23)*

Nós, filhos de Deus, somos constituídos de três elementos: o corpo, a alma e o espírito. A nossa alma — onde se concentra o cerne de nosso “eu”; a nossa inteligência — pode ser influenciada pelas duas naturezas que temos: a que foi herdada de Adão (a carne) e a que veio de Deus (o espírito). Se uma pessoa é eleita e está submetida à genuína Palavra de Deus (o Evangelho da Graça), a prevalência em sua alma certamente é a da natureza divina, isto é, do espírito. Afinal, viver em Graça é ser guiado pelo Espírito Santo que, por Sua vez, é um só com o nosso homem interior (1ª Coríntios 6:17). Por outro lado, é evidente que, muitas vezes, a nossa natureza terrena se levanta, lança “dardos” e quer impor a sua vontade transviada da vontade de Deus. Esta verdadeira guerra é relatada por Paulo:

*“Porque **a carne luta contra o Espírito**, e o Espírito contra a carne; e estes se opõem um ao outro, para que não façais o que quereis.” (Gálatas 5:17)*

Se em algum momento da vida os tais “dardos inflamados” lançados pela carne nos atingem e nós permitimos que nossa vontade seja influenciada, vamos colher as consequências, mas isto não é o “fim do mundo”. O próprio apóstolo Paulo relata que muitas vezes não conseguia fazer o bem que queria:

*“Porque eu sei que em mim, isto é, **na minha carne, não habita bem algum**; com efeito, o querer o bem está em mim, mas o efetuá-lo não está. Pois não faço o bem que quero, **mas o mal que não quero, esse pratico**. (...) Acho então esta lei em mim, que, mesmo querendo eu fazer o bem, o mal está comigo.” (Romanos 8:18-21)*

Contudo, este relato de Paulo não é uma desculpa para vivermos de maneira desordenada. O chamado que temos, na verdade, é para combatermos estas influências carnis em nossas vidas. Afinal, uma coisa é, eventualmente, perdermos uma ou outra batalha nesta guerra contra a carne; outra coisa é vivermos constantemente em função das vontades da natureza de Adão, dizendo *sim* para tudo que ela nos oferece. Esta segunda hipótese não deve fazer parte da vida de um indivíduo, se é que este, de fato, possui o Espírito Santo dentro de si.

O que temos visto no mundo, das mais simples maldades até as piores atrocidades, são frutos da vida desordenada das pessoas. Sem conhecer a Palavra da Graça, uma pessoa não tem subsídios suficientes para controlar a sua natureza humana. Alguém pode até ser

uma “pessoa de bem”, mas, por causa da carne, estará sempre apta a cometer diversas coisas inimagináveis. Não poucas vezes ouvimos no noticiário sobre pessoas que cometeram as mais terríveis barbaridades e que eram conhecidas como “pessoas boas, acima de quaisquer suspeitas”.

O que tenho visto muito atualmente são pessoas nervosas, que brigam por qualquer coisa, que praguejam no trânsito — pondo em risco as suas próprias vidas e de seus familiares; além disso, há os que bebem desordenadamente destruindo suas vidas e suas famílias, os que têm uma vida sexual desgovernada, os que não controlam a língua e, por isso, sempre estão envolvidos em polêmicas, fofocas e angústias diversas:

“O que guarda a sua boca e a sua língua, guarda das angústias a sua alma.” (Provérbios 21:23)

Enfim, a falta de controle das vontades da carne só traz destruição, tristezas, maldições e morte:

*“Porque **a inclinação da carne é morte**; mas a inclinação do Espírito é vida e paz.” (Romanos 8:6)*

Quando damos ouvidos ao Espírito que habita em nós e somos guiados por Ele, o Seu fruto é ativado em nossas vidas e, como vimos no versículo que abre este texto, dentre as características do Fruto do Espírito está o **domínio próprio**. Ou seja, obedeça a Pala-

vra de Deus e o controle de sua vida estará ao seu alcance.

O Capacete da Salvação

“Tomai também o capacete da Salvação, e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus.” (Efésios 6:17)

Nós já ensinamos algumas vezes em nosso Ministério que a Salvação conquistada na cruz do Calvário se manifesta de maneiras diferentes nos elementos que compõem os filhos de Deus (espírito, alma e corpo). O *capacete* é uma referência de Paulo à segunda manifestação da Salvação — **a que ocorre na mente** dos eleitos quando estes recebem a revelação da Palavra. Não é por acaso que Paulo, usando a alegoria da armadura de guerra, diz que esta manifestação da Salvação é um capacete: ela protege a cabeça (a mente).

Quando a Palavra da Graça (a única mensagem que pode ser chamada verdadeiramente de *Evangelho*, pois ressalta os benefícios do Novo Pacto) chega até a vida de uma pessoa, ela traz a Salvação que estava no homem interior (espírito) para a alma do eleito, trazendo libertação para os pensamentos, pondo ordem ao raciocínio, destruindo as “fortalezas” que aprisionavam a mente da pessoa (2ª Coríntios 10:4), tais como: idolatrias, medo do *diabo*, medo de Deus, sentimento de culpa, a necessidade de cumprir a Lei de Moisés e o cerimonialismo religioso, obras da carne etc.

A genuína batalha espiritual é aquela que travamos contra tudo que seja contrário ao Evangelho; isto

é, contra tudo que seja contrário ao conhecimento de Deus:

*“Porque (...) as armas da nossa milícia não são carnaís, mas poderosas em Deus, para demolição de fortalezas; **derrubando raciocínios e toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus**, e levando cativo todo pensamento à obediência a Cristo.” (2ª Coríntios 10:3-5)*

Ou seja, a nossa batalha é contra todo falso evangelho que as religiões impõem na vida das pessoas. Afinal, toda mensagem religiosa é uma altivez que se levantou há séculos atrás contra a Verdade de Deus (e que até hoje ainda engana a muitos).

Em nossa luta diária contra as hostes espirituais da maldade (o sistema religioso), a Salvação de nossa mente é a proteção para que não venhamos sucumbir às mentiras religiosas. Uma vez que fomos verdadeiramente salvos no entendimento pelo Evangelho, jamais seremos atingidos em nossa mente devido à defesa do capacete protetor da Salvação.

Não obstante o assunto ser a proteção da Salvação em nossa mente, uma guerra não é feita apenas de defesa, mas também, e principalmente, de ataque. Se a fé é o nosso escudo (Efésios 6:16) e a Salvação é o nosso capacete protetor, qual seria a nossa arma de ataque? Segundo Paulo, é a Palavra:

*“Tomai também o capacete da Salvação, e a espada do Espírito, que é **a Palavra de Deus**.” (Efésios 6:17)*

A espada é feita para atacar. Logo, podemos entender que a Palavra deve ser usada para “perfurar” e “cortar” todas as falácias criadas por homens desviados da verdade. Para o utilizador de uma espada ser bem sucedido em sua luta, ele deve treinar muito para que possa manejar bem o seu instrumento de guerra:

*“Procura apresentar-te diante de Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, **que maneja bem a palavra** (a espada) da verdade.” (2ª Timóteo 2:15)*

Com a Salvação garantida em nossa mente (isto é, com o capacete bem colocado), com a fé sempre ativada (com o escudo bem posicionado) e estando bem treinados para usarmos bem a Palavra (que é a nossa espada), certamente seremos bem-sucedidos quando formos enviados por Deus para libertar os seus eleitos do sistema enganador que ainda impera no mundo.

Predestinação: coletiva ou individual?

*“E aos que **predestinou**, a estes também chamou...”
(Romanos 8:30)*

Quando a verdade vai contra as convicções de uma pessoa, seja qual for a área da vida em questão, o indivíduo, em geral, tem dois caminhos: mudar de opinião (o que em diversos aspectos denota grande inteligência) ou inventar a sua própria verdade, adaptando o fato àquilo que seu ego quer que seja a “realidade”. Assim, muitas inverdades são vendidas como verdades absolutas e, infelizmente, acabam sendo compradas por muitos como se fossem indiscutivelmente reais.

No caso da relação do sistema religioso com a predestinação é exatamente isto que acontece. Afinal, sabemos que as doutrinas da eleição e Soberania de Deus (que juntas redundam no entendimento geral da predestinação) são incontestavelmente bíblicas. Não há como negar que a predestinação (não só a palavra, mas a ideia) está visivelmente declarada na Palavra de Deus; ao contrário do famigerado “livre-arbítrio” humano para Salvação que não encontra respaldo nos textos bíblicos — sequer a revelação da Graça contida na Bíblia cita tal palavra.

O ego do ser humano não aceita que ele não tenha o “direito” de escolher se quer pertencer a Deus ou não. O homem quer o controle de tudo. Assim, o sistema religioso fomenta esta altivez da carne ao propagar a falsa doutrina do livre-arbítrio para Salvação. Crer na livre escolha do homem em relação a Deus é o mesmo que acreditar que um vaso de barro possa escolher o seu formato, a sua cor, o seu uso e o local onde ele vai ornamentar. Isto seria um absurdo, pois o oleiro (quem cria os vasos) é quem define o destino e o uso de suas criações. Será que foi por acaso que o apóstolo Paulo usou justamente esta analogia dos vasos para ensinar sobre a predestinação? (Romanos 9:14-23) Não obstante nós termos inteligência (ao contrário de um vaso de barro de verdade), a nossa perspicácia e nossas escolhas se resumem a esta vida terrena, nada tendo a ver, portanto, com o livre-arbítrio para Salvação que pertence unicamente a Deus. Ou seja, a fronteira de nosso arbítrio é a vontade Soberana daquele que nos criou e nos conduz.

Dentro do sistema religioso há, pelo menos, duas vertentes contrárias à predestinação: os que a negam veementemente (mesmo com todo o respaldo bíblico que esta doutrina apresenta) e aqueles que não a negam, mas querem, digamos, adaptá-la à “verdade” deles, como eu falei no início do texto. É deste segundo grupo que quero tratar neste texto.

Dizer que a Predestinação é **coletiva** é uma tentativa doentia do sistema religioso de adaptar a verdade de Deus à sua visão. Este triste entendimento dá conta

de que Deus não destinou as pessoas individualmente, mas a coletividade, o grupo; no caso, a Igreja. Neste caso, **qualquer um** pode participar deste grupo, bastando para isto “aceitar a Jesus”. Ou seja, segundo esta visão, qualquer indivíduo pode “se tornar” um destinado por sua própria vontade e não pela vontade de Deus. Contudo, será que o apóstolo Paulo — quem mais ensinou sobre predestinação — pensava assim?

“...a fé não é de todos.” (2ª Tessalonicenses 3:2)

Como acabamos de constatar, Paulo não acreditava que qualquer um pudesse entrar no grupo dos destinados. Segundo os ensinamentos do apóstolo da Graça, a fé pertence somente aos eleitos, àqueles que foram individualmente escolhidos por Deus.

O trato de Deus com Seu povo é individual, sempre foi. Não é por acaso que “...cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus.” (Romanos 14:12). Quando estivermos perante o Senhor para recebermos (ou não) o Galardão prometido, vamos prestar contas individualmente e não de maneira coletiva. Mais um bom exemplo: em tese, Deus destinou os hebreus (o grupo todo) como sendo Seu povo, mas veja o que Paulo diz:

“...nem todos os que são de Israel são israelitas” (Romanos 9:6).

Isto é, não basta pertencer à coletividade do povo eleito (em nosso caso, pertencer à coletividade da Igreja); tem que ser verdadeiramente de Deus (escolhido desde antes da criação do mundo, de maneira individual) para ser um predestinado verdadeiro. E isto, obviamente, depende de Deus e não da vontade humana (João 1:12-13; Romanos 9:16; Efésios 1:5).

O golpe mortal nesta ideia absurda de “predestinação coletiva” é o fato de Paulo usar o caso dos gêmeos (Jacó e Esaú) como exemplo de predestinação individual: ambos nasceram do mesmo ventre, na mesma ocasião, mas Deus amou um (eleito) e o outro não (Romanos 9:11-14). Este é o maior exemplo do trato individual que Deus tem com Seu povo, especialmente na questão da predestinação.

A inutilidade dos sacrifícios

*“Pois misericórdia quero, e **não sacrifícios**; e o conhecimento de Deus, mais do que os holocaustos.” (Oséias 6:6)*

A Ignorância acerca da Graça de Deus leva muitos a perderem o seu precioso tempo com coisas que são absolutamente inúteis para a vida espiritual do povo de Deus nesta Nova Aliança. O que vemos ao longo de séculos de falso cristianismo, são as ovelhas de nosso Senhor desperdiçando seus esforços e dons perpetrando obras que não condizem com a nossa realidade atual de novas criaturas pertencentes ao Reino Eterno de Deus.

Segundo os ensinamentos de Paulo, a Lei nunca aperfeiçoou ninguém:

“(Pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma) e desta sorte é introduzida uma melhor esperança (a Graça), pela qual chegamos a Deus.” (Hebreus 7:19)

Este texto deixa claro que as obras da Lei, na prática, nunca fizeram nada pela vida do povo do Senhor, nem mesmo no período anterior à cruz, haja vista que o que se fazia na Lei era sombra (símbolo) do verdadeiro benefício que viria com a morte e ressurreição de Jesus Cristo na cruz. Logo, o único e genuíno sacrifício aceitável a Deus para justificação dos eleitos foi a morte de Seu Filho. Nenhum outro esforço que nós realizarmos

poderá substituir ou acrescentar algo de positivo à Obra de Cristo ou às nossas próprias vidas.

“Pois com uma única oferta aperfeiçoou para sempre os santificados.” (Hebreus 10:14)

Quando o apóstolo frisa “uma única oferta”, ele está chamando a atenção para a inutilidade de todas as outras oferendas sacrificiais feitas a Deus após a cruz. É como se Paulo dissesse: “Vocês não precisam apresentar mais nenhum sacrifício! Ao oferecer a Sua vida na cruz como oferta perfeita, o Senhor nos aperfeiçoou para sempre!”. Agora eu pergunto: faz sentido, por exemplo, oferecermos jejuns neste Novo Pacto para nos purificar, aperfeiçoar ou para quaisquer que sejam os motivos? Claro que não! O Senhor nos aperfeiçoou para sempre com um único sacrifício:

“Que não necessita (...) de oferecer cada dia sacrificios (...) porque isto fez Ele (Jesus), uma vez por todas, quando se ofereceu a si mesmo.” (Hebreus 7:27)

Após evidenciarem estas verdades incontestáveis escritas nos textos da epístola Aos Hebreus, os homens do sistema religioso, ávidos por manterem o povo de Deus ainda preso nos sacrifícios que eles induzem, usam argumentos falaciosos para justificarem seus erros. E um dos mais conhecidos é o que diz que os sacrifícios ditos por Paulo aos hebreus são apenas e os holocaustos de animais, e que os demais sacrifícios co-

mo jejuns, orações de joelhos por horas e horas, vigílias, subidas aos montes e outros tipos de duro trato do corpo não estariam inclusos nas ideias descritas por Paulo. Sim, em parte eu concordo. Afinal, é evidente que no contexto específico da carta Aos Hebreus o apóstolo trata do assunto *sacrifícios* usando como exemplo os holocaustos de animais oferecidos segundo a Lei. Isto, claro, é devido à comparação feita em relação ao sacrifício de Cristo, que se ofereceu a Si mesmo como Cordeiro de Deus na cruz. Entretanto, a abolição dos sacrifícios de animais não nos autoriza a usarmos o nosso corpo em substituição aos sacrifícios oferecidos na Antiga Aliança. E é exatamente isto que o sistema faz, mesmo que de maneira inconsciente. É como se pensassem: “Já que não podemos mais oferecer animais, ofereçamos nossos jejuns, nossas vigílias etc.” O apóstolo Paulo condenava este duro trato do corpo que os legalistas implantaram nas Igrejas:

*“Se morrestes com Cristo quanto aos rudimentos do mundo, por que vos sujeitais ainda a ordenanças (...) As quais têm, na verdade, alguma aparência de sabedoria, como culto de si mesmo (...) e **severidade para com o corpo, mas não têm valor algum...**” (Colossenses 2:20-23)*

Segundo Paulo, nós devemos oferecer os nossos corpos como “sacrifícios vivos” apenas para participarmos de um culto racional:

*“Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos como um **sacrifício vivo**, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.” (Romanos 12:1)*

Não nos cansemos de fazer o bem

“E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos...” (Gálatas 6:9)

Muitos acreditam que as boas obras redundam em Salvação eterna e isto é uma das maiores mentiras que a religião incorporou à mensagem cristã. Já falamos deste assunto algumas vezes em nosso Ministério e, mais uma vez, vamos abordar este tema.

É de suma importância que o povo de Deus saiba a verdade sobre as obras: elas, sendo boas, não trazem Salvação eterna; sendo más, também não a tiram, pois a Salvação nada tem a ver com obras:

“Porque pela Graça sois salvos (...) não vem das obras, para que ninguém se glorie.” (Efésios 2:8-9).

Não obstante, as obras têm um valor determinante para nossas vidas, pois elas definem como viveremos neste mundo e a recompensa (Galardão — 1ª Coríntios 3:8) que iremos desfrutar nesta vida e, principalmente, no porvir. Como pudemos notar no versículo de abertura do texto, Paulo diz para não nos cansarmos de fazer o bem, a fim de colhermos bons frutos neste mundo enquanto não voltamos para Deus. Ou seja, em ne-

nhum momento vemos Paulo falar em “buscar a Salvação” ou algo parecido.

Fico muito feliz que a Graça me revelou o real significado das boas obras em minha vida. Afinal, praticar coisas boas se torna algo realmente legítimo quando se está em Graça, haja vista que, com a revelação do verdadeiro Evangelho, nós deixamos de perpetrar atitudes boas para “barganhar” com Deus a Salvação e passamos a realizar o bem com o verdadeiro sentimento de justiça que surge em nós por meio da Palavra.

O zelo de Paulo com as boas obras era admirável. Isto, claro, tinha um motivo: ele sabia que as obras positivas nos identificam como remidos do Senhor, agradam a Deus e glorificam o Seu nome. Não é à toa que Paulo também aconselhou os Tessalonicenses:

“...irmãos, não vos canseis de fazer o bem.” (2ª Tessalonicenses 3:13)

O profeta Isaías, usado por Deus, diz: *“Aprendeí a fazer o bem...” (1:17)*. Este é um chamado para todos nós! E onde podemos obter as informações sobre as atitudes que devemos praticar? No Evangelho, evidentemente. Vejamos alguns exemplos de boas obras:

1) Repartir com os que precisam.

“Mas não vos esqueçais de fazer o bem e repartir com outros...” (Hebreus 13:16)

2) Dizer não às obras da carne.

“Exterminai, pois, a vossa natureza terrena...” (Colossenses 3:5)

3) Buscar a paz, agir com honestidade e justiça para com todos.

“Segui a paz com todos (...), tudo que é verdadeiro, que é honesto e justo (...), nisso pensai.” (Heb. 12:14; Filipenses 4:8)

4) Andar segundo as obras do Espírito.

“O amor, o gozo, a paz, a longanimidade, a benignidade, a bondade, a fidelidade, a mansidão, o domínio próprio.” (Gálatas 5:22-23).

Fazer o bem deve ser algo incessante para nós. Devemos praticar as boas obras com fervor, mas não para sermos salvos por elas. Ao contrário, **devemos praticá-las porque já somos salvos**; afinal, as boas obras, na verdade, são o reflexo — e não a razão — de nossa posição de pertencentes eternos do Reino de Deus:

*“**Não em virtude de obras** de justiça que nós havéssamos feito, mas segundo a Sua misericórdia, **nos salvou** mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo (...) Fiel é esta palavra e quero que a proclames com firmeza para que os que creem em Deus procurem **aplicar-se às boas obras...**” (Tito 3:5-8)*

A Mensagem da Ressurreição

“E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados.” (1ª Coríntios 15:17)

A base fundamental da genuína doutrina cristã, sem sombra de dúvidas, é a RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO. Sem ela, a Sua vinda ao mundo e Seu perecimento na cruz não teriam nenhum sentido, haja vista que o poder da morte precisava ser derrotado a fim de que a Obra restauradora de Deus tivesse o efeito necessário sobre o homem e sobre a Criação. Logo, obviamente, se a ressurreição não tivesse ocorrido, a morte teria vencido novamente. No entanto, a ressurreição aconteceu e isto nos possibilita, assim como Paulo, perguntarmos de forma triunfal:

“Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?” (1ª Coríntios 15:55)

O que diferencia a fé cristã em relação às religiões é, justamente, o fato de Cristo ter ressuscitado. Afinal, nenhum líder religioso conseguiu vencer a morte. Todos — os que existiram, pois muitos são frutos de delírios humanos — estão em seus devidos túmulos. Jesus não! Há tempos os arqueólogos buscam o corpo de Cristo, mas jamais estiveram sequer próximos de qualquer vestígio. E assim continuará sendo.

Jesus de Nazaré morreu e, no terceiro dia, Se manifestou de outra forma: como Ressuscitado. Esta é a razão de ser de nossa fé. Não por acaso, Paulo afirmou no versículo inicial deste texto que “se Cristo não ressuscitou, a nossa fé é inútil”. Por isso que a nossa genuína fé não deve estar baseada em Jesus de Nazaré (a manifestação histórica), mas, sim, na manifestação de Cristo pós-morte. Em outras palavras, o nosso fundamento deve ser a Obra de Deus firmada na cruz e confirmada na ressurreição do Senhor. Ratificando isto, escrevendo aos Romanos, Paulo nos ensina que nós devemos pertencer “*ao Outro*”, ou seja, Àquele que ressurgiu dos mortos (Romanos 7:4).

A mensagem da ressurreição traz em seu bojo os grandes benefícios da Obra de Deus para nós. Ainda no versículo de abertura do texto vemos Paulo afirmar: “Se Cristo não ressuscitou, significa que ainda estamos em nossos pecados”. Ou seja, estar “debaixo do pecado” (como os religiosos erroneamente afirmam que ainda estamos) implica em não ter havido a ressurreição. Por conseguinte, ao afirmarem que estamos “em pecado”, os religiosos criam um grande problema para a mensagem do Evangelho, pois defender a existência do pecado em nossas vidas é o mesmo que negar que o Senhor ressuscitou! A grande verdade, no entanto, é que Jesus venceu o *inferno* (a sepultura) e, por isso, nós podemos dizer que estamos livres definitivamente do pecado.

Além da libertação definitiva das transgressões, a mensagem da ressurreição nos apresenta outro bene-

fício do ressurgimento de Cristo: a **justificação** daqueles que nasceram antes da cruz (debaixo do pecado, portanto).

*“O qual foi entregue por causa das nossas transgressões, e **ressuscitou para a nossa justificação.**” (Romanos 4:25)*

Ou seja, os filhos predestinados do Senhor são isentos de toda culpa (desculpados eternamente).

Além de todos os benefícios já citados, a maior revelação que temos através da mensagem da ressurreição é a seguinte: existe vida após a morte deste nosso corpo atual. Esta é a maior das vitórias! Afinal, se esperássemos em Cristo só nesta vida atual, seríamos dignos de pena, como Paulo afirma:

*“Se esperamos em Cristo **só nesta vida**, somos os mais miseráveis de todos os homens.” (1ª Coríntios 15:19)*

Se Jesus não tivesse ressuscitado, não haveria esperanças de uma vida futura e eterna, mas o ressurgimento do Senhor dentre os mortos nos dá a esperança infalível de que viveremos para sempre com Ele!

Graças a Deus e ao Seu plano perfeito a nossa certa esperança está além desta experiência atual. Na verdade, nós já passamos da morte para a vida (João 5:24) e a existência que temos agora é apenas um estágio, um degrau, que antecede à realidade que nos aguarda:

*“Pois para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não se podem comparar com a **glória que em nós há de ser revelada.** (...) Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós cada vez mais abundantemente um eterno peso de glória; não atentando nós nas coisas que se veem, mas sim nas que se não veem; porque as que se veem (esta vida atual) **são temporais**, enquanto as que **não se veem são eternas.**” (Romanos 8:18; 2ª Coríntios 4:17-18)*

O genuíno Jejum

*“Seria esse **o jejum** que eu escolhi? O dia em que o homem aflija a sua alma?...” (Isaías 58:5)*

O Jejum de alimentos, conhecido no Velho Testamento como “aflição da alma”, é um dos ritos da religião judaica que, lamentavelmente, mais se faz presente no meio da Igreja do Senhor nesta Nova Aliança. A este Jejum cerimonial judaico são atribuídos vários supostos poderes, tais como: santificação diante de Deus, “busca” de poder espiritual, purificação de pecados, “matar” a carne etc. E a inutilidade deste ritual é tão evidente na Palavra que quando a Graça de Deus é desvendada a uma pessoa, geralmente ela se pergunta como foi capaz de cair nesta falácia absurda de viver se abstendo de alimentos durante horas, muitas vezes dias. Com uma breve conferida em algumas verdades bíblicas podemos constatar a inutilidade desta cerimônia neste Novo Pacto.

1) Não precisamos jejuar para santificação diante de Deus, pois Ele mesmo já nos santificou de uma vez por todas através da oferta de Seu Filho:

*“É nessa vontade (não pelo jejum) que fomos santificados; **pela oferta do corpo de Cristo**, feita uma vez para sempre.” (Hebreus 10:10)*

2) Não precisamos de jejum para buscar poder espiritual, pois o Poder de Deus já opera em nós pela presença do Espírito Santo, independentemente de qualquer outro fator.

“Ora, Àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o Seu poder que em nós opera.” (Efésios 3:20)

3) Não precisamos de jejum para purificação de pecados, pois o Senhor já nos livrou deles de uma vez por todas na cruz.

*“Que não necessita, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiramente por seus próprios pecados, e depois pelos do povo; porque isto fez Ele, **uma vez por todas**, quando Se ofereceu a Si mesmo.” (Hebreus 7:27 — conferir Colossenses 2:13-14 e Hebreus 9:26)*

4) Não precisamos de jejum para “matar” a carne, pois o velho homem já está morto para Deus.

*“Sabendo isto, que o nosso **homem velho foi com Ele crucificado**, para que o corpo do pecado fosse **destruído** (...) e os que são de Cristo Jesus já crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências.” (Romanos 6:6; Romanos 8:13)*

Apenas com estes pequenos exemplos podemos constatar a ineficácia da prática do jejum de alimentos *depois*

da cruz e a grande perda de tempo que significa este ritual da Lei na vida do povo de Deus.

Além dos ensinamentos de Paulo que vimos anteriormente no texto, o próprio Jesus, mesmo vivendo debaixo da Lei (antes da cruz), descartou a prática do jejum para aqueles que o tinham consigo. Jesus deixou claro:

“...Enquanto o Esposo (o próprio Jesus) estiver presente, não podem jejuar.” (Marcos 2:19)

Jesus foi tirado por um período, e os discípulos jejuaram naqueles dias; mas hoje Cristo habita em nós (Colossenses 1:27) e, por isso, não precisamos mais de jejuns. Ele (o Esposo) está presente para sempre.

Se o jejum de alimentos não é legítimo neste Novo Pacto, qual seria o verdadeiro Jejum que devemos praticar e que Deus recebe desde a época da Lei? Evidentemente é aquele que vemos relatado no contexto do versículo de abertura:

“Acaso não é este o jejum que escolhi: que soltes as ligaduras da impiedade, que desfaças as ataduras do jugo? E que deixes ir livres os oprimidos, e despedaces todo jugo? Porventura não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desamparados? Que vendo o nu, o cubras, e não te escondas da tua carne?” (Isaías 58:6-7)

O genuíno e único jejum que deve ser praticado é a libertação de vidas da religiosidade e do mundo, e a

partilha com aqueles que necessitam. São estas atitudes que o Senhor recebe como práticas autênticas da fidedigna fé cristã, firmada na Nova Aliança.

A verdadeira Renovação

*“A vos **renovar** no espírito da vossa mente.”
(Efésios 4:23)*

Sempre nos deparamos com “modinhas” no meio do sistema religioso tradicional. Todas são muito prejudiciais para o povo de Deus; umas prejudicam mais, outras menos, mas no final sempre trazem danos para a vida espiritual dos eleitos do Senhor. O que não muda e iguala todos esses modismos, no entanto, é o fato de nunca terem respaldo bíblico. Invariavelmente, não passam de invencionices de homens que querem “aparecer” e aumentar seus ganhos financeiros.

Algumas dessas modas ganham corpo e ultrapassam gerações. Um exemplo disto é o famigerado “movimento pentecostal”: uma das maiores **maldições** já inventadas no meio da Igreja, que começou como uma modinha norte-americana e acabou se tornando um movimento mundial que engana, humilha e afasta o povo do Senhor de viver a Verdade do Evangelho.

Uma das modas mais recentes criadas no meio do sistema (e que nem é mais novidade) é a moda da “Igreja Renovada”. Muitas denominações consideradas *tradicionais*, por estarem perdendo campo, têm se tornado “renovadas”. Porém, o conceito de renovação é bem distorcido e, claro (como sempre), sem qualquer fundamento bíblico.

Segundo a compreensão distorcida de alguns líderes *evangélicos*, para uma congregação se tornar “renovada” ela precisa ter pelo menos uma destas características: “falar em línguas” ou permitir certas “liberdades” nas ordenanças da denominação (como permitir o corte de cabelo das mulheres, a maquiagem, certos tipos de roupas etc.). Em alguns casos, a tal “renovação” se apresenta com estas duas características ao mesmo tempo. Contudo, o conceito bíblico de renovação é completamente diferente de tudo isto. Como vimos no versículo que abre este texto, de acordo com a revelação do genuíno Evangelho dado ao apóstolo Paulo, a **verdadeira renovação** acontece através do entendimento. Em outras palavras, a genuína renovação **acontece na mente do povo** que compõe a congregação:

“...mas transformai-vos pela renovação de vossa mente...” (Romanos 12:2)

Está claro que a renovação bíblica nada tem a ver com “falar em línguas” ou com o afrouxamento do legalismo de certas denominações. Quem nos renova é a Palavra Predestinada de Sabedoria (1ª Coríntios 2:7) quando penetra a nossa mente, ativa a nossa fé e nos traz mais e mais conhecimento de Deus.

Uma Igreja pode se considerar renovada quando a mesma pertence exclusivamente a Cristo, pois quando há obras da Lei no meio de uma congregação, jamais haverá nela o genuíno renovo. Segundo palavras

proféticas do próprio Deus a Josué, o Senhor faria vir Aquele que seria **o renovo**, ou seja, **Jesus Cristo**:

*“Ouve, pois, Josué, sumo sacerdote, tu e os teus companheiros que se assentam diante de ti, porque são homens portentosos; eis que eu farei vir o meu servo, **o Renovo**.” (Zacarias 3:8)*

JESUS É O RENOVO DA IGREJA! Quando uma congregação abre mão das práticas da Lei, dos sacrifícios, do cerimonialismo religioso, dos mandamentos de homens e vive dependendo cem por cento da fé em Cristo, esta é uma Igreja Renovada por excelência.

É importante ressaltar que a renovação individual não é algo que acontece da noite para o dia. É um processo que pouco a pouco, a cada reunião em Graça, acontece individualmente na mente e, conseqüentemente, na vida de cada ovelha do Senhor através de Sua Palavra:

*“Por isso não desfalecemos; mas ainda que o nosso homem exterior se esteja consumindo, o interior, contudo, **se renova de dia em dia**.” (2ª Coríntios 4:16)*

Se antes de ler este texto você achava que a renovação era através do nefasto “pentecostalismo”, agora posso dizer, com convicção, que a sua mente se renovou em relação a este assunto.

Toda Igreja que está verdadeiramente debaixo da Graça de Deus pode ser considerada **renovada**. E todas as pessoas que compõem uma congregação em

Graça são individualmente renovadas dia após dia pela PALAVRA DA GRAÇA DE DEUS dispensada em seus corações.

Mantenha-se salvo

*“Tem cuidado de ti mesmo e do teu ensino; persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, **te salvarás**, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem.” (1ª Timóteo 4:16)*

O título acima, para quem conhece o Evangelho da Graça, soa como uma afronta ao espírito do Novo Pacto. E de fato é, se você pensa que *salvação*, neste contexto, é a Salvação do espírito (homem interior). Não é. Aliás, é importante ressaltar que na maioria das vezes que lemos o termo “salvação” na Bíblia ele não está se referindo à Salvação Eterna.

No início do capítulo quatro da primeira epístola a Timóteo (contexto do versículo citado acima), Paulo dá um alerta ao seu filho na fé sobre a existência de homens mentirosos, apostatados da fé e que tinham a consciência cauterizada (1ª Timóteo 4:1-3). Esses homens citados por Paulo certamente eram os da circuncisão (judaizantes) que viviam transtornando as igrejas com as obras da Lei. O cuidado de Paulo era para que Timóteo não caísse nas armadilhas doutrinárias daqueles sujeitos desviados da verdade. Isto, se acontecesse, seria a perda da Salvação da mente (o capacete da Salvação — Efésios 6:17).

Sendo filho de Deus, Timóteo jamais perderia sua Salvação eterna (João 10:27-28); porém, se ele não cuidasse de viver na doutrina que Paulo o havia introduzido, Timóteo teria a sua fé transtornada pelas men-

tiras da religião e teria, assim, perdido a salvação que a Graça havia feito em sua mente. Por isso, Paulo é categórico: “Se você, Timóteo, perseverar na minha doutrina, *vai salvar a si mesmo* e salvar os que te ouvem”. Em outras palavras, Paulo estava dizendo que se permanecesse em Graça, Timóteo iria se salvar e salvar os eleitos da igreja das mentiras, das obras da Lei, dos mandamentos de homens, enfim, de toda maldição (Gálatas 3:10) que os homens citados no contexto trariam para aquela congregação.

Infelizmente, por mais que pareça impossível para quem conhece a Palavra, regredir para a Lei ou criar heresias não é algo impossível de ocorrer na vida de uma pessoa que já está em Graça. Daí a importância de sempre nos manter salvos de tudo isto. Devemos sempre dizer NÃO a tudo aquilo que não vem do Evangelho revelado a Paulo no Terceiro Céu:

“Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos pregasse outro evangelho além do que já vos pregamos, seja anátema (considerado maldito).” (Gálatas 1:8)

Não são poucos os ministérios que começaram em Graça e depois regrediram, seja para a Lei ou para outras heresias. Exemplos: conheço um “apóstolo” que começou muito bem em Graça e depois voltou a realizar a “Santa Ceia”, falar no *diabo espiritual* em sua denominação, entre outras heresias. Outro pregava a Graça e depois começou a se autodenominar o “Rei que reina com justiça”, o “único aprovado para pregar a Graça”,

entre muitas outras heresias. Conheci também certo “Bispo” que tinha até um programa em Graça na tevê e que voltou a pregar a mesma mensagem maldita que ministrava antes. Enfim, lamentável.

Há na Bíblia um grande exemplo deste tipo de regressão da fé: a **igreja dos gálatas**. Eles começaram em Graça e depois estavam se entregando às Obras da Lei:

“Ó insensatos gálatas! Quem vos fascinou a vós, ante cujos olhos foi representado Jesus Cristo como crucificado? Só isto quero saber de vós: Foi por obras da lei que recebestes o Espírito, ou pelo ouvir com fé? Sois vós tão insensatos que tendo começado pelo Espírito (Graça), é pela carne (Lei) que agora acabareis?” (Gálatas 3:1-3)

Amados, se Deus nos revelou a Palavra da Graça, é neste Evangelho que devemos andar. Não se importem se fulano ou sicrano não aceita a Palavra ou se o sistema religioso nos chama de “desviados”, de “seita” ou coisas que valham. O que importa é estarmos andando de acordo com o que já alcançamos do Senhor, **sempre mantendo nossa mente salva**:

“Mas andemos de acordo com o que já alcançamos.” (Filipenses 3:16)

Mantenha o seu entendimento **salvo**, sempre em linha com a Graça de Deus, servindo sempre ao Pai em espírito.

As riquezas incompreensíveis de Cristo

*“A mim (...) me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do Evangelho, **as riquezas incompreensíveis de Cristo.**” (Efésios 3:8)*

A dificuldade que alguns têm para entender o Evangelho da Graça passa pela incompreensibilidade de tudo que o Senhor Jesus conquistou por nós e já nos atribuiu. Como não entendem o amor de Deus por nós, os religiosos acham impossível que todas as conquistas espirituais de Jesus nos sejam dadas, literalmente, de graça. Assim, muitas heresias surgem baseadas em textos bíblicos retirados de seus respectivos contextos. O fato é que, querendo ou não o sistema religioso, o Senhor Jesus já nos enriqueceu em tudo, inclusive em todo o conhecimento da Palavra:

*“Porque **em tudo fostes enriquecidos nele**, em toda palavra e em todo o conhecimento.” (1ª Coríntios 1:5)*

As riquezas de Cristo, claro, são muitas, imensuráveis, e o povo de Deus, mesmo não as compreendendo deve aceitá-las e viver baseado nelas. É isto que nós — os defensores do Evangelho da Graça — buscamos ardentemente. A bem da verdade, não é necessário que nós compreendamos os porquês de Deus em relação à

Sua Obra. Basta confiarmos nele, sabendo que Ele está no controle e sabe o que faz.

Por meio do Evangelho em Graça tenho anunciado aos amados irmãos e irmãs, ao longo desses anos de Ministério, as riquezas inescrutáveis do Senhor Jesus Cristo e gostaria de lembrar algumas delas a seguir:

1) Como compreender que Deus quis nos salvar para sempre e nunca nos exigiu nada em troca por isso?

*“Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, **mas segundo a sua misericórdia, nos salvou** mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo.” (Tito 3:5)*

Esta é uma das riquezas de Cristo que não precisamos compreender; apenas a recebemos e vivemos por meio dela, confiando plenamente no Senhor. Já os religiosos, por não aceitarem o fato de Deus nos salvar sem exigir nada, vivem buscando a Salvação eterna através de obras e sacrifícios.

2) Como compreender a presença de Cristo em nós por meio de Seu Espírito que habita o nosso corpo?

*“E a esperança não desaponta, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi concedido (...) Não sabeis vós que sois santuário de Deus, e que **o Espírito de Deus habita em vós?** (Romanos 5:5; 1ª Coríntios 3:16)*

Não precisamos compreender como isto se dá e qual a magnitude desta riqueza. É incompreensível. Porém, devemos aceitar como verdade absoluta e vivermos esta riqueza plenamente, confiando na garantia bíblica de que somos um espírito com Deus. (1ª Coríntios 6:17)

3) Como compreender que o Senhor retirou o pecado de nosso meio e que, apesar de nossas debilidades na carne, jamais seremos achados em pecado?

“...João viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: ‘Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo’ (...); mas agora, na consumação dos séculos, uma vez por todas se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo. (...) pois que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões.” (João 1:29; Hebreus 9:26; 2ª Coríntios 5:19)

Não precisamos entender por que Deus usou de misericórdia a ponto de ignorar nossas fraquezas carnis. Ele nos fez novas criaturas, não nos conhece segundo a carne (2ª Coríntios 5:16-17) e, diante dele, não somos vistos como pecadores. Saber tudo isto nos basta.

É por tudo isto e muito mais que devemos agradecer sempre a Deus por tão preciosas riquezas que Ele nos proporcionou.

O povo de Deus já é abençoado

*“Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual **nos abençoou** com toda sorte de bênçãos espirituais nas regiões celestes em Cristo.” (Efésios 1:3)*

Há muitas realidades maravilhosas contidas na Palavra que o povo de Deus no mundo não conhece porque não lhe é ensinado. E uma dessas realidades é o fato de já sermos abençoados com todas as bênçãos. Lamentavelmente, os irmãos que se encontram nas igrejas do sistema religioso não se veem como abençoados por Deus de fato. Ou seja, para eles, ser abençoado é algo circunstancial e não um fato espiritual imutável. Em outras palavras, a maioria do povo de Deus crê que **está** e não que **é** abençoado. Se têm carro, casa, comida na mesa e estão bem de saúde, eles dizem: “*estou abençoado*”. Porém, quando passam por alguma circunstância um pouco mais difícil deixam de se ver como abençoados e começam a dizer que “Deus está pesando a mão”, que “perderam a bênção” etc.

Nós já ensinamos que ser abençoado é mais do que contar com coisas deste mundo (como ter bens materiais). Ser dotado de bênçãos espirituais é uma **posição** que temos em Cristo e que jamais mudará, pois independe de circunstâncias. Ser abençoado é ter sido predestinado, é ser salvo, para sempre salvo, é ser

livre em Cristo, é ser espiritualmente perfeito, é ser achado sem pecado etc.

Não obstante a nossa posição de abençoados não ter relação direta com coisas materiais, não podemos negar que a manifestação das bênçãos neste mundo está intimamente ligada ao fato de sermos abençoados no espírito. Ou seja, as vitórias que alcançamos, as curas, os desejos materiais que se manifestam etc., são resultados das bênçãos espirituais. Em suma, não são as benesses manifestadas neste mundo que nos definem como abençoados, mas elas vêm à existência através da Fé, que é um dom, uma **benção espiritual** que temos no espírito.

Uma das passagens bíblicas mais conhecidas em nosso Ministério cabe muito bem para o decorrer do assunto abordado aqui neste texto:

“O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento. Porquanto rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei...” (Oséias 4:6)

A falta de conhecimento do povo de Deus tem permitido ao sistema religioso enganar as ovelhas do Senhor ao longo de séculos. Aliás, é importante dizer que não é interessante para a religião institucionalizada que o povo conheça sua posição em Cristo. Este é um dos motivos, inclusive, deles odiarem tanto os pregadores da Graça de Deus, já que nós procuramos iluminar os olhos do povo para que não sejam mais enganados.

Os filhos de Deus não precisam de sacrifícios, campanhas, correntes ou coisas deste tipo para alcançarem bênçãos. Eles precisam, sim, reconhecer que já são abençoados e aprender a confessar as vitórias, chamando-as à existência e cultivando também a paciência ensinada pela Graça para esperarem a manifestação das vitórias, segundo a vontade de Deus. E o curioso é que no lugar de ficarem felizes com a notícia de que não precisam dos artifícios oferecidos pela religião, muitos ficam ofendidos e até com raiva quando ensinamos que já são abençoados. Isto se dá por causa da lavagem cerebral que o sistema maligno das denominações “correnteiras” faz na mente do povo.

As malditas correntes, campanhas e sacrifícios ensinados pelas “igrejas” do sistema não passam de artimanhas para prender o povo, inchar a denominação e aumentar a arrecadação financeira. O povo de Deus não precisa de tais coisas, pois **já é abençoado** para sempre.

Os inimigos da cruz de Cristo

*“Porque muitos há, dos quais repetidas vezes vos disse, e agora vos digo até chorando, **que são inimigos da cruz de Cristo.**” (Filipenses 3:18)*

É possível imaginarmos o que Paulo estava sentindo ao escrever este trecho de sua carta aos Filipenses, revelando sua tristeza (a ponto de chorar) apenas pelo fato de mencionar a existência de *inimigos da cruz de Cristo*. De fato, é muito triste sabermos que há pessoas que se opõem à Obra do Senhor na cruz do Calvário. Aliás, é importante destacar que ser inimigo da cruz significa justamente isto: ser inimigo da Graça! Lamentavelmente, muitos daqueles que dizem defender os interesses do Reino de Deus, na verdade **são inimigos** (de forma inconsciente muitas vezes).

Por não estar submetida à Graça, a maioria do povo de Deus atual vive como opositora daquilo que Cristo fez por nós. Quando, por exemplo, os religiosos fazem jejum para “se santificarem” diante de Deus, estão dizendo que a santificação que Ele nos proporcionou na cruz não teve valor. Quando se batizam para “arrependimento” e “purificação de pecados”, estão dizendo que o Batismo que o Senhor nos atribuiu na cruz (Romanos 6:3) e a purificação advinda de Sua Obra não possuem nenhuma importância, enfim. Mesmo que seja de forma inconsciente, ser inimigo da cruz

de Cristo é — obviamente — algo muito ruim para o povo de Deus.

Geralmente é por causa da influência da Lei de Moisés na Igreja que povo do Senhor se opõe à Graça e se coloca debaixo de maldição:

*“Pois TODOS quantos são das obras da lei estão **debaixo de maldição...**” (Gálatas 3:10)*

A presença da Lei no cotidiano dos eleitos de Deus faz com que os mesmos vivam por obras de sacrifícios e não apenas por fé, como é o chamado bíblico para o povo nesta Nova Aliança (Gálatas 3:11). Assim, muitos têm se portado como inimigos do Senhor:

*“**Separados estais de Cristo, vós os que vos justificais pela Lei; da graça decaístes.**” (Gálatas 5:4)*

Ser inimigo da cruz de forma desavisada por estar debaixo da Lei (como é o caso da maioria que diz servir a Deus) é algo muito negativo, mas não é o pior desta história toda. O fato ainda mais negativo é que muitos se opõem à cruz (isto é, à mensagem da cruz; à Graça) de forma absolutamente consciente. No contexto do versículo de abertura deste texto, o apóstolo Paulo fala dos filhos da perdição que são manipuladores da fé, que usam o povo de Deus ao seu bel prazer e mentem descaradamente para alcançarem seus objetivos escusos:

“Porque muitos há (...) que são inimigos da cruz de Cristo; cujo fim é a perdição; cujo deus é o ventre; e cuja glória assenta no que é vergonhoso; os quais só cuidam das coisas terrenas.” (Filip. 3:18-19)

Há exemplos de sobra no mundo eclesiástico brasileiro. O que mais vemos na grande mídia (tevé, rádios etc.) são homens e mulheres enganadores, com aparência de piedade (parecem ser servos de Deus), mas que negam a eficácia de Cristo. Como disse Paulo no versículo acima, esses filhos da perdição travestidos de “apóstolos”, “bispos”, “missionários”, “pastores”, entre outros, apenas cuidam do que é terreno (como prosperidade financeira) e não estimulam o povo a buscar as coisas lá do alto, que são: conhecer o Senhor através de Sua Palavra, buscar o galardão, viver uma vida espiritual legítima, servir ao Senhor em espírito e em verdade, vencer a luta contra as obras da carne, ser exemplo, luz e tempero para este mundo, dizer não à Lei de Moisés, entre muitas outras coisas:

“...Buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, e não nas que são aqui da terra.” (Colossenses 3:1-2)

Não se iluda com grandes “templos”, programas de tevê e pessoas com aparência de servos do Senhor. Procure verificar se a mensagem pregada evidencia a Graça de Deus e exalta a eficácia de Cristo pelo Seu povo. Se uma denominação envolve as pessoas com

obras da Lei, com questões puramente financeiras, ascritícios, correntes, campanhas e afins, certamente trata-se de uma organização **inimiga da cruz de Cristo**.

O mistério de Deus com os gentios

*“É porventura Deus somente dos judeus? E não o é também dos gentios? **Também dos gentios, certamente.**”*

(Romanos 3:29)

Há uma grande dificuldade para as pessoas religiosas entenderem o Evangelho da Graça, principalmente nos meios mais fervorosos. E uma das responsáveis por isto é a falta de atenção em relação à questão dos **gentios** e **judeus**. Afinal, se não separarmos estes povos do ponto de vista teológico, não poderemos compreender, por exemplo, o porquê de os Ministérios em Graça — como o nosso — abdicarem de certas cerimônias originárias do judaísmo, tais como: Ceia do Senhor (que não é nada mais do que a Páscoa Judaica “reformulada”), os jejuns, as abluções (batismos), a observância aos sábados, dízimos, entre outros. As igrejas do sistema religioso tradicional insistem com estas práticas (que nada têm a ver com o genuíno Evangelho) porque não compreendem o mistério de Deus com os gentios, e não percebem que judaizar um gentio é algo abominável à luz da Bíblia. Paulo repreendeu a Pedro porque este estava fazendo os gentios viverem como judeus, ou seja, praticando as obras da religião judaica, e não vivendo puramente **por fé** como é o desejo de Deus para todos os Seus eleitos

nesta Nova Aliança (Gálatas 3:11). Veja a seguir Paulo repreendendo a Pedro por causa disto:

*“Mas, quando vi que **não andavam** retamente **conforme a verdade do Evangelho**, disse a **Pedro** perante todos: Se tu, sendo judeu, vives como os gentios, e não como os judeus, por que obrigas os gentios a viverem como judeus?.” (Gálatas 2:14)*

Como podemos facilmente constatar neste versículo, fazer um gentio viver como judeu é o mesmo que NÃO ESTAR NA VERDADE DO EVANGELHO. Em outras palavras, é o mesmo que andar na mentira! Para quem ainda não sabe é importante explicar: um gentio é uma pessoa que não tem origem judaica, ou seja, uma pessoa que não tem sangue judeu, que não nasceu da linhagem do povo hebreu (como é o caso, aliás, da esmagadora maioria do povo brasileiro, por exemplo).

Como já disse, nesta Nova Aliança todos os eleitos de Deus (judeus e gentios) são chamados a viver **somente pela fé**, isto é, sem as obras da Lei de Moisés, as cerimônias e os sacrifícios da religião judaica. E os gentios, em especial, devem viver, mais do que nunca, longe das diretrizes judaizantes. Afinal, os não-judeus nunca tiveram uma lei espiritual da parte de Deus (Romanos 2:14).

O que é importante frisar (e este é o meu objetivo neste texto), é que a grande maioria do povo cristão (evangélicos e católicos) no Brasil — isto sem falar do resto do mundo — é formada de pessoas não-judeias! Praticamente todo o povo que vemos nas igrejas

do Brasil afora não são judeus de nascimento e, mesmo assim, infelizmente quase todos **vivem como judeus**, isto é, praticando as obras do judaísmo.

Antes da cruz, mais precisamente a partir do advento de Abraão, o Senhor escolheu apenas um povo para Si. Os judeus se tornaram a menina dos olhos de Deus, o Seu povo escolhido. Porém, por causa do pecado que ainda reinava no mundo, a relação de Deus com Seu povo era absolutamente restrita e distante. Neste tempo, os gentios nem eram cogitados. Para ilustrarmos bem isto, basta lembrarmos que Jesus de Nazaré (que era judeu), num primeiro momento, sequer veio para os gentios:

“Responden-lhes Jesus: Não fui enviado senão às ovelhas perdidas do povo de Israel.” (Mateus 15:24)

Um dos grandes mistérios de Deus, no entanto, e que Isaías já havia profetizado (42:1-6), é que os gentios, mesmo renegados antes da cruz, já haviam sido predestinados por Deus (Efésios 1:4-11) e passariam a ser co-herdeiros das promessas com os judeus por causa de Cristo Jesus:

*“Pelo que, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo; a saber, **que os gentios são co-herdeiros** e membros do mesmo corpo e co-participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do Evangelho.” (Efésios 3:4 e 6)*

A Igreja do Senhor Jesus Cristo, no Brasil e no mundo, precisa entender este mistério dos gentios para que possa se libertar definitivamente de toda esta visão judaizante, distorcida e maldita que foi imposta pela religião católica e evangélica.

O homem espiritual

“Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus (...). Mas o que é espiritual discerne bem tudo...”
(1ª Coríntios 2:14-15)

Ao contrário do que muitos imaginam, o “homem espiritual” não é aquele que veste roupas diferenciadas, que vai ao monte para orar, que faz jejuns, que mostra aparência de santidade etc. Na verdade, é bem o contrário disso tudo.

É importante entendermos que o genuíno **homem espiritual**, antes de tudo, é aquele que foi criado espiritualmente desde antes da Criação do mundo e que, posteriormente, veio ser participante de carne e sangue (Hebreus 2:14). Ou seja, o homem espiritual é aquele que o Senhor conheceu de antemão — “...os que dantes conheceu...” (Romanos 8:29) — e que, portanto, possui a natureza espiritual (a natureza de Deus), além da natureza de Adão (carnal).

Há dois tipos de pessoas neste mundo: aqueles que possuem apenas uma natureza (terrena, carnal) e aqueles que, como eleitos de Deus, têm as duas naturezas. Dentro da Doutrina da Graça nós chamamos estes dois grupos de “duas sementes”. Paulo fala deste assunto aos Coríntios:

“Assim também está escrito: o primeiro homem, Adão, tornou-se alma vivente; o último Adão, espírito vivificante. Mas não é

primeiro o espiritual, senão o natural; depois o espiritual. O primeiro homem, sendo da terra, é terreno; o segundo homem é do céu. Qual o terreno, tais também os terrenos; e, qual o celestial, tais também os celestiais” (1ª Coríntios 15:45-48).

Paulo está dizendo que o grupo de pessoas que desce apenas da carne são somente **terrenos** (pois não vieram do céu). Já o segundo grupo são **os celestiais** (pois vieram do céu). Estes podem ser chamados individualmente de *homem espiritual*.

Uma vez que nós, celestiais, somos eminentemente espirituais, podemos afirmar que:

- 1) Obviamente nós possuímos **espírito** (também conhecido como “*homem interior*” — Romanos 7:22).
- 2) Somos filhos de Deus, conhecidos por Ele desde antes da fundação do mundo, eleitos e predestinados (Efésios 1:4-5; Romanos 8:30).
- 3) Sendo possuidores de espírito e filhos de Deus, nesta Nova Aliança possuímos o Espírito Santo dentro de nós para sempre. (1ª Coríntios 3:16)

Segundo o apóstolo dos gentios, o homem natural, isto é, o terreno, que não tem espírito, não compreende as coisas de Deus, pois ele as tem como loucura:

*“Ora, o **homem natural** não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque **para ele são loucura**; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.” (1ª Coríntios 2:14)*

Como as coisas de Deus só se discernem no âmbito espiritual, apenas aqueles que possuem o homem interior e, conseqüentemente, o Espírito Santo, podem entendê-las de fato e viver por elas verdadeiramente.

A princípio, lendo esta passagem bíblica, vem à nossa mente as pessoas religiosas que não aceitam o Evangelho da Graça. Se analisarmos friamente o que Paulo escreveu, chegaremos à conclusão que tais pessoas não passam de seres terrenos, isto é, carnaís (filhos da perdição) “fantasiados” de crentes em Cristo. Porém, não podemos nos precipitar, pois uma pessoa pode, sim, nem que seja num primeiro momento, rejeitar a Palavra do Evangelho, mesmo sendo um eleito. Como isto pode ser possível? Por meio da cegueira que a religião causa na mente do povo de Deus.

O Senhor jamais colocaria uma venda nos olhos de Seus filhos. Deus endurece apenas aqueles que não são espirituais:

*“Mas, se ainda o nosso Evangelho está encoberto, é **para os que se perdem** que está encoberto.” (2ª Coríntios 4:3)*

Porém, a religiosidade fecha os olhos de muitos filhos de Deus para que não entendam as coisas do Altíssimo. Isto acontece porque a religião é uma lógica humana, que não precisa do espírito para ser entendida;

logo, ela ativa a mente carnal das pessoas, impedindo que a mente espiritual (de Cristo) se manifeste. Por isso que a verdadeira batalha espiritual é contra **toda religião**, a fim de que os homens espirituais (os filhos de Deus) possam ter acesso à verdade do Evangelho da Graça de Deus para serem verdadeiramente livres.

O Gólgota e a divisão dos tempos

“Levaram-no, pois, ao lugar do Gólgota, que quer dizer, lugar da Caveira. (...) Então o crucificaram...” (Marcos 15:22-24)

Há quase dois mil anos atrás Jesus de Nazaré foi levado à cruz e consumou os séculos (Hebreus 9:26). Ou seja, Ele pôs fim à era de Adão e da Lei de Moisés (Romanos 10:4); enfim, o Senhor nos libertou do império das trevas (Colossenses 1:13) e, ao ressuscitar, iniciou, de fato, uma **NOVA ERA** (do grego “*aion*”): a era eterna da GRAÇA DE DEUS (o Sétimo Dia).

O lugar onde a cruz do Senhor foi posta chamava-se Gólgota (palavra do aramaico que significa “Caveira”). Este nome foi dado àquele local, que se localizava fora das muralhas da cidade de Jerusalém, porque o monte apresentava uma elevação que se assemelhava a um crânio e era também o local onde muitos condenados à morte foram crucificados.

Como nada na Obra de Deus acontece por acaso, acredito que haja um simbolismo bem interessante neste local onde Jesus expirou. Afinal, não obstante a vitória definitiva sobre a morte ter acontecido na ressurreição, o que aconteceu na cruz foi o primeiro “golpe fatal” que a morte recebeu. Se observarmos bem, a morte começou a ser vencida no principal local que a simbolizava naquela época. Em outras palavras, a mor-

te começou a perder seu reinado exatamente onde estava o seu “trono” à época.

Passado o simbolismo já citado, o lugar da Caveira ganhou um novo sentido, a saber, onde antes o **fim** (de muitas vidas) imperava, se tornou um lugar de **recomeço**, pois na cruz Jesus aniquilou o velho *aion* e, após Seu falecimento, o relógio da Criação marcou o primeiro segundo do Sétimo Dia. Como Paulo disse:

“...tudo se fez novo.” (2ª Coríntios 5:17)

Infelizmente, muitos ainda não compreendem a grandiosidade desta frase dita por Paulo. As pessoas que estão envolvidas com as religiões ditas cristãs ainda vivem como se nada tivesse sido renovado. E, assim, vivem ativando em suas vidas as coisas que faziam parte do antigo *aion*. Com isso, não são poucos os que ainda cultivam pensamentos totalmente baseados na Natiga Aliança.

Certo irmão, a convite de um amigo, foi visitar uma denominação tradicional (“da Lei”). Em certo momento o pregador da noite bradou aos quatro ventos algo assim: “Muitos dizem que o Espírito Santo não sai de nós, mas Ele saía de Davi...”. Este é um pensamento típico de quem ainda está com a sua mente permeada pelo Antigo Pacto. Eu não posso acreditar que o Espírito se retira de nós atualmente baseando-me naquilo que acontecia na Antiga Aliança, pois neste Novo Pacto o Espírito do Senhor **habita** em nós. Ele não faz mais faz “visitas”. Quando alguém afirma algo

como este pregador declarou, é porque não entendeu que na cruz **tudo mudou**. Tudo que fazia parte do “tempo antigo” (período anterior à cruz) já está ultrapassado — *“As coisas velhas já passaram...”* (2ª Coríntios 5:17).

A partir da Obra realizada na cruz, o RENOVO se tornou uma grande realidade. E Jesus Cristo Ressuscitado é o primeiro elemento da Nova Criação que foi inaugurada na ressurreição:

Jesus *“...é a imagem do Deus invisível, o **primogênito** de toda a Criação.”* (Colossenses 1:15)

No Gólgota Jesus dividiu os tempos, pondo fim a uma era de maldições, incertezas e medo; Ele nos abriu as portas do Novo e Vivo Caminho que é a Nova Aliança e nos trouxe de volta para o Reino. E assim como na visão de Ezequiel, onde um lugar de mortos se tornou um lugar cheio de vida (Ezequiel 37:1-10), o “lugar da Caveira”, onde Cristo foi morto, se tornou um lugar de renovo para toda a Criação.

Exaltar e viver a Graça de Deus por meio do Evangelho genuíno do Novo Pacto é reconhecer a perfeição desta Obra maravilhosa feita por Cristo. Por isso nos esforçamos tanto em levar esta Palavra adiante, a fim de que os eleitos reconheçam o Novo Tempo iniciado a partir do momento que Cristo subiu ao Gólgota.

O Primogênito da Nova Criação

*“O qual é imagem do Deus invisível, o **PRIMOGENITO** de toda a Criação.” (Colossenses 1:15)*

Jesus, em Sua manifestação de Criador, gerou todo o cosmos. Como Paulo disse: “...*tudo foi criado **por Ele**, e para Ele.*” (Colossenses 1:16). Assim, o Senhor é conhecido como o primeiro de toda a Criação, visto que “...*nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades...*” (Colos. 1:16). Foi a partir do Senhor que todas as coisas passaram a existir e é por meio dele que tudo se mantém.

Com a vinda do homem no Sexto Dia da Criação, o pecado (e, por conseguinte, a corrupção, a morte) entrou no mundo:

“...por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte...” (Romanos 5:12)

Assim, houve uma separação entre o Criador e Sua Criação. O ser humano morreu espiritualmente por perder o relacionamento com Deus e contraiu, também, a morte física como consequência de seu pecado. Metaforicamente, o “Sexto Dia” — o período de escuridão espiritual, quando a obra de Adão ainda contaminava a Criação e a Lei de Moisés ainda conduzia o

povo de Deus — se estendeu até a cruz, quando o relógio da antiga Criação marcou “meia-noite”.

Para que o relacionamento com Deus fosse restabelecido, era preciso que uma Nova Criação fosse feita. Deste modo, mais uma vez o Criador entrou em ação: ao ressuscitar, Jesus Cristo marcou o primeiro segundo do Novo Dia (o Sétimo) e, assim, originou uma Criação Nova, sendo Ele mesmo o primeiro elemento (**o primogênito**) dela. E todos nós que pertencemos a Ele também já somos elementos da Nova Criação, concebida na cruz:

*“Por isso daqui por diante a ninguém conhecemos segundo a carne; e, ainda que tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, com tudo agora já não o conhecemos desse modo. Pelo que, se alguém está em Cristo, **nova criatura é**; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.” (2ª Coríntios 5:16-17)*

Muitos acreditam que ser “nova criatura” é converter-se a uma denominação evangélica, batizar-se, tomar “Santa Ceia” e mudar de atitudes (passar a usar roupas aprovadas pela denominação, não beber, não fumar, não ir à praia, não ir ao cinema etc.). Porém, não obstante algumas destas mudanças serem até positivas, o fato é que ser *nova criatura* não tem nada a ver com mudanças de hábitos, mas, sim, com fazer parte da Nova Ordem criada por Deus.

Nós, após a cruz, passamos a pertencer Àquele que ressuscitou (ao “Outro” — Romanos 7:4), justamente por que já somos uma Nova Criação. Jesus de

Nazaré (segundo a carne) ainda pertencia à antiga Criação exatamente por causa de Sua carne. Porém, ao ressuscitar com um novo corpo, Ele sacramentou o início da última Criação, **nova e definitiva**, criada a partir desta atual e que se manifestou em toda sua plenitude na ocasião da volta do Senhor Jesus Cristo no ano 70 da era Cristã.

Jesus Cristo Ressuscitado é o primeiro da ressurreição; aliás, Ele é o primeiro em tudo. Por isso que Paulo afirma:

*“Ele (...) é o princípio, o primogênito dentre os mortos, para que em tudo **tenha a preeminência**.” (Colossenses 1:18)*

Cristo é “...o **primogênito** entre muitos irmãos.” (Romanos 8:29). Nós somos Seus irmãos amados e devemos glorificá-lo sempre por Sua Obra restauradora, pela qual nos livrou do império das trevas e nos transportou para o Seu Reino de perfeição e amor.

Assim na Terra como no céu

*“...seja feita a Tua vontade, **assim na terra como no céu.**” (Mateus 6:10)*

Quando Jesus de Nazaré ensinou a oração conhecida como “Pai Nosso” aos judeus, na verdade Ele estava transmitindo uma palavra profética que apontava para benefícios que viriam neste Novo Pacto. E as benesses contidas nesta oração já se manifestaram. Vamos conferir:

1) “Venha o teu Reino”

Vemos muitas pessoas no meio da religião ainda orando o “Pai Nosso” e pedindo que o Reino venha. Com os olhos iluminados, sabemos que este é um pedido que não faz o menor sentido ser feito nesta Nova Aliança, visto que o Reino de Deus já veio.

*“E indo, pregai, dizendo: **É chegado o Reino dos céus.** (...) Ele nos libertou do império das trevas, e **nos transportou para o Reino** do seu Filho amado.” (Mateus 10:7; Colossenses 1:13)*

2) “Perdoe as nossas dívidas”

Este é mais um pedido que já está cumprido, pois todo o nosso escrito de dívida já foi cancelado, isto é, perdoado:

*“Tendo **cancelado o escrito de dívidas** que havia contra nós nas suas ordenanças, o qual nos era contrário, removeu-o inteiramente do meio de nós, encravando-o na cruz; (...) uma vez por todas Se manifestou, **para aniquilar o pecado** pelo sacrifício de si mesmo.” (Colossenses 2:14; Hebreus 9:26)*

3) “Não nos deixe cair em tentação”

Resposta neste Novo Pacto:

*“Não vos sobreveio nenhuma tentação, senão humana; mas fiel é Deus, o qual **não deixará que sejais tentados acima do que podeis resistir**, antes com a tentação dará também o livramento, para que a possais suportar.” (1ª Coríntios 10:13)*

Como pudemos constatar, a palavra profética chamada de “oração do Pai Nosso” é algo que já tem o “Sim” neste Pacto de melhores promessas, estando totalmente cumprida. Neste caso, podemos incluir a súplica: *“Seja feita a Tua vontade, **assim na Terra como no Céu**”*. O que significa este pedido? Se observarmos bem, há uma grande revelação nesta frase.

Jesus precisava reconciliar o *cosmos* (a criação, que havia sido desconciliada por meio de Adão). E isto o Senhor fez, ao morrer na cruz do Calvário:

*“Deus estava em Cristo **reconciliando consigo o mundo** (do grego “kosmos”)...” (2ª Coríntios 5:19)*

Com a reconciliação, Céus e Terra foram novamente harmonizados por meio de Cristo Jesus, tendo ambos sido convergidos nele:

*“...de fazer convergir em Cristo **todas as coisas**, tanto as que estão **nos céus** como as que estão **na Terra**.” (Efésios 1:10)*

Portanto, a vontade de Deus está feita assim na Terra como no Céu. Ou seja, não há mais diferença ou separação. A Terra hoje é, por assim dizer, um **lugar celestial**.

O descanso que provém do Evangelho

*“Nós, porém, que cremos, entramos no descanso...”
(Hebreus 4:3)*

Ao contrário do que muitos imaginam, o descanso oferecido por Deus não é algo que vai acontecer apenas no futuro, quando estivermos na eternidade. Apesar de nós estarmos em um mundo de aflições, o DESCANSO deve ser vivido e aproveitado pelos filhos de Deus ainda nesta vida terrena. Afinal, como nós podemos constatar no versículo que abre este texto, descansar é um chamado para todos aqueles **que creem**. Outra coisa importantíssima que devemos aprender é que o descanso nesta Nova Aliança não é um dia de vinte e quatro horas. É um grande equívoco quando uma denominação obriga as pessoas a “guardarem” os sábados achando que este seja o “descanso”. Isto não faz nenhum sentido, visto que não estamos mais debaixo das obras da Lei (Gálatas 3:10). Com uma breve conferida na carta aos Gálatas é possível verificarmos o descontentamento do apóstolo dos gentios com o fato de aquela igreja (que havia sido criada em Graça) estar observando os sábados:

*“**GUARDAIS DIAS**, e meses, e tempos, e anos. Receio de vós que eu tenha trabalhado em vão para convosco.” (Gálatas 4:10-11).*

O descanso do povo de Deus não é mais um dia específico da semana. Nosso Descanso é Cristo, e nós estamos nele todos os dias para sempre. Jesus, ainda nos dias de Sua carne, nos ensinou sobre o verdadeiro “sábado”:

*“Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e **achareis descanso** para a vossa alma.” (Mateus 11:29)*

Em Cristo nós somos chamados a descansar. E este descanso tem dois aspectos que quero destacar aqui:

- 1) Descansar em relação às **obras**.
- 2) Descansar em relação às **circunstâncias**.

Quando o VERDADEIRO EVANGELHO (a Graça de Deus) nos é revelado, imediatamente nós deixamos de viver por obras da Lei. Muitos acham que nosso Ministério não considera certas práticas (como jejuns, montes, vigílias, joelhos no pó, sacrifícios, ceias, observância aos sábados, o duro trato do corpo, batismos, dízimos, entre outros) porque somos rebeldes à Palavra. Porém, abandonar estes rudimentos judaizantes não é uma atitude de rebeldia ao Evangelho, mas uma postura de perfeito entendimento do Novo Pacto, que é de descanso, onde se deve repousar destas obras e viver apenas por fé (Gálatas 3:11):

*“Pois **aquele que entrou no descanso de Deus**, esse também descansou de Suas obras, assim como Deus das suas.”*
(Hebreus 4:10)

Isto é, da mesma maneira que Deus descansou proféticamente no Sétimo Dia, nós que cremos no verdadeiro Evangelho também descansamos agora neste Novo Pacto. Infelizmente, a grande maioria do povo de Deus ainda não alcançou a “Terra Prometida” chamada Graça.

O segundo aspecto do descanso deve ser levado em conta até mesmo por quem já está em Graça. Repousar em relação às circunstâncias deste mundo é um convite do Pai celestial para os Seus filhos. Escrevendo aos Filipenses, o apóstolo Paulo aconselha:

*“Não andeis ansiosos por **coisa alguma...**”* (Filipenses 4:6)

A ansiedade exagerada quanto às coisas da vida é um sintoma de quem ainda não assimilou este aspecto do descanso que Deus preparou para nós. Não devemos viver desesperados, sem dormir e roendo as unhas por causa de qualquer situação. É evidente que, muitas vezes, é difícil não ter ansiedade, medos e angústias em certos momentos da vida, mas é importante exercitar este lado do descanso.

Lembrem-se: o descanso é como uma moeda; tem duas faces distintas. Se o Evangelho da Graça já te foi revelado e você já descansou das obras, ótimo! Mas é necessário descansar das circunstâncias também. Pro-

cure não viver de maneira ansiosa, tentando resolver as coisas segundo a carne. Descanse no Senhor, pois Ele está no controle e faz com que todas as coisas contribuam para o nosso bem.

Não estamos em pecado

*“Pois **o pecado não terá domínio sobre vós**, porquanto não estais debaixo da lei, mas **debaixo da Graça.**”*
(Romanos 6:14)

Acho importante que voltemos periodicamente ao tema do **pecado** para que possamos dirimir todas as dúvidas dos amados irmãos, especialmente dos eleitos que estão começando a receber agora o entendimento da Graça.

Muitas dúvidas surgem na mente de quem está no meio do sistema religioso quando afirmamos (e provamos biblicamente) que não estamos mais debaixo do pecado, pois o mesmo já foi aniquilado:

*“Eis o Cordeiro de Deus, **que tira o pecado do mundo** (...) na consumação dos séculos, uma vez por todas se manifestou, **para aniquilar o pecado** pelo sacrifício de si mesmo.”* (João 1:29; Hebreus 9:26)

Como vimos nos versículos acima, não é difícil constarmos isto na Palavra. Ou seja, quando alguém afirma que uma pessoa está “*em pecado*” está negando a Obra de Cristo na cruz.

Para entendermos esta questão do pecado neste Novo Pacto é importante percebermos a sua relação com as Alianças. Como Paulo nos revela, o pecado entrou no mundo por Adão:

*“Portanto, assim como **por um só homem entrou o pecado no mundo**, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram.”*
(Romanos 5:12)

Porém, de Adão até Moisés o pecado não era levado em conta, tinha como consequência apenas a morte física e não trazia em seu bojo o principal aspecto da morte que é o espiritual (estar separado de Deus).

*“Porque antes da lei já estava o pecado no mundo, **mas onde não há lei o pecado não é levado em conta.**”* (Romanos 5:13)

Sendo assim, para que se cumprisse completamente o que Deus havia dito a Adão (Gênesis 2:17), o pecado precisava de algo que o forçasse a ser levado em conta. Neste caso, faltava ao pecado algo que o “diagnosticasse”. E quem cumpriu este papel foi a Lei de Moisés:

*“O **aguiilhão da morte é o pecado**, e **a força do pecado é a lei.**”* (1ª Coríntios 15:56)

Após o cumprimento da palavra dita por Deus ao primeiro homem, o Senhor precisava pôr tudo em ordem, desfazer o erro do primeiro casal e reconciliar a Criação e a humanidade que haviam sido amaldiçoados. Assim, ao aniquilar o pecado na cruz, o Senhor

harmonizou-Se com o mundo e atraiu para Si todas as coisas que haviam sido separadas:

*“Pois que Deus estava em Cristo **reconciliando consigo o mundo** (...) para **fazer convergir em Cristo todas as coisas**, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra.”* (2ª Coríntios 5:19; Efésios 1:10).

Com Sua ressurreição, Jesus inaugurou uma Nova Aliança que teve sua plenitude com a queda do ícone maior da Lei (a destruição do Templo dos judeus no ano 70 da era cristã). E neste Novo Pacto a relação do homem com o pecado mudou completamente. Antes da cruz, as pessoas já nasciam debaixo do pecado independentemente de suas obras, pois vinham ao mundo contaminadas pela obra adâmica. Após a cruz, o filho de Deus não nasce mais debaixo do pecado, visto que já vem ao mundo redimido pela morte e ressurreição do Senhor. A grande confusão vem do fato de Paulo falar em “pecado”, mesmo sendo ele o apóstolo que recebeu de Deus a revelação da Graça e que ensinou sobre o fim das transgressões. Para que se entenda bem isto, podemos dizer o seguinte: **estar em pecado** é uma coisa, **cometer pecados** é outra. Paulo não dizia que as pessoas estavam *em pecado* após a cruz, mas que *cometiam pecados* (erros na carne).

Nesta Nova Aliança o pecado não nos separa de Deus, pois está restrito apenas ao seu significado literal e é cometido na carne, onde Deus não nos conhece mais (2ª Coríntios 5:16). Pecado vem do grego “*hamar-*

tia” e significa, simplesmente, “errar o caminho”. Ou seja, na carne nós ainda “erramos o alvo”, mas isto não muda nossa posição diante do Pai, pois Cristo retirou a condenação (Romanos 8:1).

Apenas antes da cruz as pessoas estavam EM PECADO e, conseqüentemente, eram pecadoras. No Novo Pacto nós cometemos males carnaís que trazem conseqüências ruins nesta vida, mas que não alteram a nossa posição espiritual diante de Deus por tudo aquilo que Cristo já conquistou por nós.

Jamais aceite que te rotulem como “pecador”. Como já dissemos, quem faz isto está desmerecendo a Obra do Senhor que nos foi dada gratuitamente. Pela Graça de Deus nós não somos pecadores; somos, sim, **novas criaturas**. (2ª Coríntios 5:17)

O espírito do mundo

*“Ora, nós não recebemos **o espírito do mundo**, mas sim o Espírito que provém de Deus, a fim de compreendermos as coisas que nos foram dadas gratuitamente por Deus.”*
(1ª Coríntios 2:12)

Sempre fomos levados a crer que o *espírito do mundo* citado pelo apóstolo Paulo eram coisas absolutamente comuns e normais a qualquer pessoa. Por exemplo: sempre disseram que o tal “mundanismo” dentro da Igreja era usar brincos e *piercings*, passar batom, as mulheres usarem calças compridas, fazer tatuagem, ir à praia, ir ao cinema, ir ao teatro, ouvir músicas não-cristãs, ir a shows de artistas populares etc. Porém, ao contrário do que a maldita religião impõe, não há qualquer demérito em nenhuma dessas atitudes. Inclusive, a Bíblia sequer proíbe essas coisas. Afinal, Cristo nos libertou para que fôssemos verdadeiramente livres (João 8:36; Gálatas 5:1). Quem proíbe é o homem e não Deus; e quem vive em proibições humanas está fora da Palavra e da vontade do Pai:

*“Se morrestes com Cristo quanto aos rudimentos do mundo, por que vocês se sujeitam ainda a ordenanças? (...), tais como: não toques, não proves, não manuseies... (essas coisas todas hão de perecer pelo uso), **segundo os preceitos e doutrinas de homens**. Estas coisas (proibições e imposições) têm, na verdade, alguma aparência de sabedoria, mas não passam de*

cultos de si mesmo, humildade fingida, e severidade para com o corpo; e não têm valor algum, a não ser para satisfazer a carne.” (Colossenses 2:20-23)

Nosso Ministério sempre incentiva os irmãos a lerem muito, especialmente a Bíblia, e a sempre buscarem o contexto imediato (dentro da mesma passagem bíblica) ou o contexto geral do entendimento da Nova Aliança em todos os textos. Às vezes eu até brinco: “conhecereis o contexto e o contexto te libertará”. E, no caso do assunto aqui proposto, isto se aplica, pois quando lemos o contexto do versículo de abertura (onde Paulo fala do espírito do mundo) nós encontramos a seguinte afirmação do apóstolo da Graça:

*“As quais também falamos, não **com palavras ensinadas pela sabedoria humana**, mas com palavras ensinadas pelo Espírito Santo, comparando coisas espirituais com espirituais.” (1ª Coríntios 2:13)*

Através do contexto podemos observar que o *tal espírito* do mundo não são as atitudes que citei no início do texto ou supostos “espíritos do mal”, “diabo espiritual” etc. O espírito do mundo são todos os entendimentos que vêm da sabedoria humana e que se opõem à Palavra do genuíno Evangelho. Para confirmar isto, veja o que Paulo diz sobre a verdadeira batalha espiritual que enfrentamos:

*“Porque as armas da nossa milícia não são carnis, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas (na mente), anulando os sofismas (ideias falsas) e toda altivez que se levante **contra o conhecimento de Deus**, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo.” (2ª Coríntios 10:4-5)*

Para resumir este entendimento afirmo que todo o ensino, doutrina, filosofia, teoria etc., que vá contra o conhecimento de Deus é o que a Palavra chama de *espírito do mundo*.

Um dos espíritos do mundo mais famosos que há fora da Igreja é conhecido como *ateísmo*. Como não creem em Deus, a principal tese defendida pelos ateístas diz que os mundos, os animais e o próprio ser humano não teriam sido criados por um ser superior (Deus, como sabemos), mas, sim, vindo do nada. Segundo esta ideia, após as coisas existentes terem vindo de uma explosão aleatória (*“Big Bang”*), a vida teria surgido na Terra através de combinações químicas espontâneas (impossíveis de acontecer, diga-se de passagem) e, assim, teria surgido o primeiro ser vivo (uma bactéria) que, por sua vez, “evoluiu” dando origem a todos os demais seres vivos — inclusive o homem.

Apesar de ser grave a existência de ideias enganadoras no mundo (como esta dos ateístas), acredito que pior do que isto é o espírito do mundo que está **dentro das igrejas**. Infelizmente a Igreja amada do Senhor está hoje em dia permeada de filosofias humanas, teorias e teologias que nada lembram os ensinamentos

do Evangelho bíblico do Novo Pacto. Paulo em sua época foi veemente contra estes sofismas:

*“Tendo cuidado para que **ninguém** vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo.” (Colossenses 2:8)*

E segundo Paulo, a Lei de Moisés, que hoje, infelizmente, está presente em noventa e nove por cento das igrejas também é um maldito espírito mundano. Para vermos isto, basta conferirmos o contexto anterior do versículo de abertura deste texto:

*“Porque está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios (...) Onde está o sábio? **Onde o escriba** (especialista na Lei)? Onde está o questionador deste século? Porventura não tornou Deus louca **a sabedoria deste mundo?**” (1ª Coríntios 1:19-21).*

Toda doutrina que envolve a Igreja com as obras da Lei é o *espírito do mundo* no meio da Obra de Deus. Portanto, digamos sempre NÃO a todo este entendimento que se levanta contra a Revelação de Deus e sempre SIM ao conhecimento proporcionado pelo Evangelho da Graça de Deus.

Já nascemos selados com o Espírito Santo

*“No qual também vós, tendo ouvido a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, e tendo nele também crido, **fostes selados com o Espírito Santo da promessa.**”*
(Efésios 1:13)

Por causa da ausência do entendimento da Palavra e por falta de contextualização dos textos e tempos bíblicos, muitas heresias foram criadas ao longo dos séculos de cristianismo. E desde que Deus fez chegar o Evangelho da Graça até minha vida que tenho procurado dar a minha contribuição ao Seu Reino no que se refere à libertação do povo do Senhor das garras da mentira e da cegueira espiritual.

Na época em que eu ainda vivia no meio do lamaçal de mentiras que é o sistema religioso “cristão” muitas vezes me julguei incapaz e inferior por supor que quem falava em “línguas”, pulava, rodopiava, suava e gritava na igreja era “mais santo” ou tinha “mais intimidade com Deus”. Assim, eu e, certamente, muitos outros vivíamos numa busca incessante pela presença do Espírito Santo em nós, como se Ele já não estivesse presente em nossas vidas desde o ventre de nossas mães.

O sistema pentecostal foi o responsável por inserir na mente do povo a ideia de que Deus ainda não cumpriu a Sua promessa de derramar Seu Espírito

sobre toda a carne (isto é, sobre todas as etnias). Nós, ao contrário, temos a certeza de que Deus não falhou em Sua promessa e que Ele, nesta Nova Aliança, já outorgou seu Espírito a todo Seu povo escolhido (Romanos 5:5).

Sabemos que o Espírito Santo não habitava em ninguém na Antiga Aliança devido à presença do pecado no mundo. O Espírito do Senhor vinha, muitas vezes *sobre* Seus profetas e juízes (Números 24:2; Juízes 3:10), apenas para cumprir um propósito específico e depois Se retirava. Então, Deus prometeu:

*“Acontecerá **depois** que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne...” (Joel 2:28).*

Este “depois” se referia à Nova Aliança que já foi inaugurada. Ou seja, a promessa de Deus já é uma realidade, pois já estamos no pacto dos **bens já realizados**:

*“Cristo, tendo vindo como sumo sacerdote **dos bens já realizados**, por meio do maior e mais perfeito tabernáculo...” (Hebreus 9:11 — Bíblia de Estudo Almeida, tradução de João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada, 2ª Edição).*

*“Cristo veio como sumo sacerdote dos **benefícios agora presentes**...” (Hebreus 9:11 — Nova Versão Internacional)*

Ora, a presença do Espírito Santo em nós faz parte desses benefícios agora presentes! Por isso, temos cer-

teza absoluta que todos os eleitos do Senhor que nasceram nesta Nova Aliança já surgiram selados com o Espírito Santo, pois já nasceram com o Pacto estabelecido. Logo, esta doutrina ensinada pelos “pentecostais” (e até por alguns segmentos não-pentecostais) dando conta de que os filhos do Eterno têm que “buscar” o Espírito de Deus é uma das maiores e mais destruidoras fraudes que surgiram no cristianismo moderno.

Antes, porém, de encerrarmos o texto é importante que algo fique bem explicado. Ao lermos o versículo citado no início, aparentemente encontramos algo que contraria o que dissemos até agora. Isto porque em *Efésios 1:13*, Paulo diz que a Igreja precisou *ouvir* o Evangelho para ser selada. Ora, se é preciso **ouvir** o Evangelho para recebermos o Espírito, como nós já nascemos selados? Na História também encontramos aparentes contradições à presença do Espírito Santo em nós desde o ventre materno. Em Atos dos Apóstolos nós vemos Paulo impondo as mãos sobre algumas pessoas para que o Espírito Santo habitasse nelas (Atos 19:6). É aqui que muitos se confundem e criam doutrinas estranhas à Revelação da Palavra. Para entendermos isto, é importante compreendermos que a experiência da Igreja primitiva é totalmente diferente da Igreja atual. Como já vimos, o Espírito Santo *antes da cruz* não habitava em ninguém, porque Cristo ainda não havia aniquilado o pecado (Hebreus 9:26). E se observarmos bem, o povo da Igreja primitiva (que aparece em Atos e nas epístolas) era composto de pessoas

que tinham nascido **ainda no período anterior à cruz**, onde a Lei ainda não tinha sido abolida (cumprida por Cristo) e as Promessas ainda não tinham sido liberadas. Então, a principal diferença entre nós (Igreja atual) e o povo da época de Paulo é que nós já nascemos com a Nova Aliança estabelecida e eles **não**. Como a Igreja primitiva viveu este período de transição de Lei para Graça, eles precisaram ouvir o Evangelho para receber o Espírito, **pois tinham nascido ainda sem a presença dele**.

Deus começou a cumprir Sua promessa do derramamento do Espírito Santo logo após a cruz, onde os judeus o receberam no Dia de Pentecostes e os gentios pouco tempo depois. Hoje, porém, a promessa já é uma realidade. Nós não temos mais que buscar ou lutar para termos o Espírito Santo, pois desde o ventre materno Ele está em nós.

Libertação ou Disciplina?

*“E conhecereis a verdade, e a **verdade** vos libertará.”*
(João 8:32)

Certa vez, conversando com uma pessoa que pertence ao sistema tradicional cristão, eu me deparei com o tema apresentado neste texto. A nossa conversa era sobre o que seria a **verdadeira libertação**. Durante nosso diálogo, meu interlocutor afirmou o seguinte:

— *“Um familiar meu fez uma ‘campanha’ na minha igreja, logo depois ‘aceitou a Jesus’, foi batizado e mudou totalmente. Foi liberto de tudo: do cigarro, da bebida; as brigas em sua casa cessaram, enfim. Para mim, isto é libertação.”*

Após ele concluir seu raciocínio, eu perguntei:

— *“Então, você atribui esta mudança de seu parente ao fato de ele ter feito uma ‘campanha’ e ter entrado para sua igreja?”*

Assim ele respondeu:

— *“Sim. Se você o conhecesse antes e o visse agora, diria que ele está liberto.”*

Daí eu perguntei, retoricamente:

— “Você já parou para pensar que quando as pessoas se tornam adeptas de outras religiões, inclusive religiões não-evangélicas, elas também mudam suas vidas? Já viu como os espíritas praticantes, em sua maioria, são pessoas de boa índole? E os católicos fervorosos: já notou como eles, muitas vezes, têm uma vida irrepreensível?”

Meu interlocutor, então, foi obrigado a concordar e disse:

— “Realmente, você tem razão.”

Daí, eu concluí dizendo:

— “Então, irmão. A verdadeira libertação não vem porque alguém entra para uma denominação evangélica (ou qualquer outra religião), faz ‘campanhas’ e se batiza nas águas; tampouco ser liberto significa apenas ter uma boa índole. A genuína libertação só ocorre através de conhecermos a Verdade de Deus.”

Por não conhecerem o que é verdadeiramente a libertação revelada na Palavra, a maioria das pessoas confunde “ser disciplinado” com “ser liberto” (assim como este irmão retratado nos diálogos acima). No entanto, a disciplina religiosa nada tem a ver com a verdadeira libertação que Jesus nos desvenda em *João 8:32*. Muitos pensam que libertação é parar de fumar, parar de beber, parar de emitir xingamentos, mudar o estilo de vida etc. Porém, apesar de muitas destas mudanças de atitudes serem boas para a vida de qualquer pessoa, o

fato é que ninguém precisa ouvir a Palavra para, por exemplo, parar de fumar, deixar de roubar, ser mais educado ou coisa que valha. Conheço muitas pessoas que mudaram de vida sem sequer ir a qualquer igreja ou religião. Logo, a mudança de estilo de vida que vemos numa pessoa quando a mesma “entra para a igreja” ou se torna adepta de qualquer religião, ainda que mude para melhor, não é a libertação bíblica.

Tais mudanças de comportamento, na verdade, são apenas **DISCIPLINAS** impostas por uma denominação religiosa. A genuína libertação proposta por Jesus acontece em nossa mente pela **sua renovação** (Romanos 12:2) que vem através do conhecimento:

*“...mas os justos **são libertados pelo conhecimento.**”*
(Provérbios 11:9)

Como vimos no versículo de abertura deste texto, é apenas conhecendo **a verdade** que uma pessoa pode se considerar verdadeiramente liberta. E o que seria esta verdade? A Palavra responde:

*“...**a Graça e a Verdade** vieram por Jesus Cristo”* (João 1:17).

A Verdade e a Graça de Deus, como acabamos de constatar, estão de mãos dadas. Em outras palavras, a Graça e a Verdade são as duas faces de uma **mesma moeda**. Se a pessoa não está submetida ao único Evangelho que nos põe em contato com a Graça de

Deus, esta pessoa, no máximo, estará disciplinada, mas não liberta, pois não conhece a Verdade (a Graça).

Nunca é demais reiterar: mudar o estilo de se vestir, mudar o tom de voz, mudar certas atitudes, deixar de praticar isto ou aquilo, seguir ordenanças de denominações religiosas, fazer sacrifícios corporais que as religiões ensinam e coisas semelhantes a estas não é ser liberto. Ser liberto é conhecer e se submeter ao genuíno Evangelho que nos apresenta a Verdade, a saber, o Evangelho da Graça de Deus. E a maior característica de quem foi liberto pela Verdade é ser totalmente livre das garras da religiosidade (com suas disciplinas religiosas), para servir a Deus em espírito e em Verdade (João 4:24).

“Para a liberdade Cristo nos libertou; permaneçam, pois, firmes e não se submetam novamente a um jogo de servidão.” (Gálatas 5:1)

Anjos em vasos de barro

*“Porque, segundo **o homem interior**, tenho prazer na lei de Deus.” (Romanos 7:22)*

Os eleitos de Deus são seres **TRIÚNICOS**, pois são formados pela soma de três elementos: o corpo, a alma e o espírito:

*“E o próprio Deus de paz vos santifique completamente; e o vosso **espírito e alma e corpo** sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.” (1ª Tessalonicenses 5:23)*

Mas apesar de sermos formados por três elementos, a nossa **verdadeira natureza** está em nosso homem interior. O nosso espírito é quem realmente somos desde antes da criação do mundo. A nossa alma é o nosso intelecto humano e os nossos sentimentos, e o nosso corpo é como um recipiente, um invólucro, feito apenas para receber nosso espírito no mundo:

*“Temos, porém, este tesouro **em vasos de barro**, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós.” (2ª Coríntios 4:7)*

O nosso **homem interior** que é filho de Deus, pois o Senhor é **Pai do espírito**, não da carne (Hebreus 12:9). O nosso espírito foi eleito para vir a este

mundo participar de carne e sangue e cumprir um propósito.

O salmista Davi, inspirado por Deus, revela que os filhos do Eterno (isto é, os espíritos) são *deuses*. Porém, por virem à Terra, morrem como homens:

*“Eu disse: **Vós sois deuses, e filhos do Altíssimo**, todos vós. Todavia, como homens, haveis de morrer...” (Salmos 82:6-7)*

Através desta revelação nós entendemos a nossa origem: como filhos do Altíssimo que somos, concluímos que o homem interior que temos dentro do corpo é como um anjo que foi vestido de carne:

*“De pele e carne **me vestiste**, e de ossos e nervos me teceste.” (Jó 10:11)*

Em outras palavras, nós somos um espírito que foi dotado de alma e recebeu um corpo (o “vaso de barro”) neste mundo:

*“Portanto, visto como os filhos (espíritos) **participam** de carne e sangue...” (Hebreus 2:14).*

Outro motivo que nos faz ter certeza que somos espíritos revestidos de carne é a afirmação que Paulo faz dando conta que a nossa pátria está nos céus (Filipenses 3:20). Muitos creem que nesta passagem Paulo fala de nosso destino (para onde vamos), mas não. Paulo, na verdade, fala **de nossa origem**, pois a pátria

é onde nascemos. E quando o corpo de carne (o vaso de barro) morre, nós voltamos para nossa pátria:

*“E o pó volte para a terra como o era, e o espírito **volte a Deus** que o deu.” (Eclesiastes 12:7)*

Talvez você que está lendo este texto possa se perguntar: “E qual a aplicação desta doutrina em minha vida?”. A resposta é simples e maravilhosa: saber a nossa origem e o nosso destino nos traz a segurança em Deus de que jamais perderemos a nossa Salvação Eterna. Além disso, o fato de sabermos que a nossa vida não é um simples acaso, mas um plano eterno de Deus, nos faz ser ainda mais gratos ao Senhor por fazermos parte de Seu plano perfeito concebido desde antes da fundação do mundo (Efésios 1:4).

Oração x Religiosidade

“Mas tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechando a porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.” (Mateus 6:6)

Ao contrário do que alguns insistem em apregoar, a oração não foi abolida neste Novo Pacto. Muito pelo contrário. Orar é uma prática de absoluta fé em Deus; e como sabemos, a fé é a mola-mestra de nossas vidas nesta Nova Aliança. Os eleitos de Deus, a partir da ressurreição de Cristo, são chamados a viverem exclusivamente por ela:

*“É evidente que pela lei ninguém é justificado diante de Deus, pois: O justo **viverá da fé.**” (Gálatas 3:11)*

Orar é confiar em Deus, é crer que Ele está a nosso favor, nos ouvindo e nos auxiliando em nossa vida diária neste mundo. Além dos muitos benefícios trazidos para a vida dos eleitos do Pai, a oração ainda vem a ser o remédio mais que perfeito contra a ANSIEDADE: um problema de saúde pública que ultimamente tem afligido milhões de pessoas mundo afora, sendo, inclusive, considerado por muitos especialistas em saúde como um dos grandes males do século XXI:

“Não andeis ansiosos por coisa alguma; antes sejam os vossos pedidos conhecidos diante de Deus *pela oração...*” (Filipenses 4:6)

Acredito que não preciso me esforçar muito para fazer entender que a oração não é algo “da Lei”, mas sim uma atitude que se encaixa muito bem na visão do Novo Pacto. Se observarmos bem, o apóstolo escolhido por Deus para ser o precursor do Evangelho da Graça (Paulo) foi o que mais ensinou sobre a importância da prática de orar.

Entender que a oração é um elemento da Nova Aliança não é difícil. O grande desafio é separarmos a oração dos rudimentos da religião. Por isso é muito importante que nós desmistifiquemos a oração, pois, apesar de ser uma prática tão maravilhosa, ela tem sido usada de forma errada e, na maioria das vezes, como puro instrumento de religiosidade.

Quando recorremos à história bíblica, vemos Jesus combatendo a prática da oração de forma religiosa e exibicionista:

“E, quando orardes, não sejais como os hipócritas; pois gostam de orar em pé nas sinagogas, e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam a sua recompensa.” (Mateus 6:5)

No versículo posterior (vs. 6, usado na abertura deste texto) Jesus recomenda que a oração seja feita “em secreto” em nosso quarto. É evidente que Jesus não esta-

va criando ali uma regra para orar. Ele apenas estava dizendo para o povo fazer exatamente o contrário dos religiosos, que oravam em público para mostrarem uma santidade fingida.

O que os filhos do Altíssimo precisam a todo custo entender é que a oração não deve ser feita baseando-se em regras. O ideal é que compreendamos, antes de tudo, que ninguém sabe orar como convém (Romanos 8:26). Então, precisamos apenas vislumbrar o verdadeiro “espírito da oração” e o Espírito Santo faz o resto. Jesus deixou este entendimento no ar quando ensinava aos judeus sobre o ato de orar. Quando disse que devemos nos dirigir a Deus “em secreto”, Ele estava, na verdade, revelando que a oração deve ser feita “de dentro para fora”; em outras palavras, a oração deve vir do espírito, de nosso íntimo, do mais profundo de nossa mente. Isto é orar em espírito. Ao orarmos, não temos que nos preocupar com preceitos estabelecidos pelas religiões. Temos, sobretudo, que ser sinceros com o Senhor. Conversar com o Pai de forma absolutamente franca, expondo nosso íntimo, tendo sempre a certeza de que Deus jamais nos condenará por nada, pois nenhuma condenação cabe a nós (Romanos 8:1); devemos falar com Ele de nossos desejos e sonhos (Salmos 37:4), pedir o que precisamos (Filipenses 4:6) e, acima de tudo, agradecer-lo sempre! (Colossenses 4:2)

É muito importante a ausência de regras, pois os preceitos religiosos só fazem “engessar” a nossa fé e nos impedem de termos uma plena comunhão com

nosso Deus. Você pode orar de joelhos? Sim, pode. Paulo era adepto deste costume:

“Por esta razão me ponho de joelhos perante o Pai.” (Efésios 3:14)

Porém, isto não era uma regra que Paulo seguia; orar de joelhos era um costume antigo do povo judeu. Como Paulo era judeu de nascimento, ele, provavelmente, se sentia bem orando desta forma. Entretanto, colocar-se de joelhos é mais do que uma posição física. É uma posição **espiritual**. Por exemplo: você pode “pôr-se de joelhos” dirigindo seu carro, fazendo sua caminhada, sentado à mesa no intervalo do seu trabalho, enfim. Lembre-se constantemente: não há regras, nem limites para a oração.

Abaixo seguem algumas dicas (não regras) para alcançarmos nossos objetivos no que diz respeito à prática da oração:

- 1) Não estabeleça um tempo fixo de oração: ore sempre o suficiente para as suas necessidades.
- 2) Não queira “falar bonito” com Deus. Isto é absolutamente desnecessário, visto que – como já vimos – ninguém sabe orar como convém. Seja apenas sincero e esteja com inteira certeza de Fé.
- 3) Ore sempre em linha com a Palavra deste Novo Pacto. Por exemplo: jamais peça para Deus lhe aben-

çoar, pois nesta Nova Aliança Ele já te abençoou (Efésios 1:3); nunca peça para Deus não se afastar de você, pois a partir deste Novo Pacto o Senhor está conosco para sempre e nós somos um espírito com Ele (1ª Coríntios 6:17); nesta Nova Aliança, o pecado está aniquilado (Hebreus 9:26) e já fomos perdoados para sempre (Colossenses 2:13-14), portanto, não peça para Deus lhe “perdoar”. Ele já fez isto. Enfim.

4) Ore sempre baseado nas Promessas de Deus que estão escritas na Palavra a nosso favor. Daí a importância de conhecê-las cada vez mais.

5) Ao orar, lembre-se: você é **filho** de Deus, não mendigo.

6) Não se preocupe em “*sentir a presença de Deus*”. Muitos preocupam-se com isto, querendo sempre sentir uma emoção quando oram, mas muitas vezes este “sentir” não passa de emoção religiosa, puramente carnal. Não é errado emocionar-se, porém, mais importante que sentir é **SABER** que Deus está contigo “*por onde quer que andares*” (Josué 1:9).

O pensamento positivo e a Graça de Deus

“Os pensamentos dos justos são retos...” (Provérbios 12:5)

Uma das maiores características do Evangelho da Graça de Deus é a positividade intrínseca nas mensagens e ensinamentos ministrados. Isto se dá, é claro, porque através da revelação da Palavra, nós sabemos que toda a Obra de Cristo já foi feita, estando, portanto, totalmente consumada (João 19:28-30). Esta certeza nos traz a ideia real de que todas as benesses oriundas desta consumação realizada na cruz **já estão** em nosso homem interior (espírito). Ou seja, através do Evangelho genuíno nós aprendemos que fomos predestinados e chamados; somos justos, santos e salvos; somos abençoados, perfeitos e imaculados diante de Deus, entre outras maravilhas advindas da Obra do Senhor.

Quando a Graça nos é revelada e todo o entendimento desta Palavra entra em nossa mente, a nossa forma de pensar e ver a vida muda radicalmente. A partir disso, surge a questão: após conhecermos todas as maravilhas de Cristo em nossas vidas, como não passarmos a pensar positivo e, acima de tudo, como não acreditarmos na força de nosso pensamento com tudo que a Palavra nos revela a este respeito?

Um dos grandes questionamentos daqueles que criticam a mensagem da Graça é que, segundo eles,

quando falamos em “pensamento positivo” estamos evocando doutrinas gnósticas e, também, ensinos originários das religiões orientais. Contudo, o fato de correntes não-cristãs ensinarem a importância do pensamento positivo não anula os ensinos bíblicos sobre a influência dos pensamentos para as nossas vidas. Afinal, em várias partes da Bíblia nós encontramos diversos ensinos acerca da relevância dos pensamentos dos filhos de Deus. O próprio Jesus, nos dias de Sua carne, falou do assunto:

*“Mas o que sai da boca procede do coração (da mente); e é isso o que contamina o homem. Porque do coração (da mente) procedem os **maus pensamentos**, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias. São estas as coisas que contaminam o homem...”* (Mateus 15:18-20)

Quando uma pessoa é guiada eminentemente por sua natureza humana (carne), seus pensamentos serão de acordo com a influência produzida por esta natureza. Quando Jesus ensinou sobre este assunto, Ele ainda não havia morrido na cruz e, muito menos, ressuscitado para vivificar espiritualmente o homem. Logo, naquele período, o que prevalecia era mesmo a vontade da carne (o mal) e não a do espírito que estava morto em pecados (Efésios 2:1). Nesta Nova Aliança em que estamos, porém, a natureza espiritual está viva e, por isso, nós temos condições de sermos guiados pelo Espírito Santo que habita em nosso espírito.

Se notarmos bem o ensino citado em Mateus 15, veremos a importância dos pensamentos. Jesus deixa claro que o que sai dos lábios produz frutos para o homem. Ou seja, o que proferimos — veja bem! — **contamina** a nós mesmos e a quem está ao nosso redor. Contudo, para que algo saia de nossos lábios, é necessário, antes, que pensemos. Se por um lado a carne produz pensamentos negativos (como Jesus ensinou), por outro lado, a partir do Novo Pacto, nossa natureza espiritual (uma vez ativada pela Palavra) pode produzir bons pensamentos — positivos — para que *contamine-mos* a nós mesmos e aos outros também.

Outra questão também abordada pelos críticos é o fato de acreditarmos que os pensamentos podem nos trazer benefícios nesta vida. A pergunta deles é: “Seria mesmo possível o pensamento ‘materializar’ alguma coisa em nosso favor?”. Ora, se os pensamentos produzem palavras que contaminam positiva ou negativamente, por que não acreditarmos que coisas podem vir à existência apenas pela força de nosso pensamento? É evidente que o pensamento em si mesmo não tem o poder de chamar à existência as coisas, mas isto se torna possível a partir do momento que Deus entra na questão. Veja o que Paulo diz:

*“Ora, DEUS É PODEROSO para fazer infinitamente mais, além daquilo que pedimos ou **pensamos...**” (Efésios 3:20)*

Paulo deixa claro: o que **pensamos** também influencia naquilo que Deus pode fazer por nós. Ou seja, sim, o

pensamento positivo pode trazer o agir de Deus em nosso favor no que tange a manifestação de nossas bênçãos. Não por acaso, Deus tem todo cuidado com os nossos pensamentos:

*“E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e **os vossos pensamentos** em Cristo Jesus.”*
(Filipenses 4:7)

Busquemos sempre a influência da natureza de Deus que habita em nosso homem interior. Esta natureza espiritual “ativada” em nós produz bons pensamentos que contaminam as nossas vidas e as de nossos próximos:

*“...tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama (...) **NISSO PENSAI.**”* (Filipenses 4:8)

Ao contrário do que os críticos ensinam, não há qualquer problema em acreditarmos nos benefícios do pensamento positivo para as nossas vidas. É claro que não usaremos este recurso como certas doutrinas não-cristãs ensinam. Mas, baseados na Palavra, podemos sim, para glória de Deus, usufruir deste poder maravilhoso que o Senhor nos concedeu.

O bem e o mal

*“Mas o alimento sólido é para os adultos, os quais têm, pela prática, as faculdades exercitadas para discernir tanto **o bem** como **o mal**.” (Hebreus 5:14)*

Tudo que foi ensinado acerca do bem e do mal ao longo dos séculos de cristianismo trouxe uma grande deturpação daquilo que a Bíblia realmente revela sobre este assunto. E quando o tema é especificamente o mal, a deturpação fica ainda mais evidente. Afinal, antes de a Graça voltar a ser revelada por Deus em nossos tempos, todos os cristãos (e, por conseguinte, quase todos no mundo) atribuíam o mal a supostos “espíritos malignos”. Hoje em dia, através da revelação do Novo Pacto, o povo de Deus que está realmente debaixo da Graça não tem mais este tipo de pensamento. Isto ocorre com os cristãos em Graça, aliás, porque o nosso compromisso é efetivamente voltado ao ensino da Palavra. Ou seja, os cristãos submetidos à Palavra da Graça de Deus recebem em suas vidas o que Paulo chama de “alimento sólido” (como nós vimos no versículo de abertura). Nas igrejas em Graça não há espaços para fábulas de homens (Tito 1:14), mentiras ou qualquer coisa que vá contra aquilo que a Palavra diz. Apesar disso, é realmente uma pena que muitos hoje ainda prefiram crer peremptoriamente nas convicções errôneas de seus líderes a crer nas claríssimas evidências bíblicas acerca do mal.

Quando olhamos com atenção os ensinamentos de Paulo sobre o assunto, entendemos com transparência o que é a origem do mal:

*“Acho então esta lei em mim, que, mesmo querendo eu fazer o bem, **o mal está comigo.**” (Romanos 7:21)*

Quando lemos este versículo sem ressaltarmos devidamente o seu contexto, a impressão que temos é que Paulo está dizendo-se “endemoninhado”. No entanto, quando conferimos todo o quadro apontado no capítulo sete da carta Aos Romanos, vemos que Paulo está falando mesmo é de SUA CARNE:

*“Porque eu sei que em mim, isto é, **na minha CARNE, não habita bem algum;** com efeito o querer o bem está em mim, mas o efetuá-lo não está.” (Romanos 7:18)*

Através do que está escrito em *Hebreus 5:14* (versículo que abre este texto), aprendemos que por meio do alimento sólido (o verdadeiro Evangelho do Novo Pacto) nós recebemos capacitação para discernir (isto é, perceber claramente, compreender) o bem e o mal. Em suma, o bem é o que provém do espírito; o mal advém da carne. Confira:

*“Ora, as **obras da carne** são manifestas, as quais são: a prostituição, a impureza, a lascívia, a idolatria, a feitiçaria, as inimizades, as contendas, os ciúmes, as iras, as facções, as dissensões, os partidos, as invejas, as bebedices, as orgias, e coisas*

semelhantes a estas... (...) Mas o fruto do Espírito é: o amor, o gozo, a paz, a longanimidade, a benignidade, a bondade, a fidelidade. a mansidão, o domínio próprio...” (Gálatas 5:19-23).

Ou seja, ao lermos as passagens bíblicas citadas acima podemos enxergar que tudo que o cristianismo, cego, sempre atribuiu aos supostos “espíritos malignos” — inclusive as feitiçarias —, a Palavra nos ensina que são frutos da *natureza humana*, também chamada de *carne*.

A importância de aprendermos a discernir o bem e o mal é que através do legítimo entendimento deste tema, podemos ter um maior controle do mal que somos levados a praticar por influência da carne, já que antes atribuíamos nossos males às obras espirituais. Hoje sabemos que é a nossa carne “ativada” que traz o mal e não obras de terceiros. Logo, podemos remediar melhor a nossa natureza ao invés de ficarmos lutando contra inimigos imaginários:

*“Assim (...) luto, não como dando **golpes nos ar**. Mas esmurro **o meu corpo** e o reduzo à servidão...” (1ª Coríntios 9:26-27)*

Praticar o mal é algo espontâneo para nossa natureza. Não é fácil controlar isto, pois a carne é uma forte realidade neste mundo. Já para realizarmos o bem nós temos que “remar contra a maré” e isto porque precisamos chamar à existência as benesses que estão no âmago de nosso homem interior. Isto se dá somen-

te através da Palavra ativada constantemente em nosso entendimento.

Nossa mente não pode deixar de estar submetida à direção do Senhor em momento algum, caso contrário, o Espírito (o bem) ficará em desvantagem em sua batalha (Gálatas 5:17) contra este *diabo* chamado CARNE (o mal).

Ao homem isso é impossível

“E eis que se aproximou dele um jovem, e lhe disse: Mestre, que bem farei para conseguir a vida eterna?” (Mateus 19:16)

É muito interessante como a visão do jovem judeu cumpridor da Lei que vemos no capítulo dezenove do livro de Mateus ainda é uma realidade para a grande maioria do povo que pertence a Deus. A história daquele jovem é de fato uma forte alegoria dos crentes atuais. Vamos observar alguns detalhes da história: ao abordar a Jesus de Nazaré, o jovem rico desejava aprender do Senhor como ele poderia, por seus próprios méritos, conseguir a vida eterna. Então Jesus disse: *“Guarda os mandamentos”*. Ao que lhe respondeu o jovem: *“Mas já faço isto. Quero saber o que me falta ainda”*. Jesus disse: *“Vende todos os seus bens, dê aos pobres e, então, me siga”*. Então, o jovem se entristeceu, pois era muito abastado e afastou-se do Senhor.

Jesus não faz nada por acaso. Como o Senhor já sabia que aquele mancebo era opulento, então, sabiamente, lhe propôs o desafio de vender tudo que possuía e dividir com os necessitados. Em primeiro lugar, nós confirmamos o seguinte: Simplesmente cumprir mandamentos não significa nada em termos de Salvação (não podemos nos esquecer que a letra mata – 2ª Coríntios 3:6); logo, isto nunca seria o suficiente para a obtenção da vida eterna. Em segundo lugar, aprendemos que todos nós temos um “ponto fraco” (e o da-

quele rapaz rico era a sua fortuna). Ou seja, por mais que nos esforçássemos para cumprir legitimamente todos os mandamentos (como o tal jovem disse que fazia) sempre há algo — o “ponto fraco” — que nos impediria de alcançar, por nós mesmos, a Salvação Eterna. Por fim, Jesus é indagado por seus discípulos: *“Quem pode, então, salvar-se?”*. Prontamente receberam a resposta dele:

— **“AOS HOMENS ISSO É IMPOSSÍVEL”**

Poucas coisas são tão evidentes na Bíblia quanto a incapacidade do homem de salvar-se por seus próprios méritos. Esta passagem bíblica do jovem rico é um exemplo da clareza dos relatos bíblicos sobre este assunto. Infelizmente, porém, a “cultura da conquista” que permeia a existência humana está impregnada nos meios eclesiais por causa da visão maldita que a religião incutiu na mente dos eleitos. Afinal, se para termos as coisas neste mundo precisamos “nos esforçar”, por que a Salvação seria diferente? Infelizmente, esta é a visão MUNDANA que os verdadeiros falsos profetas (que atuam no meio da Igreja há séculos) estão até hoje disseminando nas congregações, nas rádios, na tevê etc. Quantas são as pessoas que vivem atordoadas por estarem em busca da vida eterna e, apesar de seus esforços, sempre a enxergam muito distante. Muitas até desistiram de servir a Deus e saíram das igrejas por pensarem que “não tem jeito”.

Não podemos comparar as coisas de Deus com as demandas do mundo. A despeito de termos que nos aplicar para alcançarmos os objetivos neste mundo, a vida eterna já nos foi dada gratuitamente:

*“Porque o salário do pecado é a morte, mas **o dom gratuito de Deus é a vida eterna** em Cristo Jesus nosso Senhor.”*
(Romanos 6:23)

Nossa vida eterna é um dom gratuito que nos foi dado por Deus, em Cristo Jesus. Não podemos ser como aquele jovem rico e querermos conquistá-la. Principalmente nós que vivemos na Nova Aliança, onde tudo já está consumado e nos foi outorgado por Graça. O preço que deveria ser pago para que isto fosse uma realidade — o salário do pecado — já foi pago por Cristo de uma vez por todas (Hebreus 7:27).

Quando alguém quer conquistar a vida eterna por seus próprios esforços meritórios, inevitavelmente estará anulando a Graça na sua vida:

“Não anulo a graça de Deus; porque, se a justiça vem mediante a lei (por esforços, obras, méritos próprios etc.), logo Cristo morreu em vão.” (Gálatas 2:21)

Ao responder aos seus discípulos sobre quem poderia salvar-se a si mesmo, Jesus disse: “aos homens isso é impossível” e, logo depois, concluiu: “MAS PARA DEUS TUDO É POSSÍVEL”. Neste momento Jesus deixa claro o que o salmista já havia profetizado:

“A salvação vem do Senhor; sobre o teu povo seja a tua bênção.” (Salmos 3:8)

A Salvação vem exclusivamente de Deus e Ele já a deu a todos os Seus. Se você é uma pessoa que crê no Senhor, significa que Ele já te deu a vida eterna (João 5:24). Portanto, não queira, jamais, “conquistá-la”, pois ao homem isso é impossível. Apenas glorifique o Senhor pela vida eterna que Ele já tornou inerente a você e a todos os que O pertencem.

O Evangelho da Graça e o autoconhecimento

“A candeia do corpo são os olhos; de sorte que, se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz.” (Mateus 6:22)

Os benefícios da Graça de Deus em nossas vidas são incontáveis. E conhecer o Evangelho que evidencia esta Graça (a revelação que o Cristo Ressurreto deu ao apóstolo Paulo) nos fez perceber o quão grande é o amor de Deus para conosco e quão maravilhosa foi Sua obra em nossas vidas. Todo este conhecimento certamente acarreta um impacto extremamente positivo na vida dos eleitos de Cristo, de modo que a nossa visão pessoal sobre nós mesmos muda completamente — e para melhor, é claro!

Como podemos ver no versículo inicial, é importantíssimo que os nossos olhos sejam bons. E o Evangelho da Graça faz exatamente isto com a nossa visão: a torna boa — excelente, na verdade.

*“Tendo **iluminados os olhos do vosso entendimento**, para que saibais qual seja a sua esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos.” (Efésios 1:18)*

Certamente, com os **olhos iluminados** pelo entendimento da Graça podemos olhar para nós mesmos e ver a nossa real posição, a nossa vocação e todas as rique-

zas espirituais que nos pertencem. Em outras palavras, por meio da iluminação de nossos olhos nós passamos a enxergar com clareza quem realmente somos em Cristo.

Antes, quando estávamos submetidos à religião e a todo legalismo dos homens, nossa autopercepção era a pior possível. Sem dúvidas, a maioria dos que passaram pelo sistema religioso se via (e muitos infelizmente ainda se veem) mais ou menos como os espiões enviados por Moisés para Canaã se viram:

*“Também vimos ali os nefilins, isto é, os filhos de Anaque, que são descendentes dos nefilins; **éramos aos nossos olhos como gafanhotos**; e assim também éramos aos seus olhos.”*
(Números 13:33)

Na religião geralmente olhávamos para nós mesmos e nos víamos como: pecadores, “pó da terra”, sem a garantia da Salvação eterna, sem a presença do Espírito Santo em nós, em débito com Deus, em condenação, entre outros absurdos. Já por meio da revelação da Palavra nós passamos a conhecer a nossa real posição; e um dos pontos mais importantes que nós enxergamos com a iluminação de nosso entendimento diz respeito à nossa origem espiritual. Antes, pensávamos que nossa vida neste mundo era um acaso e que, por sorte, “aceitamos a Jesus” e conseguimos a possibilidade de sermos salvos por nossos méritos. No entanto, no Evangelho real aprendemos que o Senhor na verdade nos criou espiritualmente, consequentemente nos co-

nheceu desde antes da fundação do mundo, nos escolheu ainda antes da Criação de todas as coisas e, por fim, nos salvou pela Graça:

“Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo (...) Porque os que dantes conheceram também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho (...) nos vivificou juntamente com Cristo (pela Graça sois salvos).” (Efésios 1:4; Romanos 8:29; Efésios 2:5)

Assim, hoje sabemos que não somos um acaso, mas frutos de um plano perfeito e eterno de Deus.

Enfim, pela Revelação hoje entendemos que não somos pecadores, mas, sim, novas criaturas; que não somos “pó da terra” (pois não nos conhecemos mais segundo a carne — 2ª Coríntios 5:16), mas somos espíritos perfeitos e salvos para sempre; sabemos que o Espírito Santo já habita em nós (1ª Coríntios 3:16); sabemos que não estamos em débito, pois Jesus pagou as dívidas espirituais na cruz (Colossenses 2:14); sabemos que não estamos mais debaixo de condenação (Romanos 8:1), entre outros benefícios. Toda esta revelação nos faz olhar para nós mesmos e reconhecer a maravilhosa Obra do Altíssimo em nossas vidas.

Afinal, quem é o “deus deste século”?

*“Nos quais **o deus deste século** cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus.” (2ª Coríntios 4:4)*

A negligência em se observar os contextos bíblicos sem dúvidas é um dos maiores problemas que encontramos nas religiões que têm suas bases apoiadas na Bíblia. As heresias do sistema religioso — heresias estas que foram e estão sendo passadas de geração para geração — são incontáveis e grande parte delas vem justamente desta prática condenável de isolar um versículo de seu contexto e aplicar nele uma ideia que difere totalmente do sentido original.

Um dos grandes exemplos desta manipulação do texto bíblico é a famosa frase *“Posso todas as coisas naquele que me fortalece!”*. Este versículo (Filipenses 4:13), quando isolado do ambiente textual que o cerca, nos passa a impressão de que Paulo está se referindo a uma espécie de poder de conquista que nós, em Deus, teríamos. Ou seja, quando isolado, este versículo parece afirmar que “em Deus podemos conquistar todas as coisas que queremos”. Porém, quando o lemos dentro de seu contexto é possível vermos claramente que a intenção de Paulo não era dizer que podemos conquistar todas as coisas. O contexto nos mostra que o apóstolo

estava se referindo, na verdade, ao poder de **suportar** todas as coisas. Vejamos o contexto:

*“Não digo isto por causa de necessidade, porque já aprendi a contentar-me com as circunstâncias em que me encontre. **Sei passar falta, e sei também ter abundância**; em toda maneira e em todas as coisas estou experimentado, tanto em ter **fartura**, como em **passar fome**; tanto em ter **abundância**, como em **padecer necessidade**. Posso todas as coisas naquele que me fortalece.”* (Filipenses 4:11-13)

O contexto não deixa dúvidas: quando Paulo diz que pode “todas as coisas”, ele está dizendo que por meio do poder de Deus pode tolerar toda e qualquer situação, seja ela boa ou extremamente ruim.

Outra grande distorção bíblica é a que deu origem ao tema deste texto. De acordo com o senso comum dos evangélicos e católicos, o “deus deste século” seria o suposto ser espiritual denominado “*diabo*”. De fato, quando isolamos o versículo citado no início deste texto (2ª Coríntios 4:4), podemos dizer que o “deus deste século” se trata de qualquer personagem. Afinal, sem o contexto, qualquer ideia pode ser validada. No entanto, quando aplicamos o contexto, fica fácil notar que Paulo não está falando de nenhum ser espiritual. Vejamos:

“Mas o entendimento lhes ficou endurecido. Pois até o dia de hoje, à leitura do velho pacto, permanece o mesmo véu, não lhes sendo revelado que em Cristo é ele abolido; sim, até o dia de hoje,

sempre que Moisés é lido, um véu está posto sobre o coração deles. (...) Mas todos nós, com rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor.” (2ª Coríntios 3:14-15 e 18)

O contexto é claro: quando se refere ao “deus deste século” no início do capítulo 4, Paulo está falando do personagem citado no final do capítulo 3, isto é, **Moisés** — a Lei, no caso —, que como um véu “cobria o rosto” das pessoas (as cegava) em relação ao Evangelho.

Com estes dois exemplos de distorção das mensagens bíblicas, podemos observar com muita exatidão o perigo que é para a vida dos eleitos esta prática absurda de interpretar a Palavra de Deus de acordo com interesses pessoais de líderes desviados da verdade.

Como ouvirão, se não há quem pregue?

*“Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram? **E como ouvirão, se não há quem pregue?**” (Romanos 10:14)*

A Predestinação é uma das doutrinas mais perfeitas e bem fundamentadas que podemos encontrar na Bíblia. Infelizmente, porém, esta doutrina tão maravilhosa, genuinamente bíblica e que indubitavelmente exalta a Soberania de nosso Senhor tem sido renegada pela esmagadora maioria dos que se dizem seguidores da Palavra de Deus.

Um dos argumentos daqueles que não creem na Predestinação é o seguinte: “Se já estamos predestinados, então não precisamos mais pregar a Palavra!”. É evidente que tal argumento é fruto de uma imensa ignorância. Afinal, o apóstolo que mais ensinou sobre Eleição e Predestinação foi também o que mais levou a Palavra ao mundo, a saber, Paulo. Este fato nos mostra muito claramente que a Predestinação não anula nosso dever de pregarmos a Palavra da Graça de Deus que nos foi revelada pela Sua misericórdia. Ao contrário! Saber que Deus escolheu um povo para Si segundo o beneplácito de Sua vontade soberana, nos impulsiona ainda mais a buscarmos a evangelização do mundo:

*“Fiz-me como fraco para os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para por **todos os meios chegar a salvar alguns**.” (1ª Coríntios 9:22)*

O que as pessoas do sistema religioso não entendem é que nós não devemos pregar com o intuito de salvar as ovelhas quanto à eternidade delas, pois a Salvação eterna de todos os escolhidos já é um ato consumado desde a cruz de nosso Senhor Jesus Cristo:

*“Porque se nós, quando éramos inimigos, **fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho**, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida.” (Romanos 5:10)*

Como vimos, na morte de Cristo houve a reconciliação do cosmos de uma vez por todas. Esta foi a Salvação eterna. Assim, a pregação do Evangelho após a cruz tem o intuito de salvar os predestinados no que tange **aos seus entendimentos**. Todos os filhos, independentemente de qualquer coisa, já estão salvos eternamente pela Graça no espírito (homem interior). Todavia, nem todos têm a Salvação manifestada na mente. Desta forma, saber que há eleitos perdidos no mundo, nos engodos da religião, nas obras da carne etc., só nos leva a desejar que a libertação que vem pelo conhecimento da verdade (João 8:32) alcance o máximo de escolhidos que estão no mundo.

Uma das coisas que mais me incomodam é ver pessoas pouco (algumas nem um pouco) interessadas

em levar a Palavra da Graça adiante. Tais pessoas receberam a Palavra, mas não se preocupam em levá-la a outras vidas. Esta inércia é extremamente prejudicial à missão da Igreja na Terra. Penso que conhecer a Graça acende em nós um desejo ardente de levar o conhecimento aos olhos espirituais do maior número de pessoas possível. Ao menos comigo foi assim. E o Ministério Internacional Graça sobre Graça é fruto desta grande aspiração em minha vida.

Felizmente, boa parte dos abençoados que receberam a genuína Graça através de nosso trabalho, hoje também dedicam suas vidas à evangelização, o que me deixa muito feliz e com o sentimento de que estamos no que caminho certo. Contudo, percebo que muitos ainda precisam despertar para a realidade incontestável que nos cerca: ainda há um incontável número de filhos de Deus que precisam de libertação. Por isso não podemos nos calar, pois como estes irmãos vão ouvir a Palavra, se não há quem a leve? Em outras palavras, como seus familiares, amigos, vizinhos etc. vão ter contato com a Verdade se você não a apresenta? Pense nisso.

Nosso Ministério tem uma quantidade de material em Graça tão imenso que não existem desculpas para a falta empenho na evangelização. Qualquer pessoa, mesmo não tendo aptidão para pregar ou ensinar pode, por meio de nosso conteúdo, levar a Palavra facilmente. Por isso, arregace as mangas e faça a sua parte.

O Reino de Deus precisa ser “ativado”

“Consequentemente, a fé vem por ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a Palavra de Cristo.”

(Romanos 10:17 — NVI)

Frequentemente nós usamos o termo “ativar” para nos referirmos a algo que está em nosso âmbito espiritual e que precisa ser manifestado em nossa vida neste mundo material. Os exemplos mais corriqueiros do uso são as expressões “*ativar a fé*” e “*ativar a mente de Cristo*”. E, não obstante tal termo (“ativar”) não estar literalmente na Bíblia, nós o usamos como metáfora, pois ele faz todo sentido à luz da Doutrina da Graça. E por quê? Naturalmente porque as esferas material e espiritual são completamente distintas e, por isso, estão separadas. Assim sendo, é necessário um “algo a mais” para que a barreira carnal seja transposta e aquilo que é espiritual atue em nossas vidas.

Quando falamos em *ativar a fé* — que é uma das bênçãos espirituais que estão em nosso homem interior —, estamos falando em trazê-la do espírito para esta realidade material, a fim de que ela atue a nosso favor. Da mesma forma ocorre com a mente de Cristo. Esta precisa também vencer a barreira carnal para nos conduzir espiritualmente nesta vida, a despeito da natureza humana. Em ambos os exemplos, o “algo a mais” citado anteriormente é, nada mais, nada menos, que a Pa-

lavra de Deus. Ou seja, é a mensagem de Cristo que traz à tona as bênçãos de nosso homem interior. Não por acaso Paulo diz — no versículo inicial deste texto — que a fé vem por ouvir a mensagem de Cristo.

Assim como a fé e a mente de Cristo são *ativadas* por ouvirmos a Palavra, o Reino de Deus precisa de *ativação*, pois Ele também está dentro de nós (no espírito):

*“Sendo Jesus interrogado pelos fariseus sobre quando viria o reino de Deus, respondeu-lhes: O reino de Deus não vem com aparência exterior; nem dirão: Ei-lo aqui! ou Ei-lo ali! Pois o **Reino de Deus está DENTRO de vós.**” (Lucas 17:20-21; versão Almeida Revisada Imprensa Bíblica)*

Certa vez, em um de nossos cultos dominicais que são transmitidos ao vivo pela Internet, eu incentivei os amados a estarem sempre presentes nas transmissões. Para tanto, usei o argumento da priorização do Reino de Deus. Após a transmissão fui ler os contatos enviados que não puderam ser lidos ao vivo e me deparei com uma mensagem que dizia: “O Reino de Deus não é a sua instituição religiosa”. Ou seja, o autor da mensagem havia entendido (ou apenas se fez de tolo e quis ofender gratuitamente) que por ter usado o argumento da priorização do Reino de Deus eu estaria afirmando que o nosso Ministério é o Reino de Deus. É óbvio que sabemos que o Reino do Senhor não é uma instituição ou qualquer placa denominacional. Neste caso, quando usei o argumento citado, o fiz no sentido de

que o povo de Deus compreendesse a importância de estar em contato com a Palavra da Graça de Cristo que é pregada em nosso Ministério.

Como vimos anteriormente, por estar em nosso interior o Reino precisa da Palavra para se manifestar em nosso viver. E o ato de se submeter à Mensagem, ouvindo-a e praticando-a, manifesta as benesses espirituais que já nos foram concedidas por Cristo. E o que é a manifestação deste o Reino? O apóstolo Paulo responde:

*“Porque o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas é **justiça**, e **paz**, e **alegria** no Espírito Santo (...) o Reino de Deus não consiste em palavras, mas em **poder**.”* (Romanos 14:17; 1ª Coríntios 4:20)

Culto racional ou culto emocional?

“Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.” (Romanos 12:1)

É de suma importância que estipulemos para nós mesmos as nossas prioridades na vida. Digo isto, pois determinar prioridades faz parte da projeção e da organização necessárias para que a nossa caminhada no mundo se dê da melhor maneira possível. E, claro, precisamos ter em mente que devemos priorizar o que realmente é importante para nós; o que realmente vai fazer a diferença em nossas vidas.

O apóstolo Paulo, escrevendo aos romanos, nos ensina qual é o verdadeiro culto que deve ser oferecido a Deus: **o culto racional**. E o que significa isto? Racional está relacionado à razão; a razão está ligada à lógica e à inteligência, e estas, por sua vez, estão ligadas à mente, ao entendimento. Por isso, e não por acaso, que Paulo, ao falar da forma como servia a Deus, afirmou aos romanos o seguinte:

“Dou graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor. Assim que eu mesmo com o entendimento (com a mente) sirvo à lei de Deus...” (Romanos 7:25)

Como está claro no texto que acabamos de ler, Paulo servia a Deus por meio de sua mente. Assim, fica estipulado pela Palavra que neste Novo Pacto é em nosso ambiente mental que devemos servir ao Senhor; e isto se dá, principalmente, por meio da busca e valorização do conhecimento oriundo do Evangelho.

No início deste texto falei sobre priorizarmos coisas que são verdadeiramente importantes para o nosso viver. E, infelizmente, o que mais tenho notado ao longo deste meu período à frente do Ministério Internacional Graça sobre Graça é que as pessoas no meio da religião estão longe de terem o aprendizado da Palavra do Senhor como prioridade em suas vidas. Muitos até têm zelo por Deus, mas não possuem entendimento:

“Porque lhes dou testemunho de que têm zelo de Deus, mas não com entendimento.” (Romanos 10:2)

Ora, se alguém está servindo a Deus, mas não está realizando isto com entendimento, esta pessoa não está servindo a Deus de maneira legítima uma vez que, como já vimos, é com o entendimento que servimos ao Pai de nossos espíritos.

É lamentável notarmos que as pessoas no meio da religião (mais precisamente evangélicos tradicionais e católicos) ainda estão à procura de **emoção** e não da **razão**. Muitos (a grande maioria, acredito) têm um conceito muito equivocado do que vem a ser um culto genuíno. Muito provavelmente, se perguntarmos para

algum religioso o que ele entende ser um culto satisfatório, este dirá que é aquele culto onde ele “sente a presença de Deus”. Entenda-se por “sentir a presença de Deus” o fato de as pessoas se emocionarem, chorarem etc. Neste caso, quando as pessoas dizem “o culto da minha igreja hoje foi maravilhoso”, geralmente elas não estão falando do ensino recebido, mas da emoção que sentiram na hora das canções entoadas ou da “oração forte” do pastor, enfim. Biblicamente, porém, um culto satisfatório é aquele oferecido a Deus em nossa mente através da revelação de Sua Palavra. Isto é, quando, a cada reunião, recebemos a Palavra de Cristo em nosso entendimento, glorificamos a Deus pelo alimento espiritual recebido e oferecemos a nossa racionalidade ao Senhor, ativando a mente de Cristo em nossa alma, estamos cultuando verdadeiramente Àquele que nos deu vida, e vida com abundância.

Para concluir, quero dizer que não é errado sentirmos emoção e até chorarmos quando louvamos ao nosso Deus ou quando em oração nos dirigimos a Ele. Porém, sentir emoção não é a nossa prioridade. Em outras palavras, não devemos nos reunir a fim de nos emocionarmos apenas, mas, sim, para racionalmente buscarmos conhecer mais e mais nosso Senhor por intermédio de Sua Palavra.

Oração: uma arma muito poderosa

*“E rogo-vos, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, que **combatais comigo nas vossas orações** por mim a Deus.” (Romanos 15:30)*

Não obstante vivermos em um período onde toda obra espiritual quanto à Salvação eterna **já esteja consumada** (João 19:30; Hebreus 5:9) — e por isso já descansamos para sempre quanto à nossa posição espiritual diante de Deus — sabemos que existem batalhas neste mundo natural que ainda precisam ser travadas. Vejamos dois exemplos:

“Porque, andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnaís, mas sim poderosas em Deus para destruição das fortalezas. Destruindo os conselhos, e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo.” (2ª Coríntios 10:3-5)

Nesta passagem bíblica vemos Paulo se referindo a uma grande batalha que é a nossa luta contra todos os sofismas que se levantam contra o verdadeiro conhecimento de Deus oriundo da revelação do Evangelho da Graça. Aliás, como já sabemos, esta é **a verdadeira batalha espiritual** que nos está proposta para esta Nova Aliança.

O segundo exemplo de guerra que ainda temos de travar é a luta entre a nossa carne e o Espírito que habita em nós — luta contínua e que, portanto, precisa de um grande e constante cuidado.

“Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e estes opõem-se um ao outro...” (Gálatas 5:17)

Se temos batalhas, certamente precisamos de armas. E Paulo fala de algumas delas ao escrever aos efésios:

*“Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes. Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça; e calçados os pés na preparação do evangelho da paz; tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno. Tomai também o capacete da salvação, e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; **orando em todo o tempo** com toda a oração e súplica no Espírito, e vigiando nisto com toda a perseverança e súplica por todos os santos.” (Efésios 6:13-18)*

Como se pode notar facilmente nesta passagem da Carta aos Efésios, o apóstolo dos gentios usa diversas armas de guerra como metáforas para as armas espirituais que temos para utilizar em nossas lutas. E no final de seu argumento, como que para enfatizar, Paulo encerra seu raciocínio se referindo à oração, dizendo que devemos usá-la “todo o tempo”.

No versículo inicial o apóstolo Paulo diz: “combatais comigo nas vossas orações”. Isto nos aponta que a oração é, de fato, uma arma de combate. Assim sendo, se somarmos isto a tudo que já dissemos até aqui, veremos que a oração é uma arma poderosíssima que temos à nossa disposição.

Já que, como vimos, estamos em uma verdadeira linha de combate diária, não podemos nos privar de usar uma de nossas principais armas todos os dias. Portanto, a oração é fundamental para que nossas lutas sejam vencidas, para que nossos sonhos se realizem, para que possamos ter mais contato mental com Deus, para que as nossas necessidades e petições sejam expostas ao Pai, a fim de que não fiquemos ansiosos por coisa alguma (Filipenses 4:6) e, acima de tudo, para que possamos, por meio da oração, externar toda a nossa gratidão a Deus:

“Perseverai em oração, velando nela com ação de graças.” (Colossenses 4:2)

Já comemos a Sua carne e bebemos o Seu sangue

“Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia.” (João 6:54)

O cerimonialismo religioso é uma das coisas mais prejudiciais para a vida dos eleitos de Deus. Apesar disso, infelizmente as cerimônias são mais valorizadas no meio das congregações do que o próprio estudo da Palavra de Deus.

Poderíamos enumerar aqui diversos motivos pelos quais as cerimônias trazem prejuízo às ovelhas, mas quero me ater a apenas um neste momento: o cerimonialismo impede as pessoas de enxergarem as verdades contidas na Palavra. Isto se dá, porque as cerimônias são elementos que estão diretamente relacionados com a carne (natureza humana), não tendo, portanto, nada a ver com nosso âmbito espiritual. Uma prova bíblica disto vem do que Paulo escreveu aos romanos:

*“Pois o que era impossível **à lei**, visto que **estava enferma pela carne**, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne.” (Romanos 8:3)*

Como vimos, a Lei estava contaminada pela carne. Consequentemente, todas as suas cerimônias também estavam. E continuam contaminadas. Assim sendo,

quando alguém se envolve com uma cerimônia oriunda da Lei (mesmo que não seja uma cerimônia original, mas apenas algo baseado ou inspirado no que se fazia no Antigo Pacto), esta pessoa está envolvida em coisas **carnais**.

Sendo coisas concernentes à Lei, as cerimônias nada mais são que um véu que cobre o rosto das pessoas, fazendo-as não enxergar o melhor de Deus que está em Sua Palavra, a saber, a revelação de Sua eterna Graça:

*“Mas os seus sentidos foram endurecidos; porque até hoje **o mesmo véu está por levantar na lição do velho testamento**, o qual foi por Cristo abolido. E até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles. Mas, quando se converterem ao Senhor, então o véu se tirará.” (2ª Coríntios 3:14-16)*

Um exemplo muito claro da cegueira espiritual que as cerimônias religiosas causam nas pessoas é o entendimento de que precisamos periodicamente participar da tal “Santa Ceia” para que tenhamos parte com Cristo e, por conseguinte, tenhamos a vida eterna. Não obstante tal cerimônia sequer existir nos anais da história bíblica (o que existe é a Páscoa Judaica, chamada também de “Ceia do Senhor”), na maioria das congregações mundo afora, geralmente uma vez ao mês, as pessoas comem um pedaço de pão e bebem um pouco de vinho (ou suco de uva) a fim de “comerem a carne e beberem o sangue de Jesus” e, com isso,

manterem sua comunhão com o Senhor. Este sofisma vem do isolamento do versículo inicial citado neste texto, onde Jesus diz que quem come a Sua carne e bebe o Seu sangue tem a vida eterna. A prática chamada de “Santa Ceia” mascara a verdade por traz do que Jesus quis ensinar de fato, pois em momento algum no contexto o Senhor se referia a qualquer cerimônia. Como pode ser facilmente observado em todo o capítulo seis do livro histórico de João, comer a carne e beber o sangue de Jesus é **CRER NELE** — e não comer um pedaço de pão ou beber um pouco de suco de uva.

*“Na verdade, na verdade vos digo que aquele que **crê em mim tem a vida eterna**. Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná no deserto, e morreram. Este é o pão que desce do céu, para que o que dele comer não morra.” (João 6:47-50)*

Está claro que quem crê tem a vida eterna. Logo, comer a carne e beber o sangue é o mesmo que **CRER NO SENHOR**. Por isso, posso afirmar sem medo de errar que nós já comemos a carne do Senhor e já bebemos o Seu sangue, pois nós cremos nele. E, para Sua glória, nós continuamos nos alimentando dele todas as vezes que recebemos a Sua Palavra em nossa mente.

Os gentios jamais tiveram Lei

“Porque, quando os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei, não tendo eles lei, para si mesmos são lei.” (Romanos 2:14)

Sem sombra de dúvidas uma das maiores dificuldades para o bom entendimento do Evangelho da Graça é a falta de conhecimento das pessoas em relação à diferença entre judeus e gentios. Eu, particularmente, passei vinte anos no meio do sistema religioso e, mesmo exercendo liderança, sendo professor de classes em Escolas Bíblicas e pregador desde os quinze anos de idade, jamais durante todo este tempo eu soube desta verdade, pois nenhum dos meus líderes naquele tempo ensinou à igreja sobre este tema. E, apesar de ser algo tão claro na Palavra, à época jamais enxerguei que Paulo era o apóstolo escolhido por Deus para ser enviado especificamente aos gentios e, muito menos, que ele pregava um *Evangelho diferente*. No caso, o Evangelho para o Novo Pacto.

Sem entender a questão dos gentios, jamais será possível compreender o porquê de não ser correto praticarmos obras da Lei, cerimonialismos e festas judaizantes.

Antes de prosseguirmos, vamos ver que verdadeiramente Paulo foi, da parte de Deus, o apóstolo definitivo aos gentios e ao Evangelho da Graça:

*“Porque convosco falo, gentios, que, enquanto for **apóstolo dos gentios**, exalto o meu ministério.” (Romanos 11:13)*

*“Para o que (digo a verdade em Cristo, não minto) fui constituído pregador, e apóstolo, e **doutor dos gentios** na fé e na verdade.” (1ª Timóteo 2:7)*

*“Mas em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira, e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do **Evangelho da Graça de Deus**.” (Atos 20:24)*

Está bem claro que Paulo foi apóstolo para os gentios e lançou o fundamento da Palavra da Graça. Assim, surge a pergunta que todos no meio do povo de Deus deveriam se fazer: por que o Senhor separou um apóstolo além dos doze que Ele já possuía? Bem, se o Pai fez isto, é porque Ele desejava, obviamente, que os gentios ouvissem uma Palavra específica, além daquilo que os doze discípulos de Jesus de Nazaré poderiam oferecer. E mais: ao separar Paulo e lhe revelar o Evangelho da Graça, sem compromissos com as obras da Lei, o Senhor deixou bem claro que o Seu desejo para os gentios é que estes não se envolvam com a religiosidade judaica.

O que vemos no meio das congregações desde muitos séculos (ou seja, isto não ocorre apenas hoje em dia) é uma verdadeira afronta à vontade do Senhor para os Seus eleitos que não são hebreus. Afinal, a grande maioria dos gentios que creem está absolutamente ju-

daizada. E um gentio ser judaizado, biblicamente, é uma grande heresia:

“Mas, quando vi que não andavam bem e diretamente conforme a verdade do evangelho, disse a Pedro na presença de todos: Se tu, sendo judeu, vives como os gentios, e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus?” (Gálatas 2:14)

O chamado de todo o povo predestinado de Deus, inclusive os de sangue israelita, é para viver longe das obras da Lei. Mas, este chamado se torna ainda mais forte para os não são hebreus, pois estes nunca tiveram Lei espiritual da parte do Pai. Os gentios nunca fizeram Páscoa Judaica, nunca deram díizimos, nunca guardaram sábados etc. Se nem mesmo na época da Lei de Moisés — que era exclusividade dos judeus — os gentios cumpriam seus rituais, por que justamente agora, no tempo da Graça, precisam cumprir?

Definitivamente o povo de Deus necessita acordar urgentemente para estas verdades.

A causa da Eterna Salvação

“E, sendo ele consumado, veio a ser a causa da eterna salvação para todos os que lhe obedecem.” (Hebreus 5:9)

Antes de tratarmos propriamente do tema proposto, acho importante entendermos a parte final deste versículo inicial. Afinal, quando lemos que a Salvação é “para todos os que lhe obedecem”, parece que a obediência é a causa da nossa Salvação. É claro que se nós isolarmos este versículo de todo o contexto da Bíblia poderíamos de fato afirmar isto. Porém, quem é conhecedor do Evangelho da Graça sabe que a Salvação eterna não depende de nenhum mérito humano. Assim, fica fácil concluirmos que não é o fato de obedecer que nos torna salvos. Na verdade, é o contrário: o fato de já sermos salvos (e quando a Salvação se manifesta em nossa mente) é o que nos leva a obedecer ao Senhor. Portanto, quando a Palavra diz que a Salvação é para os que obedecem é porque quem já é salvo pela Graça — isto é, sem mérito próprio — (e tem a Salvação manifestada em sua mente) já obedece naturalmente à Palavra de Deus. Então, a obediência não é a causa da Salvação, mas **o reflexo** dela.

O versículo que citei no início deste texto é muito claro: “sendo Ele (Jesus) consumado, veio a ser a causa da eterna Salvação”; em outras palavras, Jesus é o fator único (é o suficiente autor) de nossa Salvação. Apenas esta passagem bíblica já pode ser usada para que-

brarmos todas as teorias dos religiosos que, apesar de tanta evidência bíblica, ainda insistem que a Salvação eterna depende de nós, de nossos esforços, de nossa “santidade”, da aparência física, tipo de vestimenta etc.

Jesus Se manifestou justamente porque o homem jamais teria capacidade de se salvar a si mesmo. Antes da cruz todos os homens, escolhidos ou não, estavam em condenação:

*“Entre os quais todos nós também antes andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos **por natureza filhos da ira, como os outros também.**” (Efésios 2:3)*

Por causa da carne (“por natureza”) os filhos da Salvação antes da cruz estavam em pé de igualdade com os filhos da ira. Se Jesus não tivesse vindo e morrido por nós, nem mesmo os filhos da Salvação seriam salvos por causa da natureza humana. Inclusive nós que vivemos nesta era também não estaríamos livres da condenação. Ao morrer na cruz o Senhor nos livrou de nossa natureza humana (e conseqüentemente da condenação) no que tange a nossa posição diante de Deus:

*“Pois sabemos que **o nosso velho homem foi crucificado com Ele**, para que o corpo do pecado seja **destruído**, e não mais sejamos escravos do pecado. (...) Porque **já estais mortos**, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus.” (Romanos 6:6; Colossenses 3:3)*

Deus Se manifestou em carne (1ª Timóteo 3:16), pois Ele sempre soube que o homem jamais se salvaria por seus próprios esforços. Isaías é muito claro ao se referir aos méritos humanos:

“...Todos os nossos atos de justiça são como trapo de imundície...” (Isaías 64:6)

A nossa Salvação já está consumada para sempre! (João 19:30) E não foi preciso fazermos nada para que isto seja uma realidade em nossas vidas, pois Jesus, e somente Ele, Se fez a causa de nossa Redenção eterna. Por isso, não somos como os religiosos que confiam na carne (nas ordenanças, nos sacrifícios, no cerimonialismo etc.). Nós confiamos apenas em Cristo:

“...nos gloriamos em Jesus Cristo, e não confiamos na carne.” (Filipenses 3:3)

Somente a Deus toda honra e toda glória

“Porque dele, e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente. Amém.” (Romanos 11:36)

A iluminação de nossos olhos espirituais (ocorrida quando o genuíno Evangelho da Graça de Deus nos alcançou) nos fez enxergar o grande lamaçal de mentiras que é a religião que está institucionalizada há séculos no mundo.

As heresias do sistema religioso “cristão” (leia-se Igreja Católica Romana e as denominações protestantes) são muitas. Isto, claro, leva o povo de Deus a viver embaraçado com incontáveis sofismas, servindo ao Senhor por meio de obras sacrificiais, fragmentos da Lei de Moisés, dogmas de homens, entre outras abominações. E um dos males da religião que mais prejudica o desenvolvimento da vida espiritual dos eleitos de Deus é o fato de a religiosidade direcionar para o homem a glória que deve ser dada unicamente ao Pai de nossos espíritos.

Este verdadeiro roubo da glória do Senhor ocorre, pelo menos, de duas maneiras:

1) ADORAÇÃO (VELADA OU EXPLÍCITA) AOS LÍDERES

Em 2013 recebemos no Rio de Janeiro a presença do “Pontífice” da Igreja Católica (pontífice que, aliás, significa *construtor de pontes* — como se o líder máximo católico fosse o responsável por construir a ponte; a ligação direta do homem com Deus. Por mais que os católicos neguem, não há dúvidas de que o que vimos foi um verdadeiro festival de adoração a um homem. O Papa foi exaustivamente venerado, recebendo das pessoas toda a honra que deve ser dada somente ao Senhor.

A propósito, este tipo de adoração não é privilégio do Papa católico. Não poucas vezes podemos observar vários líderes evangélicos também sendo adorados por seus seguidores. Um exemplo claro disto pode ser visto na mídia, onde os objetos usados por certo “apóstolo” são disputados aos tapas pelo público presente em suas reuniões.

É claro que os eleitos devem amar, respeitar, obedecer e se submeter aos seus líderes que foram levantados por Deus. Isto é bíblico e agrada o Senhor:

“Lembraí-vos dos vossos pastores, que vos falaram a palavra de Deus, a fé dos quais imitai, atentando para a sua maneira de viver. (...) Obedecei a vossos pastores, e sujeitai-vos a eles; porque velam por vossas almas, como aqueles que hão de dar conta delas; para que o façam com alegria e não gemendo, porque isso não vos seria útil.” (Hebreus 13:7 e 17)

Contudo, isto não deve ultrapassar o limite e chegar à adoração — que deve ser oferecida exclusivamente a Deus.

2) A AUTOGLORIFICAÇÃO

Além de levar o povo de Deus a desviar o foco de sua adoração para os homens, a religião faz as pessoas glorificarem-se a si mesmas. As práticas religiosas levam os praticantes a acreditarem que o que eles são diante de Deus, as suas conquistas, a sua Salvação eterna, entre outros benefícios vêm de seus desempenhos. Assim, eles acabam se autoglorificando, pois não atribuem a Cristo as benesses espirituais, mas às suas práticas. Por exemplo: muitas vezes vi pessoas se dizendo “santificadas” porque haviam acabado de “descer do monte”. Outras vezes vi líderes religiosos recomendarem a prática de jejuns para que os obreiros estivessem “preparados” para orar pelas pessoas durante o culto. Enfim.

A Graça de Deus nos faz direcionar toda a nossa adoração, louvor e glorificação ao Pai, pois por meio da revelação entendemos que todas as nossas conquistas, toda nossa capacidade e tudo que somos é somente pela Graça, sem religiosidade e sem obras da Lei (1ª Coríntios 15:10; 2ª Coríntios 3:5).

Galardão: a Justiça de Deus em nossas vidas

“Ora, o que planta e o que rega são um; mas cada um receberá o seu galardão segundo o seu trabalho. (...) Se a obra que alguém edificou nessa parte permanecer, esse receberá galardão.”
(1ª Coríntios 3:8 e 14)

Quando o Espírito Santo nos revela a Graça de Deus conquistada por Cristo na cruz, e consequentemente entendemos todos os seus benefícios, passamos a diferenciar a Salvação eterna do Galardão. Afinal, a primeira vem pela Graça (sem obras, sem justiça e mérito humanos), o segundo, por outro lado, vem das obras (que fique claro que não vem das obras da Lei, mas das obras que realizamos pelo Reino de Deus).

Diferenciar Salvação eterna e Galardão é fundamental para compreendermos o plano de Salvação do Pai. Infelizmente, porém, a maioria do povo que se diz cristão confunde-se neste assunto e isto traz muita confusão para estes que ainda não tiveram a plena revelação da Palavra, pois tais pessoas pensam: “Se a Salvação não veio pelas obras, por que tenho que fazer a obra de Deus, se tanto eu que trabalho quanto os que nada fazem pelo Reino somos salvos igualmente?”. É neste momento que o Galardão atua como Justiça de Deus em nossas vidas.

Como a Salvação eterna e o Galardão são coisas completamente diferentes, os tribunais que tratam destas duas esferas, claro, também são diferentes. O tribunal de Deus que trata da Salvação, o chamado de “Juízo Final”, já aconteceu. E Jesus de Nazaré profetizou sobre ele:

“Quando, pois, vier o Filho do homem na sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; e diante dele serão reunidas todas as nações; e ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos à esquerda. Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai. Possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.” (Mateus 25:31-34)

Sabemos que a Redenção foi consumada na cruz (Efésios 1:7); assim, fica subentendido que o Juízo Final — quanto à Salvação eterna — já foi concretizado. Representando as nações, os malfeitores estiveram junto a Cristo na crucificação e foram postos — como disse Jesus — um à direita e o outro à esquerda. O ladrão da direita foi salvo pela Graça. O outro, por não ser um eleito, naturalmente foi lançado no “fogo eterno” (que é uma metáfora do Juízo condenatório de Deus). Já o Juízo relativo às obras, que não tem nada a ver com a Salvação, é somente para os eleitos e vai se manifestar depois de nossa morte no corpo carnal (Hebreus 9:27):

“Pois todos nós devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba de acordo com as obras praticadas por meio do corpo, quer sejam boas quer sejam más. (...) E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo. (2ª Coríntios 5:10; Hebreus 9:27)”

Como podemos constatar em um dos versículos citados no início, o Galardão é individual, segundo o trabalho de cada um:

“...mas cada um receberá o seu galardão segundo o seu trabalho.” (1ª Coríntios 3:8)

Ou seja, todos nós, eleitos desde antes da fundação do mundo, já somos salvos pela Graça, independente se temos obras ou não. Mas só vai receber Galardão (do grego “*mistós*” que significa “recompensa pelo trabalho”; “salário”) aqueles que praticarem aquilo que nos está proposto por Deus em Seu Reino.

Desta forma, o Senhor fará Justiça, pois, não obstante salvar a todos os Seus eleitos com ou sem obras, os que trabalharem para o Senhor receberão a justa recompensa. E assim ninguém se sentirá injustiçado ou poderá dizer que trabalhou em vão. Este é o Deus que servimos: Justo para com todos.

“Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor. (...) Porque Deus não é injusto para se es-

quecer da vossa obra, e do trabalho do amor que para com o seu nome mostrastes...” (1ª Coríntios 15:58; Hebreus 6:10)

A Graça veio por Jesus ou por Paulo?

“Porque a lei foi dada por Moisés; a Graça e a verdade vieram por Jesus Cristo.” (João 1:17)

A resposta para a pergunta do tema parece bastante óbvia, principalmente se levarmos em conta o versículo acima. O texto histórico de João não nos deixa dúvidas: a Graça veio por meio de Jesus. Mas, se é tão evidente, por que a pergunta do tema, ainda assim, é pertinente?

Um dos pontos que o Evangelho da Graça nos desvenda logo nos primeiros contatos com a Revelação é o fato de que nós pertencemos ao Outro, ou seja, à outra manifestação de Jesus: o Cristo Ressuscitado.

*“Assim, meus irmãos, vocês também morreram para a lei, por meio do corpo de Cristo, **para pertencerem a outro**, àquele que ressuscitou dos mortos, a fim de que venhamos a dar fruto para Deus.” (Romanos 7:4 – NVI)*

E uma das consequências de termos este entendimento é o fato de não buscarmos imitar muitas das obras de Jesus de Nazaré por sabermos que Ele estava debaixo da Lei — pois Ele veio justamente para cumpri-la — e também a capacidade que temos de filtrar os ensinamentos de Jesus enquanto judeu e retermos apenas o que é bom, ou seja, retermos apenas aquilo que está em linha

com a Graça que o Cristo já ressurreto deu a Paulo no Terceiro Céu.

É fato que nós não imitamos todas as obras de Jesus de Nazaré e não assimilamos os aspectos judaizantes de Seus ensinamentos. Então, por que o texto bíblico diz que a Graça veio por Jesus Cristo, se Ele não ensinou todo o conceito da Graça para os Seus discípulos e para os demais judeus em Seu período aqui na Terra?

É claro que Jesus de Nazaré sempre soube de toda a Revelação da Graça e há um texto que nos expõe um episódio muito interessante que confirma isto:

*“Ainda tenho **muito** que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora.” (João 16:12)*

Jesus disse que havia muito ainda a ensinar, mas que seus ouvintes não estavam preparados para tais ensinamentos. Estas palavras de Jesus de Nazaré são a prova de que havia revelações muito maravilhosas a serem ainda ministradas. Evidentemente, Ele se referia ao Evangelho da Graça de Deus. Assim, mais uma vez surge a questão: como explicar que a Graça veio por Jesus, se Ele não podia ainda transmitir a Revelação? Muitos têm esta dúvida, mas não é difícil compreendermos isto. A Graça veio por Cristo, pois Ele mesmo foi o agente para que o Seu Favor Eterno se tornasse uma realidade para os Seus escolhidos:

“Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa; porque, se pela ofensa de um morreram muitos, muito mais a graça de Deus, e o

dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo, abundou para com muitos.” (Romanos 5:15)

Como podemos constatar no versículo que acabamos de ler, através de Cristo a Graça se tornou abundante para todos os Seus. Por isso podemos afirmar sem qualquer dúvida: a Graça veio por Jesus Cristo!

Por intermédio da manifestação de Jesus Cristo em carne e de Sua Obra concretizada na cruz o poder da Graça nos alcançou, nos libertando da Lei, do pecado e de todo o contexto do Antigo Pacto (o “império das trevas”). Porém, o entendimento desta Graça veio por meio de Paulo que recebeu da boca do Justo (Atos 22:14) no Paraíso a Revelação do Único Evangelho para esta Nova Aliança.

Em suma: Cristo não veio para ensinar plenamente sobre a Graça. Ele veio para **ser a Graça**. O desígnio de ensinar sobre o que o Senhor fez no Calvário foi dado a Paulo, que foi escolhido desde antes da fundação do mundo para este fim: fazer o perfeito raciocínio do Pacto Eterno chegar aos eleitos de Deus.

Nós não somos como Moisés

*“E **não somos como Moisés**, que punha um véu sobre a sua face, para que os filhos de Israel não olhassem firmemente para o fim daquilo que era transitório.” (2ª Coríntios 3:13)*

Sem dúvida alguma, quando nos convertemos verdadeiramente ao Senhor Jesus, o véu de Moisés (Antigo Pacto) é retirado definitivamente de nossos olhos. Isto ocorre em nossas vidas quando o Evangelho deste Novo Pacto nos é revelado. A propósito, a palavra revelar significa “tirar o véu”, “deixar ver”, “manifestar”, “fazer conhecer” etc.

“E até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles. Mas, quando se converterem ao Senhor, então o véu se tirará.” (2ª Coríntios 3:15-16)

Como podemos observar no versículo que inicia este texto, Paulo diz que Moisés pusera um véu sobre seu próprio rosto. E, de acordo com o contexto deste versículo, o grande líder dos hebreus fez isto, pois sua face brilhava de tal maneira que os filhos de Israel não conseguiam enxergar o seu semblante devido à ofuscação causada pelo clarão:

“Ora, se o ministério da morte, gravado com letras em pedras [a Lei], veio em glória, de maneira que os filhos de Israel não podiam fixar os olhos no rosto de Moisés, por causa da glória do

seu rosto, a qual se estava desvanecendo, como não será de maior glória o Ministério do Espírito?” (2ª Coríntios 3:7-8)

Certamente Paulo utilizou este acontecimento da história hebreia como uma metáfora do que a Lei ocasiona na visão espiritual das pessoas. Se observarmos bem, o rosto de Moisés brilhava tanto que ninguém conseguia enxergá-lo. Ou seja, assim como o brilho na face de Moisés impossibilitava a visão das pessoas, hoje em dia a Lei do Antigo Pacto faz o mesmo com os olhos espirituais do povo: ela ofusca os entendimentos, não permitindo que os santos vislumbrem os benefícios da Nova Aliança. E ainda de acordo com a figura usada por Paulo, o impedimento oriundo da Lei ocorre em duas vias. Explico: por um lado o povo não podia ver o rosto de Moisés por causa da luz forte que este emitia; por outro lado o próprio líder hebreu também não podia enxergar adiante, pois tinha um véu à frente de seus olhos.

Uma das mensagens mais recorrentes que recebemos diz respeito à mudança que a Graça proporciona na visão dos abençoados. Muitos nos escrevem se perguntando como puderam não ter enxergado antes os conceitos da Graça que hoje, após a revelação, são tão evidentes. E isto é uma grande realidade! Durante alguns anos fui professor de classe na Escola Bíblica Dominical de duas congregações legalistas. E, apesar do conhecimento que tinha para lecionar, na época não consegui enxergar as diversas evidências do Evangelho revelado a Paulo. Da mesma maneira, o que

mais vemos no sistema religioso são líderes que têm um grande conhecimento bíblico, mas que não têm nenhuma noção da existência do Evangelho da Graça. Com isso, estes vivem por aí “...enganando e sendo enganados.” (2ª Timóteo 3:13). Hoje, por meio do conhecimento da genuína Palavra de Deus, entendemos que este tipo de bloqueio na mente ocorre por causa da presença do véu da Lei de Moisés nos olhos espirituais das pessoas. Por mais que alguém possua um grande conhecimento “técnico” da Bíblia, se não houver a legítima conversão, o véu não será retirado e, com isso, não se poderá enxergar a verdade contida nas quatorze epístolas do apóstolo dos gentios.

Sou muito grato a Deus por não sermos como Moisés. Ou seja, o grande brilho que sai de nosso rosto (a Palavra em Graça que defendemos) não bloqueia a visão dos eleitos. Ao contrário! Por meio de nossa pregação os olhos dos escolhidos são iluminados de dentro para fora (os olhos espirituais) e todo véu é retirado. Damos glórias eternas ao Pai por isto!

*“Tendo **iluminados os olhos do vosso entendimento**, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos.” (Efésios 1:18)*

Conceitos da Graça no Salmo 23

*“Mas ponham tudo à prova. Retenham o que é bom.”
(1ª Tessalonicenses 5:21)*

Não é novidade para quem está em Graça que nós não devemos basear a nossa vida no raciocínio do Antigo Pacto, pois este já foi abolido por Cristo (2ª Coríntios 3:14) — fato, aliás, que torna o envolvimento profundo com a Aliança anterior à cruz algo extremamente prejudicial para a condução de nossa vida espiritual.

Não obstante, sabemos que o apóstolo precursor do Evangelho da Graça fazia uso dos textos do Velho Pacto para basear seus ensinamentos. Isto ocorria, claro, porque os textos antigos eram a única referência, a única “bíblia”, que Paulo possuía para fundamentar seus raciocínios.

Logicamente, Paulo fazia uso dos escritos do Antigo Pacto com toda a sabedoria que lhe era peculiar. Ele consultava os textos da Velha Aliança com os olhos espirituais iluminados pela revelação da Graça a fim de reter apenas o que é bom deles. E é exatamente isto que faremos com o Salmo 23 a partir de agora:

(1) “O SENHOR É O MEU PASTOR, NADA ME FALTARÁ.”

Logo no primeiro versículo podemos observar uma confissão maravilhosa totalmente em linha com a visão da Nova Aliança. De fato, em Graça nada nos falta; já estamos completos:

“E estais perfeitos [plenos, completos] nEle, que é a cabeça de todo o principado e potestade.” (Colossenses 2:10)

(2) “DEITAR-ME FAZ EM VERDES PASTOS, GUIA-ME MANSAMENTE A ÁGUAS TRANQUILAS.”

A revelação da Nova Aliança dada a Paulo é o nosso “pasto verde”, nosso alimento sólido (Hebreus 5:14); a Palavra da Graça são águas tranquilas para o nosso entendimento.

(3) “REFRIGERA A MINHA ALMA; GUIA-ME PELAS VEREDAS DA JUSTIÇA, POR AMOR DO SEU NOME.”

Certamente não há refrigério maior para a alma de uma pessoa do que conhecer os benefícios conquistados por Cristo na cruz. E este conhecimento só pode ser obtido por meio da Doutrina da Graça. Esta Palavra nos guia pelos caminhos perfeitos da Justiça de Deus em nossas vidas.

(4) “AINDA QUE EU ANDASSE PELO VALE DA SOMBRA DA MORTE, NÃO TEMERIA MAL ALGUM, PORQUE TU ESTÁS COMIGO; A TUA VARA E O TEU CAJADO ME CONSOLAM.”

Espiritualmente falando não há mais nenhum mal a ser temido neste Novo Pacto, pois o Senhor está conosco constantemente, já fomos libertos do império das trevas (Colossenses 1:13) e estamos livres daquele que tinha o poder da morte (Hebreus 2:14).

(5) “PREPARAS UMA MESA PERANTE MIM NA PRESENÇA DOS MEUS INIMIGOS, UNGES A MINHA CABEÇA COM ÓLEO; O MEU CÁLICE TRANSBORDA.”

Em Graça sabemos que tudo já está consumado (João 19:30). Ou seja, a mesa da vitória já foi preparada na presença dos nossos inimigos. Afinal, tudo que nos era contrário já foi definitivamente derrotado. Além disso, a presença do Espírito Santo é real em nós. Ele é o nosso Óleo e estamos transbordando dEle todos os dias!

(6) “CERTAMENTE QUE A BONDAD E A MISERICÓRDIA ME SEGUIRÃO TODOS OS DIAS DA MINHA VIDA; E HABITAREI NA CASA DO SENHOR POR LONGOS DIAS.”

Neste último versículo podemos observar a segurança da Salvação. Como em Cristo nós já temos a vida eterna (João 6:47), aprendemos aqui que a bondade e a misericórdia de Deus estarão eternamente conosco. Com isso, podemos descansar, sabendo que seremos mantidos salvos para sempre, independente de obras ou méritos religiosos.

GOSTOU DO LIVRO?

Considere fazer uma **DOAÇÃO**, uma contribuição voluntária e de amor, para apoiar e incentivar a continuidade do nosso trabalho. Para isto, acesse nosso *site* na Internet ou entre em contato conosco por e-mail.

Entre em contato conosco

www.evangelhoeterno.com.br
www.abencoados.com

E-mail: **contato@abencoados.com**



youtube.com/tvmigg



instagram.com/cfeleito

CRISTIANO FRANÇA

“Eu me chamo *Cristiano Francisco da Silva*; **Cristiano França** é o meu “nome social” ou pseudônimo. Nasci na Capital do Rio de Janeiro, no bairro de Campo Grande, em 21 de setembro de 1977.

Sou um pensador, um homem estudioso, um ser humano pacífico e um otimista irremediável — apesar de todo o mal que vemos no mundo, acredito na existência do bem e, portanto, em um futuro melhor. Sou bem casado com a abençoada Juliana Dutra (amo minha família e minha esposa) e amo o Ministério que exerço no Reino de Deus.

Sou pregador desde os meus quinze anos de idade (quando ainda pertencia à Igreja Batista Jardim 7 de Abril, em Paciência/RJ) e Ministro do Evangelho da Graça desde o ano de 1999. Sou escritor, Bacharel em Teologia, professor, músico (cantor, compositor e guitarrista), formado em Processamento de Dados e Tecnologia da Informação, fundador do *Ministério Internacional Graça sobre Graça* e “mestre-cuca” em minhas horas vagas (amo cozinhar!). Acima de tudo, porém, sou um filho e servo do Deus Vivo, a saber, o Senhor Jesus Cristo Ressuscitado.

